



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES**

**OBRAS DE JEAN SEUL DE MELURET,
HETERÔNIMO FRANCÊS DE FERNANDO PESSOA:
VERSÃO E ESTUDO PRELIMINAR A PARTIR DA
EDIÇÃO REALIZADA PELA EQUIPA PESSOA
(LISBOA, 2006)**

GRAZIELE VALENTE DA SILVA

MANAUS – AM

2017

GRAZIELE VALENTE DA SILVA

**OBRAS DE JEAN SEUL DE MÉLURET,
HETERÔNIMO FRANCÊS DE FERNANDO PESSOA:
VERSÃO E ESTUDO PRELIMINAR A PARTIR DA
EDIÇÃO REALIZADA PELA EQUIPA PESSOA
(LISBOA, 2006)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas – PPGLA-UEA, sob orientação do Prof. Dr. Mauricio Matos.

MANAUS – AM

2017

GRAZIELE VALENTE DA SILVA

**OBRAS DE JEAN SEUL DE MÉLURET,
HETERÔNIMO FRANCÊS DE FERNANDO PESSOA:
VERSÃO E ESTUDO PRELIMINAR A PARTIR DA
EDIÇÃO REALIZADA PELA EQUIPA PESSOA
(LISBOA, 2006)**

Manaus, 27 de novembro de 2017

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Mauricio Gomes de Matos – PPGLA-UEA

Orientador

Prof. Dr. Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque – PPGL-UFAM

Profa. Dra. Juciane dos Santos Cavalheiro – PPGLA-UEA

DEDICATÓRIA

A meus filhos, Gustavo, Yasmin e Isabele, motivos da minha incessante busca de novos conhecimentos, aos meus pais, em especial à minha mãe, que sempre me foi fonte de inspiração, ao meu querido amigo e mestre Maurício Matos, pela oportunidade de me tornar sua orientanda, ao meu esposo que me acompanhou durante essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, ao meu amigo e orientador Maurício Matos, pelo tempo e pelo empenho dedicados a orientar os passos seguidos durante o curso deste mestrado, bem como pelas palavras de incentivo e sabedoria proferidas durante a realização desta dissertação;

Ao corpo docente do PPGLA-UEA, que esteve sempre pronto a dirimir toda e qualquer dúvida que, porventura, tenha havido durante este processo, muito obrigado pelo apoio;

À minha banca de qualificação, composta pelos Professores Doutores Gabriel Albuquerque e Juciane Cavalheiro, pelas importantes orientações e sugestões, fundamentais para a continuidade e conclusão deste trabalho;

A minha mãe Regina Celi, por sempre me inspirar e me incentivar a realizar meus sonhos;

Aos meus amigos, familiares, colegas e a todos os que, direta ou indiretamente, colaboraram para que eu pudesse concluir mais uma etapa da minha formação.

SUMÁRIO

Introdução.....	3
1. Pessoa e o Heterônimo Jean Seul	
1.1 O Ortônimo.....	5
1.2 Apresentação histórica de Pessoa.....	6
1.3 A heteronímia de Fernando Pessoa	
1.3.1 Estudo sobre a heteronímia.....	16
1.3.2 Apresentação de Jean Seul por Pessoa.....	21
1.4 As Influências	
1.4.1 A influência da Literatura Francesa.....	23
1.4.2 Influências no Ortônimo.....	27
1.4.3 As Influências Declaradas de Jean Seul.....	30
2. Obras do heterônimo Jean Seul de Méluet	
2.1 Resumo	
2.1.1 Des Cas D'ehxibicionnisme.....	34
2.1.2 La France en 1950.....	37
2.1.3 Messieurs Les Souteneurs.....	39
2.1.4 Seul.....	40
2.2 Temas.....	42
2.2.1 A França como objeto de pesquisa.....	43
2.2.2 A Degenerescência.....	45
2.2.3 A Sexualidade.....	47
2.2.4 O Sadismo.....	48
2.2.5 O Grotesco.....	49
2.3 O "fim" segundo Alain Badiou.....	50
3. Tradução anotada das obras de Jean Seul de Méluet heterônimo francês de Pessoa	
3.1 Estrutura dos textos.....	52
3.2 Critérios de tradução e edição dos textos de Jean Seul de Méluet.....	52
3.3 Textos-fragmentos de base de Jean Seul de Méluet.....	91
Conclusão.....	153
Referências.....	158

Obras de Jean Seul de Méluret, heterônimo francês de Fernando Pessoa: versão e estudo preliminar a partir da edição realizada pela equipa Pessoa (Lisboa,2006)

RESUMO

A partir da objetividade do título: "Obras de Jean Seul de Méluret, heterônimo francês de Fernando Pessoa: versão e estudo preliminar a partir da edição realizada pela equipa Pessoa (Lisboa,2006)", apresenta-se uma versão lusófona do conjunto de obras-fragmentos do único heterônimo francês de Pessoa, obras estas até então inéditas em língua portuguesa. Pode-se afirmar que, para além da língua francesa, outro elemento é determinante para a singularidade das obras de Jean Seul de Méluret em relação às dos outros heterônimos de Fernando Pessoa, bem como à do ortônimo: a temática ou as temáticas, em que sexo, sexualidade, pornografia e erotismo confundem-se com momentos em que o sádico ou o sadiano predominam. Os três textos que constituem sua obra possuem uma estreita ligação temática, pois todos remetem à decadência da França, embora cada um enfatize determinada causa para essa mesma decadência. O primeiro, "Des cas d'exhibitionnisme", configura-se como uma crítica de caráter moral e científico, voltada à dialética loucura e razão, cuja síntese repousaria justamente na fonte desta decadência atribuída ao exibicionismo dos "music halls" de então. O segundo texto, "La France en 1950" é uma sátira futurista à sociedade francesa, dominada e regida pela crueldade e pelo grotesco. O terceiro, "Messieurs les souteneurs", configura-se também como uma sátira, que atribui ao erotismo literário a causa de uma decadência, supostamente oriunda de uma determinada patologia psíquica, que profanaria o elemento sagrado conferido por Pessoa à criação literária. Sade, Octave Mirbeau, Félician Champsaur, entre outros, são influências declaradas de Jean Seul de Méluret e também estão inseridos no contexto dos estudos realizados para a compreensão desta obra-fragmento de Fernando Pessoa.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; tradução; heterônimo francês

Oeuvres de Jean Seul de Méluret, hétéronome français de Fernando Pessoa: version et étude préliminaire de l'édition réalisée par l'équipe Pessoa (Lisboa,2006)

RESUMÉ

À partir de l'objectivité du titre: "Oeuvres de Jean Seul de Méluret, hétéronome français de Fernando Pessoa: version et étude préliminaire de l'édition réalisée par l'équipe Pessoa (Lisboa,2006), est présenté une version lusophone de l'ensemble des fragments de l'unique hétéronome français de Pessoa, oeuvre que non étaient publiés antérieurement en langue portugaise. On peut dire que, en plus de la langue française, un autre élément est décisif pour la singularité des œuvres de Jean Seul de Méluret par rapport aux autres hétérogènes de Fernando Pessoa , ainsi que celui de l'ortonome:la thématique ou les thématiques, dans laquelle le sexe, la sexualité, la pornographie et l'érotisme se confondent avec des moments où le sadique ou le sadien prédomine, Les trois textes qui constituent son travail ont une étroite lien thématique tous se réfèrent à la décadence de la France bien que chacun souligne une certaine cause de cette même décadence. Le premier, "Des cas d'exhibitionnisme", est une critique du caractère moral et scientifique se tourna à la dialectique folie et la raison dont la synthèse reposait précisément sur la source de cette décadence attribuée à l'exhibitionnisme des «mucis halls» de l'époque Le deuxième texte, "La France en 1950", est une satire futuriste à la société française dominé et gouverné par la cruauté et le grotesque. Le troisième, "Messieurs les souteneurs", est également configuré comme une satire qui attribue à l'érotisme littéraire la cause d'une décadence, supposément venant d'une déterminé pathologie psychique qui soutiendrait l'élément sacré conféré par Pessoa à la création littéraire . Sade, Octave Mirbeau, Félician Champsaur, entre autres, sont déclarées influences de Jean Seul de Méluret sont également insérés dans le cadre des études réalisées pour la compréhension de ce fragment-oeuvre de Fernando Pessoa.

Mots-clés: Fernando Pessoa; traduction; hétéronome français

Introdução

Nesta pesquisa, torna-se indispensável apresentarmos, de modo breve, um recorte sobre Fernando Pessoa, uma figura ímpar na literatura portuguesa e Mundial moderna. O poeta português é visto como um grande representante da Literatura Portuguesa. Reconhece-se sua genialidade pela variedade de seus “eus”, também conhecidos por heterônimos. Além disso, sua face multifacetada lhe rendeu um lugar de prestígio no cenário literário também pela obra do próprio ortônimo.

Objetivamos, através da pesquisa, apresentar o único heterônimo francês, Jean Seul de Melurét, assim como traduzir os textos, tornando-os acessível aos leitores lusófonos, especialmente, aqueles que não possuem o domínio da Língua Francesa. Ademais, apresentaremos ao longo do texto algumas características principais deste heterônimo francês, bem como as temáticas e as possíveis influências literárias da época, a partir dos próprios fragmentos de Jean Seul.

Em virtude disso, a missão de elegermos um “eu” pessoano como o objeto desta pesquisa não se configura em uma tarefa simples, pois cada um dos heterônimos de Pessoa apresenta-se em sua especificidade.

Destaca-se a relevância dentre tantos “eus” pelo ineditismo em Língua Portuguesa do heterônimo Jean Seul de Melurét, também por não ser muito explorado pelos estudiosos de Fernando Pessoa. A singularidade deste eu pessoano torna-se evidente a partir do idioma em quem se encontra, porque não é raro que encontremos textos de Fernando Pessoa escritos em língua portuguesa ou língua inglesa, pois essas de fato eram as duas línguas nas quais ele possuía pleno domínio.

No caso do heterônimo francês, e apesar de ter estudado bastante essa língua, ele não chegou a demonstrar o mesmo domínio do que nas outras duas, no entanto, configura-se como licença poética alguns desvios gramaticais que possam surgir aos olhos do leitor nos fragmentos do heterônimo francês.

Observarmos que Jean Seul não apresenta um estilo discursivo fixo, dessa maneira, temos um heterônimo com reflexos diretos de seu ortônimo, caracterizado pela sua obra pluridiscursiva, pois, em determinados momentos da leitura de suas obras-fragmentos, poderemos encontrar um escritor crítico, outrora um ensaísta irônico, e, finalmente, nos deparamos com poesias repletas de significados e símbolos característicos do próprio ortônimo. A obra-fragmento de Melurét é composta por

textos inacabados, frases incompletas, é possível notar a presença de neologismos bem como possíveis desvios gramaticais (licença poética no gênero), apresenta ainda frases incompletas, esses textos foram reunidos e editados pela Equipa Pessoa para que fosse, posteriormente, publicado.

O projeto de Pessoa para a criação de Jean Seul de Melurét, assim como seus textos foi revelado em um caderno de anotações intitulado *The Transformation Book or Book of Tasks*; configurando-se assim como fontes temos indícios das características principais de Jean «Task: writing in French - poetry and satire or scientific works with a satirical or moral purpose».

Sua obra é composta por três textos (*Des cas d'exhibitionnisme*, *La France en 1950*, *Messieurs les souteneur*) mais os textos preambulares. Possuem uma temática bem variada, em algumas passagens descrevem e abordam a presença de elementos grotescos e sádicos; fazem uma certa ligação entre a degenerescência europeia, mais precisamente a degeneração francesa.

Acreditamos que as influências desse heterônimo francês procedem de escritores que apresentam características singulares e a frente de sua época, por exemplo Marquês de Sade, que carrega em suas obras a temática voltada ao sadismo e Octávio Mirbeau, que desenvolve o grotesco em suas linhas.

Quanto aos textos de Méluret, podemos dizer que logo no primeiro texto a estrutura está bem desenvolvida se comparada aos outros fragmentos. Esse escrito possui uma temática que envolve o exibicionismo nos music-hall, o que é visto de forma científica como um ato de loucura e que contribui para a degeneração da França. O segundo texto é o menos estruturado entre os três; possui um conteúdo bastante incomum às obras de Fernando Pessoa, trata-se de uma referência futurista que traça o comportamento dos franceses no ano de 1950. Possuindo ainda elementos sádicos e grotescos, em que o infanticídio, entre outros crimes, é considerado normal. Finalmente, o terceiro texto possui a temática voltada à crítica aos escritores literários que contém em suas composições textuais elementos referentes à sexualidade e ao erotismo.

1. Pessoa e o Heterônimo Jean Seul

1.1 O Ortônimo

Fernando Antônio Nogueira Pessoa (Lisboa, 1888-1935), como sabemos, foi um célebre escritor português que possui uma característica incomum a outros escritores dos clássicos aos contemporâneos, por possuir vários heterônimos, assim, como dar nome, vida e personalidade própria a cada um deles, sendo todos criados de forma que seja possível identificar a escrita de cada qual, a partir da temática, das características do texto, assim como também o idioma em que se encontra, podendo ser encontrados em três idiomas: língua portuguesa, língua inglesa e em língua francesa.

Pessoa tinha essa habilidade em escrever nos três idiomas, pois foi alfabetizado em língua portuguesa e língua inglesa quando criança no período em que viveu em Durban, na África do Sul, onde também teve seu primeiro contato com a língua francesa, quando sua mãe lhe ensinou a falar o idioma. Apesar de ter estudado francês durante um bom tempo de sua vida e ter sido um aluno consideravelmente bom em língua francesa, não possuía a mesma habilidade com o idioma como tinha em língua portuguesa e língua inglesa.

Foi também em Durban que Pessoa deu vida ao que pode ser considerada sua primeira criação, ou o precursor dos heterônimos de Pessoa, que fora criado com a forma de um amigo imaginário, pode-se então admitir que desde criança o escritor já tinha o dom de criar e imaginar personagens e trazê-los à realidade.

Em 1894, quando tinha apenas seis anos, surgia seu primeiro heterônimo disfarçado de amigo imaginário, Chevalier de Pas, que traduzindo para o português se torna o “Cavaleiro do Nada”, trata-se de um francês, com quem Pessoa dialogava também em língua francesa, e com quem Pessoa trocava cartas dele para ele mesmo, porém, com a personalidade do outro.

A palavra “Pas” em língua francesa possui dois significados, Pas como nome significa passo, e o pas de advérbio que é uma negação, podendo ser utilizada pelas palavras, não ou nada, o primeiro no sentido de pas, onde a tradução do nome de seu amigo imaginário ficaria “Cavaleiro do Passo” e a segunda que seria uma negação, que passando para o português temos o “Cavaleiro do Nada”, o que poderia ser

facilmente trocado, caso não houvesse o cuidado com a tradução de acordo com os fatos históricos vividos por Pessoa. Seguindo essa afirmação temos um trecho de Robert Bréchon, em *Estranho Estrangeiro*, em que se faz tal conclusão seguindo a análise: “O nome “Pas” não é aí o substantivo que designa o andar, e sim o advérbio de negação”¹

Essa criação também pode ser considerada como uma forma de Pessoa tentar preencher o vazio que tinha da ausência de seu pai, que perdeu muito novo, porém o primeiro poema escrito por Pessoa quando ainda tinha sete anos, também foi escrito em língua francesa, dedicado a sua mãe.

Ainda com o conhecimento que tinha da língua francesa, temos a informação de que Pessoa ingressou no curso de letras onde teve um contato mais íntimo com o estudo, leitura e escritores de literatura francesa. Sabemos que Pessoa lia as obras no idioma original, assim como também traduzia para a língua portuguesa, seu interesse primeiramente era nos românticos e assim passando para os simbolistas.

1.2 -Apresentação histórica de Pessoa

Realizaremos a apresentação histórica de Jean Seul de Méluret, tomando como base a vida e obra de Fernando Pessoa entre os anos de 1907 e 1914, pelo fato de ser um heterônimo postumamente descoberto , é inevitável que sua obra seja entrelaçada com sua vida, e será apresentado em ordem cronológica dando ênfase aos momentos considerados mais relevantes na criação deste heterônimo singular, sendo organizado com base nas informações contidas na Biografia produzida por Robert Bréchon em “o estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa.

Começaremos pelo ano de 1907, podemos presumir que foi um ano de diferentes situações tanto na história francesa como na própria vida do poeta Fernando Pessoa, um jovem de 19 anos, a começar pela vida acadêmica, pois, foi o ano em que Pessoa deixou o curso de filosofia e passou a se interessar pela história contemporânea. Assim acreditamos que esse fato fez com que o poeta se tornasse um

¹ Ce non de pas n'est pas, ici le substantif qui désigne la marche, mais l'adverbe de négation (35)

grande crítico político nos próximos anos, tendo feito várias criações a respeito da política portuguesa e europeia.

Desse modo, para o crítico Bréchon: Ainda que não tenha aprendido grande coisa na universidade, esse episódio de sua vida é muito importante por que o fez ir ao encontro da história contemporânea. É de então que data seu interesse pela política portuguesa. (86)²

Sobre este ano não pode esquecer-se de destacar a importância do General Henrique Rosa na introdução da literatura francesa na vida de Pessoa, mais precisamente os escritores decadentes e simbolistas, escritores estes que passaram a ter grandes influências na vida e obra de Pessoa, e que também se tornaram uma chave para que Pessoa se sentisse interessado em ler um pouco mais sobre o que seria essa “decadência”, tendo lido neste mesmo ano, no último trimestre, o livro “degenerescência” de Nordau, que foi também base para alguns ensaios escritos nos anos posteriores.

Brechón diz:

[...] Mas, de todos que os rodeiam, o que sobre ele vai ter maior influência nos anos de aprendizagem da “terceira adolescência” é o general Henrique Rosa, irmão do cônsul seu padraсто, cuja figura já evocamos. Ele é quem introduzirá o jovem “sobrinho” em dois domínios cujas riquezas este não cessará de explorar por muito tempo: o dos decadentes e dos simbolistas franceses, dos quais adotará vários como primeiros modelos quando recommençar a escrever na língua materna, e o dos pós-românticos portugueses. (84)³

² Même s'il n'a pas appris grand-chose à l'université, cet épisode de sa vie est important parce qu'il lui a fait rencontrer l'histoire contemporaine. De là date de son intérêt pour la politique portugaise. (p.88)

³ “Mais le membre de son entourage qui va avoir le plus d'influence sur lui pendant ces nouvelles années d'apprentissage de la “troisième adolescence”, c'est le général Henrique Rosa, frère du consul. Il va introduire son jeune “neveu” dans les domaines dont il ne cessera, pendant long temps, d'exploiter les richesses: celui des décadents et des symbolistes français, dont plusieurs seront ses premiers modèles quand il recommencera à écrire dans sa langue maternelle, et celui des post-romantiques portugais.”(p. 86)

Toda esta descoberta e interesse pelos decadentes e simbolistas franceses, foi um estímulo para a criação de algumas “personalidades literárias”, são elas: Alexander Search, que é considerado o precursor dos três principais heterônimos que surgiram anos depois, Charles Robert Anon, que seria o precursor exclusivamente de Álvares de Campos, e Jean Seul de Méluret, o heterônimo francófono que possui como influência os decadentes franceses a temática mais incomum em relação aos outros.

Na Biografia:

Até 1908 escreve quase sempre em inglês, e a maior parte das vezes sob a “máscara” muito parecida com ele, das “personagens literárias” que trouxe consigo de Durban para Lisboa: Charles Robert Anon e Alexandre Search. Em Lisboa Anon e Search amadurecendo com Pessoa, afirmam-se mais. São eles os precursores dos três grandes heterônimos, que surgirão poucos anos depois. Anon anuncia mais especificamente Álvaro de Campos, ele exprime a parte violenta de seu ser, a veemência, o excesso, tanto na afirmação como na negação. Encarna a loucura de existir num universo onde reina o nada. [...] ao lado dos pré-heterônimos ingleses, é preciso dar devido lugar ao francês Jean Seul, que também acompanhou seu demiurgo a Lisboa.”(90)⁴

O jovem Pessoa de 1907 tornou-se único herdeiro de uma pequena herança deixada por sua Tia-avó Dionísia, e investiu todo o dinheiro na criação da tipografia *Íbis*, nome escolhido em homenagem a um pássaro sagrado do Egito antigo por quem Pessoa era fascinado, chegando até a compor um poema em sua homenagem, porém a tipografia de fato nunca chegou a funcionar. Segundo Bréchon:

⁴ Jusqu'en 1908, il écrit à peu près uniquement en anglais, et le plus souvent sous le “masque”, très ressemblant, de ces “personnalités littéraires” qu'il a amenées de Durban à Lisbonne avec lui, Charles Robert Anon et Alexander Search. Anon e Search, à Lisbonne mûrissant avec Pessoa, s'affirment davantage. Il sont les précurseur des trois grands hétéronymes, qui surgiront peu des d'années après. Anon annonce plus particulièrement Álvaro de Campos, qui sera le double extraverti de Pessoa “lui même> comme Campos, il exprime la part violente de son être, la véhémence, l'excès, dans l'affirmation comme dans la negation. Il incarne la folie d'exister dans un univers où règne le néant. [...] À côté des pré-hétéronymes anglais, il faut faire une place au français Jean Seul, qui lui aussi accompagné son demiunge à son retour à Lisbonne.” (p. 93)

É também por um anúncio de jornal, lido num barbeiro enquanto lhe faziam a barba, que sabe haver uma tipografia à venda em Portoalegre. Conta-se que nem esperou que o acabassem de barbear para precipitar-se á agência de Lisboa cujo endereço vinha no jornal, compra imediatamente todo o equipamento, com a intenção de trazer para Lisboa. [...] Manda instalar tudo em local situado no central bairro da Glória, e batiza a oficina de Íbis, tipografia e edições. No fim de 1907 a tipografia está pronta para trabalhar, mas ao que parece terá funcionado pouco, ou nada. (87)⁵

Em 1908, Pessoa passou a morar sozinho e alugou seu primeiro quarto localizado no Largo do Carmo, onde morou durante 12 anos, até o retorno de sua mãe à Lisboa, este ano começou a vida como correspondente estrangeiro, trabalhando em várias casas comerciais importação e exportação, sem obrigações fixas e sem horários estabelecidos, em que traduzia as correspondências em língua inglesa e francesa, após recusar diversas propostas de empregos bem remunerados , função esta que seguiu durante toda a sua vida, este cargo era mais considerado uma vocação do que uma profissão por Pessoa.

Bréchon nos revela que:

"O próprio Pessoa não é um verdadeiro empregado de escritório, nem um verdadeiro proletário, nem talvez se quer um assalariado. Só aceitou esse gênero de emprego, no ano em que fez vinte anos, com a condição de não ter nenhuma obrigação de assiduidade e nem de pontualidade"⁶ (111)

⁵ C'est également par un annonce de journal, lue chez le coiffeur, pendant qu'on lui faisait la barbe, qu'il apprend la mise en vente d'une imprimerie à Portalegre. On raconte qu'il n'a même pas attendu d'être complètement rasé pour se précipiter à la agence de Lisbonne dont lr journal donnait l'adress. Il achète aussitôt tout le matériel de l'imprimerie, avec l'intention de le déménager.[...]il fait installer le tour dans un local situé dans le quartier central de Glória et il baptise son atelier "Entreprise ibis, typographie e éditions". À la fin de l'année 1907, l'imprimeire est en état de marche. Mais il semble qu'elle ait très peu fonctionné, ou pas du tout. (p. 89)

⁶ Mais Pessoa, lui, n'est ni un véritable employé de bureau, ni un vrai prolétaire, ni même peut-être un vrai salarié. Il n'a accepeté ce genre d'emploi, dans l'année des ses vingt ans, qu'à condition de n'avoir aucune obligation d'assiduité ni de ponctualité. (p. 115)

Também foi o ano em que Pessoa começou a escrever as primeiras cenas do Fausto, as quais se dedicou durante toda sua vida. O poeta está cada vez mais envolvido e interessado, sobretudo com as questões políticas de Portugal passando a escrever não somente em inglês como fazia, anteriormente, mas também em português:

De acordo Bréchon,

ele mesmo datou do mês de setembro de 1908 o momento em que parou de escrever exclusivamente em inglês para escrever em português. Não há dúvidas de que a causa imediata dessa súbita mudança é de ordem política. Após mais de dois anos de permanência num país onde se sentia ainda meio estrangeiro, é invadido por um intenso sentimento patriótico.”(93)⁷

Este jovem passou, sozinho e cheio de pensamentos, por uma fase inquietante, temia enlouquecer:

aos vinte anos, portanto, em vez de se lançar na direção dos outros, Pessoa se esconde, enovelando-se no labirinto de seu ser. Nessas páginas do diário, do outono de 1908 (escritas em inglês), ele anota também: “uma das minhas complicações mentais – horrível além das palavras – é o medo da loucura, que em si próprio já é loucura. [...] impulsos, uns criminosos, outros insanos, tendendo, no meio da minha agonia, para uma terrível apetência para acção, para uma terrível muscularidade, quero dizer, sentida nos músculos”... talvez tenhamos uma chave nessa obsessão da passagem ao ato: só a inibição, a timidez, o excesso de consciência de si mesmo, como uma trava,

⁷ “il a lui-même daté du mois de septembre 1908 le moment où il a cessé d'écrire exclusivement en anglais pour écrire en portugais, il ne fait pas doute que la cause la plus immédiate de cette soudaine mue est d'ordre politique. Après plus de deux ans de séjour dans ce pays où il se sentait encore à demi étranger, il est envahi par un intense sentiment patriotique”(p. 96)

como uma sensatez irrisória, impedem de fazer gestos mais loucos.(110)⁸

Os anos de 1909 e 1910, foram marcados pela continuação do forte interesse nas transformações políticas em Portugal, onde Pessoa se manteve ativo como um crítico dos acontecimentos, segundo Bréchon:

Pessoa censura aos dirigentes o imitar a política anticlerical dos franceses e o repetir-lhes os erros. “Ora nós somos portugueses, que não franceses. O vago misticismo que nos caracteriza – e que é de todo ausente do espírito francês – não pode ser desdenhado, com risco de preparar uma reação tremenda. Inculcar positivismo à aula portuguesa é esforçar-se por matá-la o português pode não ter necessidade de crer, mas tem, sempre, de divagar e sonhar (138)⁹

Em 1911, escrevera o poema “Análise”, do poema ortônimo por ele mesmo:

 "Não abstrata é a idéia do teu ser
 Que me vem de te olhar, que, ao entreter
Os meus olhos nos teus, perco-os de vista,
 E nada fica em meu olhar, e dista
 Teu corpo do meu ver tão longemente,
 E a idéia do teu ser fica tão rente
Ao meu pensar olhar-te, e ao saber-me
 Sabendo que tu és, que, só por ter-me

⁸ “L’années des vingt ans, au lieu de s’élancer vers les autres, s’enfonce et s’embrouille dans les labyrinthe de son être. Dans ces pages de journal de l’automne 1909 (écrite en anglais), il note aussi: “au nombre de mes complications mentales, plus atroce qu’on ne saurait dire, figure la peur de la folie, qui est une forme de folie [...] des impulsions, tantôt criminelles, tantôt dementes, rejoignent, au cours de mon agonie, un horrible besoin d’action, une terrible muscularité, je veux dire une sensation éprouvée dans les muscle...” on a peut-être là, dans cette obsession du passage à l’acte, une clé: seuls l’inhibition. La timidité, l’excès de conscience de soi, comme un frein, comme une dérisoire sagesse, l’empêchent de faire les gestes les plus fous.”(p. 114)

⁹ “Pessoa reproche aux dirigeants d’imiter la politique anticléricale des françaises et de reproduire leurs erreurs. “nous sommes portugaises, non français. Le vague mysticisme qui est dans notre caractère, et qui est complètement absent de l’esprit français, ne peut pas être ignoré sans risque de réaction terrible. Inculquer le positivisme à l’âme portugaise, c’est vouloir la tuer. Le Portugais peut ne pas avoir besoin de croyance, mais il aura toujours besoin de rêve”. (p. 142)

Consciente de ti, nem a mim sinto.
E assim, neste ignorar-me a ver-te, minto
A ilusão da sensação, e sonho,
Não te vendo, nem vendo, nem sabendo
Que te vejo, ou sequer que sou, risonho
Do interior crepúsculo tristonho
Em que sinto que sonho o que me sinto sendo." (p.148)

Em 1912, foi também um ano repleto de mudanças na vida de Pessoa, morará com a tia Anica, e participará de pequenas sessões espíritas realizadas por ela. Graças ao general Henrique Rosa, Pessoa passa a frequentar os Cafés, vai encontrar Mário de Sá Carneiro, que será um de seus melhores amigos, e com quem trocará diversas correspondências futuramente.

O acontecimento mais importante deste período de sua vida é o encontro com Sá-Carneiro. Ignora-se a data exata e as circunstâncias dessa conjunção de dois destinos excepcionais. Conheceram-se provavelmente em janeiro ou fevereiro de 1912, círculo de jovens escritores com quem Pessoa se dava, os quais havia pouco lhe tinham sido apresentado pelo “tio” general Rosa; muito desses escritores, como o próprio Sá-Carneiro, iriam participar ativamente na aventura do Orpheu. (159)¹⁰

Neste mesmo ano Pessoa terá passagem da vida oculta para a vida pública, passará a colaborar com a revista *Águia*, onde publicará sobre a *Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada*, que Seabra explica: “em que se profetiza, a partir de uma análise comparativa da poesia portuguesa da época e dos grandes períodos literários da Inglaterra e França.”

Nas palavras de Bréchon:

¹⁰ “L'événement le plus important de cette période de sa vie, c'est la rencontre avec Sá-Carneiro. On ignore la date exacte et les circonstances de cette conjonction de deux destinées exceptionnelles. Ils se sont probablement connus en janvier ou février 1912, dans le cercle de jeunes écrivains que Pessoa, introduit par son “oncle” le général Rosa, fréquentait depuis peu de temps, et dont plusieurs, comme Sá-Carneiro lui-même, devaient participer ensuite à l'aventure d'Orpheu”. (p. 163)

"No início de 1912 , Pessoa envia ao jovem diretor da Águia, Álvaro Pinto, um artigo intitulado A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada [...] É com este texto de sete paginas que ele estreia como escritor. Nele podemos ver o ponto de partida da “carreira” literária de Pessoa." (147)¹¹

Logo após essa publicação, Pessoa insiste em um novo ensaio com a nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico que, Segundo Seabra, busca definir a estética das correntes poéticas em voga, e sobretudo do saudosismo, pela tripla caracterização do 'vago', da “sutileza” e da 'complexidade’

Para Brechón:

"Esse estudo em três partes é muito mais longo do que o anterior (perto de cinquenta ao todo), menos polêmico, mais documentado e, por fim, mais original, volta-se ao início, sob luz diferente, mas sempre com o mesmo gosto escolástico dos sistemas, das divisões ternárias, das posições simétricas, a distinção entre poesia da Alma e poesia da Natureza, devendo esta nova poesia ser a síntese das duas”(153)¹²

O ano de 1913 será marcado por importantes produções de Pessoa, onde terá uma significativa transição, iniciará a escrever poemas com temas referentes ao Paulismo, poemas esotéricos e poemas exóticos, entre eles: "A hora do absurdo", "impressões do crepúsculo", "Gládio", "Epithalamium", "o Marinheiro".

Sobre o poema esotérico “Gládio”, primeiro poema escrito de *Mensagem*, em 1913, que também é considerado nacionalista. Dirá Bréchon:

¹¹ “[...] au commencement de l'année 1912, Pessoa envoie au jeune directeur d'Aguia, Alvaro Pinto, un article intitulé la Nouvelle Poésie portugaise considérée [...]. C'est avec ce texte de sept pages qu'il fait ses débuts d'écrivain. On peut y voir le point de départ de la “carrière”littéraire de Pessoa.”(p. 151)

¹² “Cette étude en trois parties est beaucoup plus longue que les précédentes (près de cinquante pages en tout), moins polémique, plus fouillée et, finalement, plus originale. Le début reprend, avec un éclairage différent, mais toujours avec le même goût scolastique des systèmes, des divisions ternaires, des oppositions symétrique, la distinction entre la poésie de l'ame et la poésie de la nature, dont la poésie nouvelle doit être la synthèse.”(p.159)

"O poema intitulado "Gládio", escrito em 21 de julho de 1913, é a primeira manifestação na obra de Pessoa de um esforço heroico do espírito para criar o que chamei transcendência verdadeira. Se além-Deus é o germe dos futuros poemas esotéricos, de inspiração iniciática e gnóstica, Gládio é a origem dos futuros poemas nacionalistas, de inspiração épica e mística, compilados em Mensagem. [...] uma das dificuldades de ser do poeta, como do herói, é ter "demasiada alma" para "eu", para as circunstâncias, para sua condição." (189)¹³

Escreverá o primeiro poema erótico intitulado "Epithalamium", que será publicado com o próprio, composto por vinte e uma estrofes em que narra o dia de uma noiva, preparando-se para o grande dia de perder a virgindade. Para Bréchon:

"Ao escrever o "Epithalamium", Pessoa dirá que quis "eliminar" seus próprios elementos obsessivos "pelo processo simples de os exprimir intensamente". Esse longo poema inglês, inteiramente composto ou, segundo Crespo, só começado em maio de 1913, seria uma operação de catarse, de autopurificação pelo excesso, pela violência, pelo risco do medo[...] "epitalamio de tálamo, quarto de dormir): poema lírico composto para casamento" dizem os dicionários. Ilustração do amor heterossexual entre os romanos, segundo o autor, o poema, nos Poemas Ingleses publicados, será a resposta a Antinous, que exalta os poemas homossexuais dos gregos... ele evoca em vinte e um momentos sucessivos, que são outras estrofes, o dia de uma noiva, desde que se levanta até a noite de núpcias." (184).¹⁴

¹³ "Le poème intitulé Glaive, écrit le 21 juillet 1913, est la première manifestation, dans l'oeuvre de Pessoa, d'un effort héroïque de l'esprit pour fonder ce que j'ai appelé une transcendance vraie. Si Par-dela Dieu est le germe des futurs poèmes "ésotériques", d'inspiration initiatique et gnostique, Glaive est L'origine des futurs poèmes nationalistes, d'inspiration épique et mystique, recueillis en 1935 dans Message. [...] l'une des sources de la difficulté d'être du poète, comme du héros, c'est d'avoir "trop d'âme" pour son moi, pour les circonstances, pour sa condition." (p. 193)

¹⁴ "En écrivant l'Epithalame, Pessoa prétendra avoir voulu "se libérer" de ses obsessions "par le moyen bien simple qui consiste à les exprimer très fortment" ce long poème anglais, entièrement composé ou, selon Crespo, seulement commencé en mai 1913, serait donc une opération de catharsis, de purification de soi par l'excès, la

Outra obra também muito importante deste período, é *O marinheiro*, que foi escrito em apenas 48 horas. Segundo Bréchon:

"Bastaram dois dias, 11 e 12 de setembro de 1913, para escrever o *Marinheiro*, "drama estático" em prosa, que lhe ilustra perfeitamente a teoria do "teatro de almas" e se distingue de toda produção literária contemporânea. [...] contrariamente a tantos textos que ficaram inacabados, *O marinheiro*, apesar da rapidez com que foi escrito, é obra acabada, ultimada com perfeição, em seu gênero irreal, imaterial, imóvel, quanto pode ser uma comédia de Feydeau no gênero realista e agitado.. [...] o *Marinheiro* é antes de mais nada o espetáculo de um espaço não situado, de um não-lugar, lugar psíquico mais do que terrestre, como se estivéssemos dentro de um cérebro; a sensação de um tempo fora do tempo, de tempo suspenso que não passa: o passado é irreal, o futuro proibido, o presente impossível, dado que desaparece gradualmente." (175)¹⁵

Em 1914, Pessoa publica "Paúis", na revista *A renascença*, sob o título de *Impressões do Crepúsculo*, e acaba de distanciando da *Revista Renascença Portuguesa*, pelo fato de ter adquirido novas experiências poéticas, logo houve uma ruptura eminente com a poesia saudosista e nacionalista da *Águia*. Então, compõe a *Ode Triunfal*, e recebe uma carta de Sá Carneiro "...você acaba de escrever a obra-prima do futurismo. Porque, apesar de talvez não pura, escolarmente futurista o conjunto da ode é absolutamente futurista. Meu amigo, pelo menos a partir de agora o *Marinetti* é um grande homem".

violence, le risque et l'effroi.[...] "Epithalame (de thalamos, chambre à coucher: poème lyrique composé pour un mariage", disent les dictionnaires. Illustrations de l'amour hétérosexuel chez les Latins, selon l'auteur, le poème, dans les Poèmes anglais publiés, reprendra à antinous, qui exalte l'amour homosexuel grec." (p.189)

¹⁵ "[...] il n'a fallu à Pessoa que deux jour, les 11 e 12 october 1913, pour écrire le Marin, "drame statique" en prose, qui illustre parfaitement sa théorie du "théâtre d'amê" et tranche sur toute la production dramatique contemporaine.[...] contrairement à tant de textes laissés en chantier, le marin, malgré la rapidité de sa réalisation, est une oeuvre achevée, aussi parfaitement au point, dans son genre irréel, immatériel, immobile, que peut l'être une comédie de Feydeau dans le genre Réaliste et agité.[...] Le Marin, c'est d'abord le spectacle non situé, d'un non-lieu, lieu psychique, plutôt que terrestre, comme si l'on était à l'intérieur d'un cerveau; la sensation d'un temps hors du temp, futur interdit, le présent impossible, puisqu'il s'abolit au fur et à mesure."(p. 180)

Pessoa acabava de escrever também “Chuva Oblíqua”, esboçando o Interseccionismo, onde planeja publicar uma antologia com textos de Álvaro de Campos, Fernando Pessoa (ele mesmo), Mario de Sá-Carneiro, Armando Côrtes-Rodrigues e Alfredo Guisado. Sobre a “Chuva Oblíqua”, Bréchon expõe: Contentemo-nos agora com sublinhar que a criação de Chuva Oblíqua, por inspiração súbita, é bem mais do que o retorno ao “próprio” Pessoa: é na realidade a invenção de um novo Pessoa, “ortônimo”, quase tão diferente de Pessoa “paulista” como os heterônimos.

1.3. A Heteronímia de Fernando Pessoa

1.3.1 Estudo sobre a heteronímia

A heteronímia é um termo criado por Fernando Pessoa, que seria a união das palavras hetero= diferente + ónoma= nome, trata-se do estudos dos heterônimos ou seja dos escritores fictícios que possuem personalidade, também tem como definição: conjunto dos diferentes heterónimos de um autor; adoção, por um autor, de um ou mais nomes ou personalidades, cada um com qualidades e tendências próprias.¹⁶

A heteronímia de Pessoa, possui um explicação breve em uma carta direcionada a Adolfo de Cais Monteiro, datada de 8 de março de 1914, considerado pelo o próprio criador como o dia triunfal, em que o ortônimo narra a criação daqueles que podem ser considerados seus três principais heterônimos, , a começar por Alberto Caeiro, com "O guardador de rebanhos", e posteriormente tendo surgido Álvares de Campos, com a Ode Triunfal, e por fim Ricardo Reis.

A respeito das características e personalidades de cada um destes heterônimos temos a informação de que Alberto Caeiro, era de origem humilde, estudou apenas até o primário, e passa grande parte de sua vida no campo com sua tia, Álvares de Campos é um engenheiro naval, formado na Escócia, futurista, que possui em seus textos as figuras de automóveis, maquinas à vapor e crescimento industrial, e Ricardo Reis era um médico, que foi educado em colégio de jesuítas, monarquista e apreciador da cultura clássica.

¹⁶ /www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/heteronímia

Em relação ao Semi-heterônimo, pode-se afirmar que nada mais é do que um heterônimo que possui características semelhantes as do Ortônimo, podendo haver um diálogo entre os textos de ambos, a personalidade heteronímica de Fernando Pessoa que mais se assemelha ao ortônimo é Bernardo Soares.

Pessoa possui cerca de 72 heterônimos, alguns de personalidade formada e obras vastas, como é o caso de Caeiro, Campos, Reis, Soares e outros que não possuem um desenvolvimento completo, seja por parte das obras, seja da própria personalidade. Assim, temos uma lista¹⁷ composta de algumas das personalidades heteronímicas de Pessoa, com uma ordem aproximada da criação de cada um, começando de sua primeira criação, ou o precursor de Seul heterônimos, Chevalier de Pas.

01. Dr. Pancrácio - jornalista de A PALAVRA e de O PALRADOR, contista, poeta e charadista.

02. Luís António Congo - colaborador de O PALRADOR, cronista e apresentador de Eduardo Lança.

03. Eduardo Lança - colaborador de o PALRADOR, poeta luso-brasileiro.

04. A. Francisco de Paula Angard - colaborador de o PALRADOR, autor de «textos científicos».

05. Pedro da Silva Salles (Pad Zé) - colaborador de o PALRADOR, autor e director da secção de anedotas.

06. José Rodrigues do Valle (Scicio), - colaborador de o PALRADOR, charadista e dito «director literário».

07. Pip - colaborador de o PALRADOR, poeta humorístico, autor de anedotas e charadas, predecessor neste domínio do Dr. Pancrácio.

¹⁷ www.pessoa.art.br

08. Dr. Caloio - colaborador de o PALRADOR, jornalista-repórter de «A pesca das pérolas».
09. Morris & Theodor - colaborador de o PALRADOR, charadista.
10. Diabo Azul - colaborador de o PALRADOR, charadista.
11. Parry - colaborador de o PALRADOR, charadista.
12. Gallião Pequeno - colaborador de o PALRADOR, charadista.
13. Accursio Urbano - colaborador de o PALRADOR, charadista
14. Cecília - colaborador de o PALRADOR, charadista.
15. José Rasteiro - colaborador de o PALRADOR, autor de provérbios e adivinhas.
16. Tagus - colaborador no NATAL MERCURY (Durban).
17. Adolph Moscow - colaborador de o PALRADOR, romancista, autor de «Os Rapazes de Barrowby».
18. Marvell Kisch autor de um romance anunciado em O PALRADOR, («A Riqueza de um Doido»).
19. Gabriel Keene - autor de um romance anunciado em O PALRADOR, («Em Dias de Perigo»).
20. Sableton-Kay - autor de um romance anunciado em O PALRADOR, («A Lucta Aerea»).
21. Dr. Gaudêncio Nabos - director de O PALRADOR (3.^a série), jornalista e humorista anglo-português).

22. Nympha Negra - colaborador de O PALRADOR, charadista.
23. Professor Trochee - autor de um ensaio humorístico de conselhos aos jovens poetas.
24. David Merrick - poeta, contista e dramaturgo.
25. Lucas Merrick - contista (irmão de David?).
26. Willyam Links Esk - personagem de ficção que assina uma carta num inglês defeituoso (13/4/1905).
27. Charles Robert Anon - poeta, filósofo e contista.
28. Horace James Faber - ensaísta e contista.
29. Navas - tradutor de Horace J. Faber.
30. Alexander Search - poeta e contista.
31. Charles James Search - tradutor e ensaísta (irmão de Alexander).
32. Herr Prosit - tradutor de O Estudante de Salamanca de Espronceda.
- 33. Jean Seul de Méluret - poeta e ensaísta em francês.**
34. Pantaleão - poeta e prosador.
35. Torquato Mendes Fonseca da Cunha Rey - autor (falecido) de um escrito sem título que Pantaleão decide publicar.
36. Gomes Pipa - anunciado como colaborador de O PHOSPHORO e da Empresa Íbis

como autor de «Contos políticos».

37. Íbis - personagem da infância que acompanha Pessoa até ao fim da vida nas relações com os seus íntimos que sobretudo se exprimiu de viva voz, mas também assinou poemas.

38. Joaquim Moura Costa - poeta satírico, militante republicano, colaborador de O PHOSPHORO.

39. Faustino Antunes (A. Moreira) - psicólogo, autor de um «Ensaio sobre a Intuição»).

40. António Gomes - «licenciado em philosophia pela Universidade dos Inúteis», autor da «Historia Cómica do Çapateiro Affonso».

41. Vicente Guedes - tradutor, poeta, contista da Íbis, autor de um diário.

42. Gervásio Guedes - (irmão de Vicente?) autor de um texto anunciado, «A Coroação de Jorge Quinto», em tempos de O PHOSPHORO e da Empresa Íbis.

43. Carlos Otto - poeta e autor do «Tratado de Lucta Livre».

44. Miguel Otto - irmão provável de Carlos a quem teria sido passada a incumbência da tradução do «Tratado de Lucta Livre».

45. Frederick Wyatt - poeta e prosador em inglês.

46. Rev. Walter Wyatt - irmão clérigo de Frederick?

47. Alfred Wyatt - mais um irmão Wyatt, residente em Paris.

48. Bernardo Soares - poeta e prosador.

49. António Mora - filósofo e sociólogo, teórico do Neopaganismo.
50. Sher Henay - compilador e prefaciador de uma antologia sensacionalista em inglês.
51. Ricardo Reis - neoclássico, racionalista e semipagão.
52. Alberto Caeiro - o camponês sábio.
53. Álvaro de Campos - futurista, neurótico e angustiado.
54. Barão de Teive - prosador, autor de «Educação do Stoico» e «Daphnis e Chloe».
55. Maria José - escreve e assina «A Carta da Corcunda para o Serralheiro».
56. Abílio Quaresma - personagem de Pêro Botelho e autor de contos policiais.
57. Pero Botelho - contista e autor de cartas.
58. Efbеedee Pasha - autor de «Stories» humorísticas.
59. Thomas Crosse - inglês de pendor épico-ocultista, divulgador da cultura portuguesa.
60. I.I. Crosse - coadjuvante do irmão Thomas na divulgação de Campos e Caeiro.
61. A.A. Crosse - charadista e cruzadista

1.3.2 A apresentação de Jean Seul por Pessoa

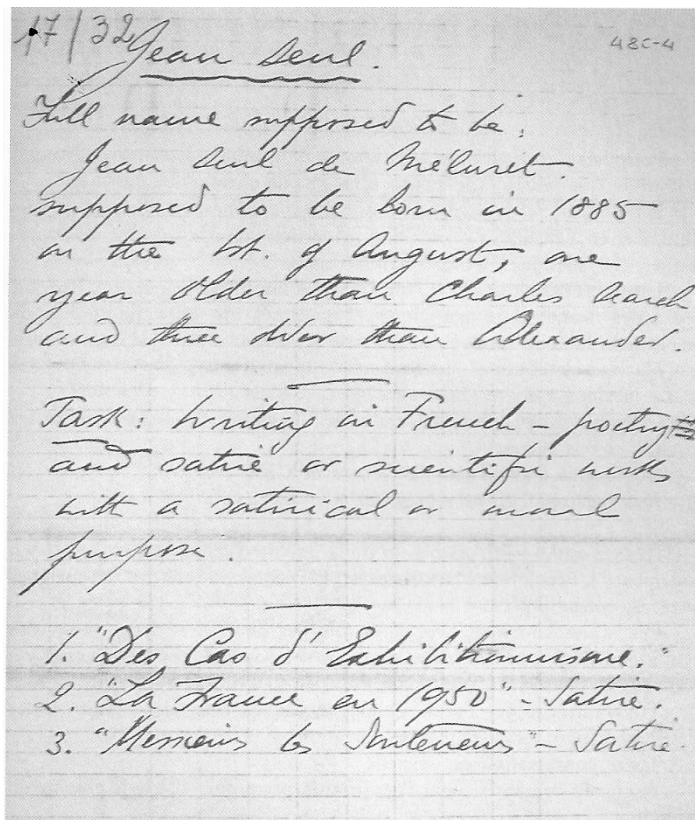
Dando agora ênfase originador dessa pesquisa temos Jean Seul de Méluret o poeta Fernando Pessoa teve como objetivo a missão de “writing in French – poetry and

satire and scientific Works with a satirical or moral porpuse”¹⁸. Dessa missão, foram produzidos três textos, *Des cas d'ehxibicionnisme*, *La France en 1950* e *Messieurs les souteneurs*, além de fragmentos avulsos associáveis a estes textos.

Segundo a Equipa Pessoa: "Nesse contexto, Jean Seul é a personagem com que Pessoa se apresentaria a um público francófono, tratando autores e fenômenos vincadamente franceses ou associados com frequência à França" (pg.17)

Em uma lista de apresentação deixada por Pessoa (Pessoa, 2006), podemos ter uma ideia da identidade e dos objetivos do Ortônimo para com o heterônimo.

Espécie de Certidão de Nascimento de Jean Seul de Méluret



17/32 Jean Seul. 42C-4
Full name supposed to be:
Jean Seul de Méluret.
supposed to be born in 1885
in the 1st. of August, one
year older than Charles Baud
and three older than Alexandre.
Task: writing in French - poetry
and satire or scientific works
with a satirical or moral
purpose.
1. "Des Cas d'Exhibitionnisme."
2. "La France en 1950" - Satire.
3. "Mémoris 6 Interviews" - Satire.

Figura 1. 48C- 4r: este autógrafo constitui a certidão de nascimento de Jean Seul e encontra-se na quarta folha de Transformation book or book of tasks.

"Nome completo: Jean Seul de Méluret

¹⁸ Escrever em francês – poesia e sátira ou trabalhos científicos de proposito satírico ou moral.

Deve nascer em 1885 no dia 1 de agosto, um ano mais velho do que Charles Search e três mais que Alexander

Tarefa: escrever em francês - poesia e sátira ou trabalhos científicos de propósito satírico ou moral.

1. “Des Cas d'Exhibitionnisme”.
2. “La France en 1950” - Satire.
3. “Messieurs les Souteneurs” – Satire" (pg.40)¹⁹

1.4-As Influências

1.4.1 A Influência da literatura francesa

Sabe-se que os poetas franceses mais expressivos do século XIX, como Mallarmé, Rimbaud, Baudelaire, Lautréamont, entre muitos outros, exerceram forte

¹⁹ *Full name supposed to be: Jean Seul de Méluret*

supposed to be born in 1885 on the 1st. of August one year older than Charles Search and three older than Alexander. []*

Task: writing in French – poetry and satire or scientific works with a satirical or moral purpose.

1. “Des Cas d'Exhibitionnisme”.
2. “La France en 1950” - Satire.
3. “Messieurs les Souteneurs” – Satire

influência nos modernistas portugueses, e não somente nestes, mas, dentre estes, certamente em Pessoa, mas também outros que seguiram a mesma linha, entre estes simbolistas franceses podemos citar os poetas, que mais tarde foram chamados, malditos ou decadentes. Segundo Bréchon, 1996:

"Toda essa literatura decadente do início da década de 1880 foi para o jovem Pessoa de 1908-1910 um espelho de sua própria alma, mergulhada nas contradições e nos jogos estéreis de uma poesia pós-romântica que já não acredita absolutamente."²⁰

Conforme Badiou em "Manifesto pela filosofia"²¹, houve um período em que os filósofos pensaram menos em filosofia do que os poetas, pois “nesse período a poesia tomou para si funções da filosofia (p.35). Nesse contexto destacamos a figura de Fernando Pessoa como um dos poetas mais decisivos do século.

Levando em consideração as influências dos poetas simbolistas franceses, podemos realizar algumas alusões entre as características próprias de cada um em alguns fragmentos de Pessoa, podendo ser expressos de forma explícita ou implícita.

Citamos o poeta Charles Baudelaire, uma figura igualmente marcante que teve suas ideias espelhadas por Pessoa. O poeta deveria revelar suas emoções de forma transformada ou fingida, deixando com que a vida pessoal não fosse revelada ou exposta de forma real, mas sim que fosse se transformando e se misturando fazendo com que o real não passasse do imaginário e o que imaginário se tornasse real. Sendo assim temos um poema de Pessoa que exprime muito bem este pensamento, vindo a se tornar os versos mais conhecidos de Fernando Pessoa: Eis o trecho:

²⁰ Toute cette littérature décadente du Paris des années 1880 été pour le jeune Pessoa de 1908- 1910 un miroir de sa propre âme enlisée dans les contradictions et les jeux stériles d'une poésie post-romantique à laquelle il ne croit plus guère. (p. 135)

²¹ Alain Badiou em seu livro intitulado Manifesto pela filosofia, problematiza a questão sobre se há ainda possibilidade de filosofia, e até mesmo se há filósofo: “ Quase todos os nossos 'filósofos' estão em busca de uma escrita por desvios, de suportes indiretos, de referentes oblíquos, para que advenha, no lugar presumidamente inabitável da filosofia, a transição evasiva de uma ocupação do terreno” (1991, p.2)

"O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente."²²

Observamos que o poema faz uma ligação com Rimbaud, com sua filosofia de que “Eu é um outro”, o que está totalmente ligado a Fernando Pessoa e seus Heterônimos, onde Pessoa escreve o que ele não escreve, ou é um que é outro. “*Atento ao que sou e vejo. Torno-me eles e não eu*”

Nesse fragmento o poeta, Fernando Pessoa, faz todo, uma reflexão em torno de sua multiplicidade e de sua realidade irreal. Eis o fragmento: “Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas.”

Para Alain Badiou,

"Os procedimentos de verdade, ou procedimentos genéricos se distinguem da acumulação dos saberes ou sua origem eventual. Quando nada acontece, senão o que é conforme as regras de um estado de coisas, pode certamente haver conhecimento enunciados corretos, saber acumulados; o que não pode haver é verdade." (p.9).

A poesia de Pessoa compõe-se de ocultismos, e é desse modo que, expressando sua poesia, usa o simbolismo como uma de suas marcas de escrita. Dessa maneira, a poesia do português toma dimensões que denotam ambiguidades; tal como se expressava Stéphane Mallarmé, um poeta que serviu de inspiração para Fernando Pessoa. Temos então uma coleção de obras reunidas de Mallarmé; Pessoa de certa forma dialoga com essas obras, sendo possível através delas fazermos uma relação

²² Fernando Pessoa, “Autopsicografia”, publicado em 1 de Abril de 1931.

entre ambos onde há uma intelectualização de uma emoção e uma emocionalização de uma ideia.

Stéphane Mallarmé foi um dos escritores mais lidos e traduzidos por Pessoa, apesar do simbolismo ser uma forte característica de suas obras, elas também possuem traços herméticos, inseridos na escrita. Esses símbolos carregam a expressão verdadeira de suas obras; evidentemente, Pessoa deixou inúmeras passagens ocultas em "Mensagem" como o próprio já havia afirmado que nela havia símbolos que contribuíam para sua significação, pois até mesmo os pesquisadores encontraram dificuldades para encontrar o real sentido das palavras, assim como em outros fragmentos de Pessoa.

Assim como no poema a seguir:

O encoberto

"Que símbolo fecundo
Vem na aurora ansiosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A Vida que é a Rosa

Que símbolo divino
Traz o dia já visto
Na Cruz, que é o destino
A Rosa que é o Cristo.

Que símbolo final
Mostra o Sol já desperto
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do encoberto." (pg.14)

Paul Verlaine, que também era simbolista, foi quem criou a expressão *poète Maudit*, para definir seus companheiros de estilo literário, sendo o mais próximo do que podemos definir ser Jean Seul, pois trata-se de um escritor decadente, ou seja, que

possui conteúdo chocante e com visão moral, que tem como temas principais o sexo, a cidade, forças inconscientes e os fenômenos irracionais.

Essa decadência que tanto encontramos no heterônimo pode ser vista como hipócrita, porque ele não está livre no seu vício, mas procura argumentos para chamar a virtude, e não está em nenhuma sexualização da arte, colocando o instinto sexual no lugar distinto estético – portanto, inversão da arte, decadência. Para mostrar que é sempre possível que as influências do ortônimo possam dialogar com os heterônimos, e que os simbolistas franceses estiveram a todo momento na mente de Pessoa. Nessa mesma época em que Pessoa esteve em contato com a literatura francesa, surgiu seu heterônimo francófono, Jean Seul de Méluret, foco principal desta pesquisa, que possui características próprias, que o difere dos demais heterônimos.

1.4.2 Influências do Ortônimo

O século XX se caracteriza como um período de grandes transições, abrangendo as áreas como a filosofia, política, sociologia, literatura, artes, entre outras. Tais transformações criaram movimentos interessados na renovação das Artes. Esses movimentos compõem-se por um conjunto de tendências artísticas de diversos países europeus e tinham como principal objetivo levar para arte o sentimento de liberdade criadora, buscando assim uma possível ruptura com os modelos tradicionais do século XIX, o que acabou também refletindo na literatura.

Também conhecidos como “movimentos de vanguardas”, essas correntes transmitiam o mesmo ideal, o de que era necessário destituir a tradição por meio de práticas inovadoras, provocar tendências do futuro e alterar o senso comum. Então, muitos artistas envoltos desse sentimento de renovação, passaram a se dedicar a essa missão; Em resumo, a idéia era desconstruir para construir.

Em 1908, Pessoa, em Portugal, começa a escrever os primeiros fragmentos de *Fausto*, que se trata de uma obra em que há uma representação de uma luta entre a Vida e a Inteligência e está dividido em 3 atos. Na França, manifestam-se os pintores cubistas Pablo Picasso e George Braque, que tiveram uma incontestável participação no movimento do Cubismo, que tinha como característica a representação da natureza por meio de figuras geométricas, tendo como marco inicial o quadro “Les demoiselles

d'Avignon“ de Picasso. Como se sabe o cubismo é um movimento artístico mais ligado às artes plásticas, mas que também teve uma grande participação na literatura, que posteriormente influenciará o Orfeu, tendo como Guillaume Apollinaire um de seus apoiadores, que escreverá neste mesmo ano novelas “Onze mil varas”, obra com conteúdo erótico que desafia o leitor a distinguir o riso do pânico.

Em 1909, enquanto Pessoa se sente atraído ainda mais pela literatura simbolista, a Europa vibra com os movimentos literários futuristas iniciados por Marinetti, com a publicação do “manifesto futurista” no jornal francês Le Figaro, que tinha como características a exaltação pelo futuro e a rejeição ao passado, suas obras tinham como temática também os avanços tecnológicos e foram uma das principais influências também do “Ofismo”.

A Europa acompanha o movimento futurista de Marinetti. Guillaume Apollinaire se torna conhecido na França, tendo publicado sua obra *O Encantador em Putrefação*. Essa obra, que narra a história de um mago que se apaixona por uma feiticeira, e que acaba sendo enfeitado e entrando num túmulo, ficando em estado de putrefação, tem um contraste bem confuso, entre o teatro e a narrativa, neste mesmo ano Apollinaire passa a publicar também uma antologia das obras de Marquês de Sade, demonstrando seu fascínio pelo tema libertino e sádico, temas esses que passaram a lhe acompanhar durante toda sua vida, e assim como Marinetti rejeitava o passado, e foi um dos fundadores do Surrealismo.

A fase de decadência que a monarquia portuguesa sofria, já antecipava as novas mudanças políticas, a república se tornava inevitável, onde se imaginava o futuro do país distante da grandiosidade que teve em outra época, toda essa admiração se misturava com o sentimento de saudades que, no início do século XX, passou ter uma concepção filosófica, deixando de ser apenas um mecanismo literário. Havendo, portanto, o impulso para a criação da revista *Águia*, datada do ano de 1910, que se tornou um marco muito importante para a literatura portuguesa, a *Águia* estabelecia uma corrente literário-filosófica que tinha como propósito publicar textos sobre literatura, artes, filosofia, entre outros, sendo diferente das outras do mesmo gênero por dar importância aos textos inéditos produzidos em Portugal, tendo uma grande influência estética e ideológica relacionada aos intelectuais portugueses e que tinha como característica principal o nacionalismo literário, tendo como diretor e

proprietário Álvaro Pinto, e organizada a maior parte das vezes por Teixeira de Pascoaes, um dos teorizadores do saudosismo,

Em 1911, enquanto Pessoa traduz a Antologia de Autores Universais, dirigido por um editor americano que morava em Lisboa, Teixeira Pascoaes publica Marânus, um poema que tinha como inspiração a essência do ser, que narrava a história de Marânus, um ser que andava “consigo, pelo mundo solitário”, ao mesmo tempo em que Apollinaire publica o Bestiário ou o corteja de Orfeu, obra repleta de futurismo, com influência do simbolismo, que tem como narrativa os bestiários medievais envolvendo a poesia emblemática da renascença. O cubismo, por sua vez, agora em uma nova fase (hermética ou analítica) afirma-se cada vez mais em Paris, tendo como características principais obras em que se predominam as cores preto, cinza e tons de marrom e ocre.

Em 1912 Pessoa passa a colaborar com a revista *Águia* onde publica “a nova poesia portuguesa sociologicamente considerada”, que, de acordo com Seabra, “profetiza, a partir de uma análise comparativa da poesia portuguesa da época e dos grandes periódicos da Inglaterra e França, uma renascença poética e civilizacional”. Pessoa inicia as correspondências com Sá-Carneiro e dialogam sobre diversos assuntos, em 1912, Sá Carneiro publica a peça “Amizade” e o conjunto de novelas intituladas “Princípio” e abre uma exposição futurista em que coloca Pessoa na corrente do Cubismo e Futurismo.

O lançamento do Paulismo, o primeiro das três estéticas criadas por Pessoa, ocorreu após a publicação de “impressões do Crepúsculo”, em 1913, também foi um dos grandes feitos deste período, e é caracterizado por ambientes escuros e sombrios, geralmente composto por água, assim como a imagem de um pântano, palavra de que deriva “paul”. Para Bréchon:

"Essa nova estética, que provoca o entusiasmo dos amigos do autor, é o que eles chamaram de paulismo. Com efeito, o poema que inaugura escrito em março de 1913, e que, conquanto publicado somente ano seguinte, circulou imediatamente entre eles, *Impressões do crepúsculo*, começa pela palavra “pauis”, plural de “paul”, que

significa pântano; e que houve tal tendência no grupo a evocá-lo com esse título, que traduzo para francês por Paludes, pensando evidentemente em Gide, que, como Pessoa, é originário do movimento decadente e simbolista." (p. 172)

O ano de 1913, também é marcado pela exposição de caricaturas de Almada Negreiros, que realizou pela primeira vez uma exposição, sozinho, e tinha o número de 90 obras, e teve uma crítica de sua exposição também na revista *Águia*. Pessoa lhe escreve um artigo confessando o real sentimento a partir do acontecimento “olhe, meu amigo, vou falar-lhe francamente. Eu não fui ver sua exposição e não percebo nada de arte...”

1.4.3 As Influências declaradas de Jean Seul

Logo na lista de apresentação de Jean Seul (Pessoa, 2006), Pessoa cita nomes de alguns escritores, entre eles estão Marques de Sade, Octave Mirbeau, Felicien Champsaur Jean François de Lacenaire e o de Émile Zola, e também apareceram no Apêndice, como se fosse um ponto de referência a um lugar. "Na casa de Octave Mirbeau, no bairro entre a rua Felicien Champsaur e a rua Lacenaire, não há (...) Instituto Marques de Sade para garotas"

Começando a descrever um pouco a característica das possíveis influências das obras de Jean Seul, podemos por aquele que é considerado sua maior inspiração nos textos: Marquês de Sade. Sade é um ícone quando se trata de textos com teor sexual, que é o tema mais recorrente nos fragmentos de Jean Seul, e esta pode estar representada na forma de sadismo ou de sadiano.

Nas palavras de Simone de Beauvoir: “Sade fez de seu erotismo o senso e expressão de toda a existência: ele, portanto, não é uma mera curiosidade de tentar

especificar a natureza”²³ (pg. 29). Sendo assim, percebemos que o erotismo de Jean Seul possui traços que remetem aos de Sade.

"Devo mesmo dizer desde já que, em certo sentido, o erotismo de Sade se impõe mais facilmente à consciência que as antigas exigências da religião: ninguém saberia negar hoje que existem impulsos que associam a sexualidade à necessidade de fazer o mal e de matar. Assim os instintos chamados sádicos dão ao homem normal um meio de justificar certas crueldades, enquanto a religião nunca é mais do que a explicação, de fato, de uma aberração. Parece, pois, que dando a descrição magistral desses instintos, Sade contribuiu para a consciência que o homem toma lentamente de si mesmo — para recorrer à linguagem filosófica, à consciência de si: o termo sádico, de emprego universal, é por si só a prova visível dessa contribuição." (Bataille, 1966)²⁴

Para Beauvoir,

"Em Sade, as diferenças são empurradas para o escândalo, e a imensidão da sua obra literária mostra que paixão ele queria ser aceito pela comunidade humana o conflito que nenhum indivíduo não pode escapar sem mentir, e encontramos nele sua forma mais extrema." (p. 13)²⁵

²³ "Sade a fait de son erotisme le sens et l'expression de tout son existence: ce n'est donc pas curiosité oiseuse que de chercher à en préciser la nature."

²⁴ Je dois même ajouter dès maintenant qu'en un sens l'erotisme de Sade s'impose plus facilement à la conscience que les anciennes exigences de la religion: personne ne saurait nier aujourd'hui qu'existent des impulsions liant la sexualité au besoin de faire le mal et de tuer. Ainsi les instincts dénommés sadiques donnent à l'homme normal un moyen de rendre raison de certains cruautés, alors que la religion n'est jamais qu'une explication de faire d'une aberration, il semble donc qu'en donnant la description magistrale de ces instincts, Sade contribua à la conscience que l'homme prend lentement de lui-même --- pour recourir à langage philosophique, à la conscience de soi : le terme de sádico, d'emploi universel, à lui seul est la preuve voyante de cette contribution.

²⁵ "Chez Sade, les différences sont poussées jusqu'au scandale, et l'immensité de son travail littéraire nous montre avec quelle passion il souhaitait être accepté par la communauté humaine le conflit qu'aucun individu ne peut éluder sans se mentir, on le rencontre donc chez lui sous sa forme la plus extrême."

Octave Mirbeau é escritor francês que possui em suas obras a combinação de literatura e política, a presença do fantástico e do humor negro, assim como os temas voltados ao cruel e ao perverso. Félicien Champsaur também possui a mesma temática utilizada por Jean Seul, ao colocar a sexualidade em suas obras.

Para Bataille,

"A violência, que não é cruel em si mesma, é na transgressão a obra de um ser que a organiza. A crueldade é uma das formas da violência organizada. Ela não é forçosamente erótica, mas pode derivar para outras formas da violência que a transgressão organiza. Como a crueldade, o erotismo é meditado. A crueldade e o erotismo se ordenam no espírito que é possuído pela resolução de ir além dos limites do interdito" (BATAILLE,1966).

Dando continuidade às influências que podem estar evidenciadas nos textos de Seul temos Mirbeau em sua obra *Les jardin des súplices* (Mirbeau, 1988), onde há um universo montado para atacar a hipocrisia e a crueldade na civilização.

"Em volta ao ídolo um clamor lunático, uma loucura selvagem voluptuosa, uma briga de corpos tão freneticamente abraçados e soldados um a outro que tomou aparência feroz de um massacre e parecia uma matança, em suas gaiolas ferro, estes condenados, lutando fiapo de carne podre de Clara". (p.264) ²⁶.

Assim, Bataille diz que o excesso se opõe à razão. Esses extremos abrangem os termos civilização e barbárie ou selvageria. Mas o emprego dessas palavras, ligado à ideia de que há bárbaros, de um lado, e civilizados do outro, é enganador.

Em Bataille essas palavras ditas acima possuem um impacto equivalente a quem lê *La France en 1950* (Pessoa, 2006), pois se trata de um universo cruel em que o grotesco é usado em forma de denúncia social ao leitor: "Os pratos são lavados com

²⁶ "autour de l'idole une clameur demente, une folie de volupte sauvage, une meele de corps si frenetiquement etreints et soudees l'un a l'outre qu'elle prenait l'aspect farouche d'un massacre et ressemblait la tuerie, dans leur cages de fer, de ces condammnes, se disputant lambeau de viande pourrie de Clara."

o sangue de crianças pequenas, que foram estupradas e assassinadas. Não enxugamos os pratos depois”.²⁷

Marquês de Sade possui, no entanto, uma obra intitulada *Justine* ou *Les malheurs de la vertu*, que trata de um *roman noire* composto por atos libertinos, que envolve tanto a moral e o psicológico, quanto o erotismo e a crueldade: “Todos os dias, duas crianças pequenas são necessárias para os meus sacrifícios. Eu gostava? Eu não só gostava como revia novamente nos objetos, mas é essencial para a completa satisfação da minha fantasia”.²⁸

Para George Bataille:

"O mecanismo da transgressão aparece nessa deflagração da violência. O homem quis, acreditou, dominar a natureza, opondo-lhe geralmente a recusa do interdito. Limitando nele mesmo o movimento da violência, ele pensou limitá-lo ao mesmo tempo na ordem real. Mas se ele percebesse a ineficácia da barreira que quis opor à violência, os limites que ele mesmo pretendia observar pessoalmente perdiam o sentido que tinham tido para ele: seus impulsos contidos se soltavam, desde então ele matava livremente, deixava de moderar sua exuberância sexual e não temia mais fazer em público e desenfreadamente o que só até então fazia de forma discreta."
(Bataille,1966)

Félicien Champsaur ao que consta também possui a mesma temática utilizada por Jean Seul, ao colocar a sexualidade em suas obras, este porém coloca de uma forma menos impactante, uma paixão para o evento de risco de vida apresenta gladiadores: "povo soberano e criminoso que ainda tem distraídos contemplação refinado nudez virgem, carne pulsante de feras nos dentes das feras, uma menina

²⁷ “On lave les assietes avec le sang des petits enfants qu’on a violés et egorgés. On n’essuie pas les assietes après”.

²⁸ “chaque jour, deux jeunes enfants sont necessaires a mes sacrifices. ai-je joui? non seulement je n'en revois plus les objects, mais il devient essentiel a l'entiere satisfaction de mes fantasie.

bonita na pilha de vítimas, escondendo os seios ou a flor de um gesto casto no susto”²⁹.

Logo percebemos que a lista de apresentação de Jean Seul, e sua lista de possíveis influências faz jus aos seus fragmentos, de forma autêntica perante os outros heterônimos, e que estes escritos vão muito além do que se pode esperar.

Pessoa é conhecido pela multiplicidade de seu heterônimos, pela forma individual da criação de seus textos, pela característica ímpar impostas a cada uma de suas criações, bem como a forma de diálogo, estrutura e temática em cada uma de suas obras, mas em alguns caso a exclusividade de temas, como é de se esperar, não é em geral, não é sua preocupação ou intenção principal, sendo possível fazer comparações entre os textos do Ortônimo e Heterônimos.

2.Obras do heterônimo Jean Seul de Melurét

2.1 Resumo

2.1.1 Des cas d'exhibitionnisme

O primeiro texto, intitulado *Des cas d'exhibitionnisme*, é o mais extenso e estruturado entre os três. Remete ao modo como o exibicionismo dos *music-halls* era visto pela sociedade da época. É nítida a crítica que Jean Seul faz a partir de uma perspectiva científica e moral. Também se nota uma contraposição entre a loucura e a razão, já que se considerava na época qualquer tipo de exibicionismo uma forma de loucura. Nas palavras de Bataille (1966, p. 144):

"A nudez, oposta ao estado normal, tem certamente o sentido de uma negação. A mulher nua está próxima do momento da fusão, que ela anuncia. Mas o objeto que ela é, ainda que o signo de seu contrário, da negação do objeto, é ainda um objeto."

²⁹ "se passionnent pour les escrimes mortelles des gladiateurs, du peuple souverain et criminel qui se distrait encore a contemplation raffinées des nudites de vierges , de palpitation des chair sous les dents des betes fauves, d'une jolie fille, dans le tas de victimes, cachant ses seins ou sa fleur d'un geste chaste, dans l'effroi."

O texto possui o enredo voltado para a sexualidade, o exibicionismo, a degradação social, o que nos faz associar um ao outro já que a degradação social nesse texto está ligada exclusivamente ao exibicionismo nos music-halls. Conforme Bataille (1966, p. 143): “O sentido último do erotismo é a fusão, a supressão do limite. Em seu primeiro movimento, ele pode ser definido pela existência de um objeto do desejo.”

O texto possui um tom crítico, onde Seul expõe seus pensamentos e análise de forma mais filosófica que as demais, possui nele a intenção de fazer com que o leitor entre no Music-halls da imaginação e observe que as pessoas que ali estão não são ou não estão sadias mentalmente, pois como ele mesmo defende, o pensamento sexual nada mais é do que uma doença, e que está fortemente ligada à loucura. Como menciona Bataille (Bataille, 1966, p. 189): “Em consequência disso, os aspectos que evocam para nós o excesso erótico representam sempre uma desordem. A nudez arruína a decência que nos damos através de nossas roupas.”

Ainda em *Des cas d'exhibitionisme*, Jean Seul (Pessoa, 2006) faz a seguinte reflexão:

"Essas considerações produzem a classificação necessária que vai nos elucidar sobre qual o falso, e verdadeiro exibicionismo, por que naturalmente.

1 – por que a ação de exibicionismo não é um ato de loucura (é dizer , por que da loucura, onde o exibicionismo é um episódio ou uma parte do delírio.

2- caso onde a ação exibicionista é um ato louco fazendo parte de uma excitação sexual geral.

3 – caso onde o ato de exibicionismo." (p. 49).³⁰

³⁰ “(1) Cas où l’action exhibitionnisme n’est qu’un acte fou (c’est à dire, cas de folie, où l’ex[hibitionnisme] est un épisode ou une part de délire)

(2) Cas où l’act[io]n exhibition[nis]te est un acte fou faisant partie d’aune excitation sexuelle générale.

(3) Cas où l’acte exhibitionniste..”

Há uma análise deste texto na biografia escrita por Robert Bréchon (Bréchon, 1996) que diz:

"Encontram-se entre os papéis rascunhos de um tratado intitulado Des cas d'exhibitionisme. Ele mostra que "o exibicionismo representa todas as características de uma impulsão histérica". Mas não há exibicionismo sem público; e o que mais interessa ao autor, porque nisso se sente pessoalmente interessado, é menos a histeria das mulheres nuas ou dos homens que desnudam os próprios órgãos genitais do que dos voyeurs, que os justificam."³¹

Os pensamentos a respeito da loucura e da razão são expostos durante vários fragmentos do texto, onde Seul faz várias críticas ao exibicionismo, fazendo assim, uma ligação entre a loucura e o ato de exhibir. Na prostituição formal o fingimento não encontra permanência. Como bem explica Bataille:

"A prostituição formal é uma proposição onde o fingimento não existe. A prostituição admitiu só os adornos que sublinham o valor erótico do objeto. Um tal adorno em princípio é contrário ao segundo movimento, quando uma mulher foge ao ataque." Bataille, 1966, (p. 145)³²

A respeito do erotismo, Bataille (1966) diz que: O erotismo é, de forma geral, infração à regra dos interditos: é uma atividade humana. Mas ainda que ele comece

³¹ «Retrouvé des ses papiers les brouillons d'un traité intitulé des cas d'exhibitionisme. Il montre que "l'exhibitionisme présente tous les caractéristiques d'une impulsion hystérique". Mais il n'y a pas d'exhibitionisme sans public; et ce qui intéresse plus l'auteur, parce qu'il se sent personnellement concerné, c'est moins l'hystérie des femmes nues ou des hommes qui dénudent leurs organes génitaux que celle des voyeurs, qui la justifient."(p. 94)

³² "La prostitution formelle est une proposition que la feinte de som contraire ne suit pas. La prostitution seule a permis la parure, soulignant la valeur érotique de l'objet. Une telle parure em principe est contraire au second mouvement, où une femme fuit l'attaque."

onde termina o animal, a animalidade não deixa de ser o seu fundamento. Desse, fundam La France em 1950.

2.1.2 La France en 1950

O segundo texto, intitulado *La France en 1950*, é uma sátira que revela uma França futurista, onde a pornografia, a crueldade e o sadismo são vistos de maneira natural pela sociedade francesa e não passam de práticas cotidianas.

Segundo a Equipa Pessoa,

"La France en 1950, é a descrição dessa França futura, morta. Por isso se encontram, no verso do fragmento 55E-57, as palavras lapidares: *Ci Gît la France / Merde*. Este é um relato de outro mundo e de outro tempo, mas que já são o tempo e o mundo contemporâneo aos possíveis leitores do texto, que é repleto de cenas bárbaras e grotescas, mas ironiza os leitores que pensam que a sátira é imoral porque na sua visão não são coisas normais que acontecem a todo momento." (p. 23).

É certo que nesse texto há mais indícios de que Jean Seul (Pessoa, 2006) recebe mais influência de Marques de Sade do que entre os outros textos, pois ele possui uma temática fortemente ligada à forma como Sade se expressa em suas obras e até com um pouco mais de crueldade. Como a seguir:

" Os pratos são lavados com o sangue de crianças pequenas, que foram estuprada e assassinada. Não enxugamos os pratos depois. Isto é - me disseram - um prazer um pouco antigo. Obtemos ejaculações seminais comendo o corpo de uma criancinha" (p. 64).³³

³³ "On lave les assiettes avec le sang des petits enfants qu'on a violés et égorgés. On n'essuie pas les assiettes après. C'est – m'a-t-on dit – une volupté un peu vieillée. On a obtenu des ejaculations séminels en mangeant le corps d'un petit enfant.»

Segundo Bataille, (Bataille,1966): “Nada, no mundo em que vivemos, corresponde aos impulsos de uma multidão que acompanha os movimentos de violência com uma sensibilidade exacerbada, fora do controle da razão.” Nas palavras de Simone de Beauvoir (Beauvoir, 1955):

Quando começamos a descobrir Sade, já está feito e não sabemos como ele se tornou o que é. Tal ignorância nos impede de perceber suas tendências e seu comportamento espontâneo da natureza de suas emoções, as características singulares de sua sexualidade aparecem como dados que só podemos ver (p.15).”³⁴

Em Bataille (1966) temos um trecho de Baudelaire que, por sua vez, nos deixa um registro peculiar sobre o *fazer mal*:

Baudelaire enunciou uma verdade válida para todos, escrevendo: “Quanto a mim, eu digo: a volúpia única e suprema do amor está na certeza de se fazer o mal. E o homem e a mulher sabem há muito que toda a volúpia está no mal.”(p. 140) ³⁵

Apesar de ser um texto repleto de falhas gramaticais e frases incompletas, é de suma importância analisá-lo de maneira em geral, pois, é um fragmento que possui temas que são de certa forma pouco utilizados nos textos Pessoa e que intriga os leitores dos mesmos que estão sempre tentando identificar e relacionar possíveis ligações entre o real e o imaginário de Fernando Pessoa, assim como também em busca de seu símbolos e significados.

³⁴ “Quand nous commençons à découvrir Sade, il est fait déjà et nous ne savons pas comment il est devenu ce qu’il est. Une telle ignorance nous interdit de rendre compte de ses tendances et de ses conduites spontanées la nature de son affectivité, les traits singuliers de sa sexualité nous apparaissent comme des données que nous pouvons seulement constater.”

³⁵“Baudelaire énoçait une vérité valable pour tous, écrivant (1): “Moi, je dis: la volupté unique et suprême de l’amour gît dans la certitude de faire le mal.”

2.1.3 Messieurs les souteneur

O terceiro texto também é uma sátira que tem como temática principal a decadência da França. Seu título, *Messieurs les souteneurs*, traz a literatura como causadora dessa decadência, pois, segundo Jean Seul, em geral as pessoas que escrevem de forma imoral por ser sensual, entendem que ser sensual não é um crime e ser imoral é escrever sensualmente. Assim, Jean Seul continua a discorrer sobre o erotismo e a sensualidade, classificando-os como doenças mentais.

O erotismo na arte, segundo Bataille, (Bataille,1966)

"Por exemplo, se nós rimos (pois a incongruência, que parecia impossível, está entretanto ali, diante de nossos olhos) ao ler sob as dez colunas de um quadro este título: Fontes do orgasmo para a população dos Estados Unidos, e sob a coluna de números as seguintes palavras: masturbação, jogos sexuais, relações conjugais ou não, bestialidade, homossexualidade..., é porque vemos a profunda incompatibilidade existente nessas classificações mecânicas que mostram comumente as coisas (da mesma forma como mostram as toneladas de aço ou de cobre) e as verdades íntimas. Pelo menos uma vez, os próprios autores têm consciência disso, reconhecendo que as pesquisas, os "relatos sexuais", que são a base de sua análise, lhes aparecem às vezes, apesar de tudo, como algo íntimo: isto não os interessava, mas eles dizem que esses "relatos implicam a lembrança de profundos golpes, frustração, dor, desejos insatisfeitos, desapontamento, situações trágicas e catástrofes reais." (BATAILLE, 1966).

Dessa forma, em Jean Seul (Pessoa, 2006) o erotismo literário aparece como uma ação criminosa, pois, acredita que os jovens são influenciados e manipulados pela leitura dos textos com esse teor, e acabam se corrompendo de forma vil e desleal, os torna distantes da literatura tradicional.

"Eu odeio o sensualismo literário porque ele atenta à liberdade individual, e eu amo o respeito mais do que qualquer outra coisa, a liberdade deve a cada um. Se o homem era livre, ele seria bom; não sendo, o erotismo literário é um crime grave." (Pessoa, 2006).

É importante destacar que Fernando Pessoa, o ortônimo, possui uma ligação com Jean Seul a partir da perspectiva crítica, apesar de também ter escrito sobre textos quando observava longe de Lisboa, textos estes com discursos críticos em relação às lideranças portuguesas, Jean Seul escreve em um sentido mais moralista, e também é espectador do que acontece em Paris, não está em si vivendo aquilo que tanto crítica, Para Bataille, (Bataille,1966)

"É verdade que a poesia da atualidade tende a ser de mau gosto e propensa ao escândalo, sempre que pode. Não deixa de ser menos estranho, enquanto parte do fato sexual, ver que não é necessariamente o corpo que anuncia a servidão das coisas, e que esse corpo, ao contrário, em sua animalidade é poético, divino."

2.1.4- Seul

Além destes três principais textos de Jean Seul, *Des cas d'exhibitionisme, La France em 1950 e Messieurs les souteneurs*, textos suplementares que continuam a tratar os mesmo temas dos principais e que reforçam a ideia do heterônimo francófono, Jean Seul, que também surpreende o leitor com um pequeno poema atribuído a ele, que foge de toda a estrutura e temas dos textos anteriores, que, além de ser inesperado, possui como título a palavra Seul, sobrenome de Jean Seul, que traduzido para português chegamos a palavra "sozinho", apesar de poder se aproximar dos fragmentos de outros heterônimos, dificilmente poderia ser confundido pelos estudiosos de Pessoa (Pessoa, 2006).

Nada não é; tudo passa
Tudo é seu curso
O dia se cansa
De ser o dia
As lágrimas que correm
Já em colapso
O olho que
O tempo – abutre
Rola então a bola
Rola então, rola
Sempre, sempre.³⁶

³⁶ Seul

Rien n'est; tout passé,
Tout est son cours,
Le jour se lasse
D'être le jour.
Les pleurs qui coulent
Déjà s'écroulent,
Les yeux qui
Le temps – vautour.
Roule donc boule
Roule donc, roule
Toujours, toujours. (p. 86)

Esse pequeno poema nos deixa curiosos a respeito do que se passava em sua criação, um poema sutil, onde alguém está sozinho e espera que o tempo passe. O que nos remete ao texto anterior que tem sua dedicação ao tempo em *Messieurs les souteneur, Au temps, Cher et estimé maître*, onde segundo a Equipa Pessoa: “é elucidativa relativamente ao modo como podemos ler a visão da decadência protagonizada por Jean Seul na sua relação com a história” (p. 28).

O tempo, que nos fragmentos de Seul nada mais é do que a história, é quem pode prever ao futuro e também a condição primeira da decadência, assim como também possui uma relação com o futurismo e o modernismo, onde o tempo passado não possui valor em comparação a futuro, como já foi visto anteriormente. A exemplo disso temos uma passagem do "*Livro do desassossego*": A Decadência é a perda total da inconsciência; porque a inconsciência é o fundamento da vida.”(pg 40)

2.2 - Os temas

Os fragmentos de Jean Seul são bastante específicos, possuem uma característica própria que os difere dos outros heterônimos. Estão vinculados à sexualidade, à pornografia e ao grotesco, sobretudo à degradação social e moral da França. Sendo esta última a razão principal para que a escrita se volte aos assuntos tão diferentes do universo pessoano. Desse modo, Robert Bréchon (Bréchon, 1996) menciona que "os poucos fragmentos que nos restam de Jean Seul tratam única e exclusivamente de um tema: a sexualidade, mais especificamente dos desvios e perversões sexuais".³⁷

A sexualidade é o tema mais abordado em todos os textos, seja na forma pornográfica, como encontramos no primeiro texto, seja na forma grotesca, presentes no segundo texto, seja na forma de crítica à forma de escrever ou de se fazer uma propaganda, como escrito no terceiro texto.

A França está como centro principal dos temas abordados nos fragmentos de Jean Seul, seja nos fatos históricos, seja nos fictícios. Nos históricos, temos

³⁷ Les quelques fragments qui nous restent de Jean Seul ne traitent guère que d'un seul sujet: la sexualité, et plus particulièrement les déviances et les perversions sexuelles. (94)

informações a respeito de como eram os eventos nas casas de shows parisienses, colocadas no texto como music-halls. Nos fictícios, temos casas de masturbação futurista, ruas repletas de pessoas que cometem atos pornográficos e cruéis com crianças, sendo visto como acontecimentos normais e naturais do comportamento humano.

Como foi enfatizado anteriormente, os três textos, "*Cas d'exhibitionnisme*", "*La France en 1950*", "*Messieurs les souteneurs*", assim como os considerados textos suplementares, possuem fragmentos onde a sexualidade dialoga com outros temas próprios de cada texto, como, por exemplo, o erotismo, a decadência francesa, o sadismo³⁸. Sendo que todos estão interligados não só pela temática principal que envolve a sexualidade, mas também o lugar onde é realizada, no caso a França, e o motivo da decadência, que seria o governo e aqueles que estão satisfeitos com o que lhe é oferecido. Logo, seguiremos o desenrolar da temática envolvida nesses fragmentos da parte espacial representada pela França como causadora de toda a desordem, para então partir para os temas específicos que formam o conjunto de temas que compõem a obra em geral.

2.2.1 - A França com objeto de pesquisa

Ao encontrarmos a França como objeto de pesquisa, notamos que Jean Seul de Méluret a observa de longe, em Lisboa, a partir de sua visão social e crítica. Discorre sobre o cotidiano vivido pelos franceses, considerados decadentes, o que logo nos remete ao ortônimo; Fernando Pessoa traz algumas influências dos principais escritores simbolistas franceses, dentre eles destacamos principalmente os considerados escritores decadentes. Esses escritores seriam aqueles caracterizados de acordo com o estilo, os temas abordados e o teor de suas obras. Além disso uma escrita correlacionada ao Estado, às pessoas e também ao país (França) em si.

Nos textos de Jean Seul, a crueldade e a perversidade aparecem em forma de denúncia (política ou social), são temáticas presente em "*Des cas d'Exhibitionnisme*" e nos textos suplementares e preambulares do heterônimo Jean Seul.

Desse modo, através da leitura dos fragmentos de Jean Seul, consideramos nítido o interesse em confrontar através da crítica o governo e o povo. Percebe-se que

³⁸ Note-se que sádico é a deturpação de sadiano. Cf. Beauvoir, 1955.

todos os textos de Seul, possuem como ambiente a França e que a partir desse espaço são descritas várias formas de demonstrar a decadência francesa.

Lembramos que, além de Jean Seul Méluret ser um heterônimo, e apesar de não ter vivido na França, consegue se transportar de Lisboa para lá de modo que produzirá a partir das informações vindas de lá, tomando o cotidiano e os vícios dos franceses como meios para a sua escrita.

Méluret começa a escrever dando destaque à crítica aos music-halls, adentrando a sátira grotesca e por fim atacando de forma mordaz os escritores que escrevem de forma sensual ou imoral, sendo que ele mesmo poderia estar inserido nesse grupo de escritores.

No primeiro texto, "*Des cas d'exhibionnisme*", a França é representada pelos music-halls, em todo o texto há uma crítica a respeito do comportamento dos franceses que parecem fazer da França um grande bordel, onde a sensualidade e o exibicionismo mancham a imagem da cidade romântica, remetendo-nos a um grande cabaré. Um lugar onde as pessoas que estão presente procuram diversão, além de possuídas por uma loucura generalizada.

O segundo texto é uma sátira que envolve o sadismo e o grotesco de uma forma inimaginável, "*La France en 1950*", remete ao que poderia se tornar a França no futuro, já que os textos teriam sido escritos entre 1907 e 1914, e Jean Seul escreve imaginando como seria o cotidiano, as escolas, as leis, as punições. Esse texto nos remete a cenas de estupros, infanticídios, abortos, sendo todas essas coisas consideradas normais do cotidiano, inclusive ironiza os leitores que sentiram algum tipo de horror à leitura.

O terceiro texto apresenta uma França dominada por escritores cafetões, que, como descreve Jean Seul, escritores que possuem como temática principal a sexualidade. Portanto, atribui-se a eles a principal razão da decadência da França. O texto apresenta-se em forma de sátira que volta a dialogar de certa forma com o primeiro texto, não apenas por possuírem o estilo voltado a crítica, mas também pela forma como recriminam a sexualidade e a perversão como forma de arte. Essa recriminação tem sua motivação tanto pela dança, como é mostrada nos music-hall do primeiro texto, como pela literatura mencionada no terceiro. Ainda nesse texto Jean Seul traz a morte da França para finalizar todos seus projetos.

Conforme a Equipa Pessoa na edição crítica das obras de Jean Seul de Méluret (Pessoa, 2006):

"nos três textos aqui publicados, encontram-se alguns tópicos fundamentais do universo pessoano: por um lado, é evidente a obsessão pela denúncia da decadência da sua contemporaneidade, o que aparece muitas vezes pelo signo da doença; por outro lado a consciência da decadência da arte, consequência e causa da degenerescência social, desperta a necessidade de se ir esboçando uma poética cujo princípios apontasse para o cumprimento da alta missão civilizadora que Pessoa atribuiu e atribuirá à arte."

2.2.2 -A degenerescência

A degeneração da França, segundo a visão de Jean Seul, é o principal motivo de toda a desordem vivenciada pelos franceses. Degeneração, que tem como definição: mudança para um estado pior; decaimento; declínio; decadência, E é um dos temas mais recorrentes nos fragmentos atribuídos a Seul e vem sempre acompanhada de outros dois elementos que são os elementos principais dos textos de Jean Seul, sendo estes um comportamento que seria a sexualidade, o erotismo e a pornografia e um lugar que é representado pela França. Logo, entendemos que os textos fazem uma crítica à França e a degeneração através da pornografia.

Em 1890, segundo relatos históricos, havia uma preocupação crescendo entre os europeus, a degeneração na Europa se tornava evidente, houve um surto que criou desordens e que elevou o índice de pobreza, alcoolismo, crime, violência política e perversão moral. Fazendo com que se levantasse a possibilidade que o governo estaria vulnerável e além disso, as normas sociais estariam ameaçadas pela evidência de que Europa estaria criando uma classe de pessoas degeneradas e descompromissadas com a ordem social. Segundo a Equipa Pessoa: “a decadência é uma categoria essencialmente histórica, na medida em que seu diagnóstico só é possível pela contraposição de outros momentos que antecedem o que é sentido como decadente (p.28). “

Muitos estudiosos expuseram seus pensamentos e análises a respeito desses acontecimentos que estavam tomando conta da Europa, entre estes estava Max Nordau, um médico que escreveu um livro que fora muito criticado na época, *Dégénérescence*, e muito influenciou os pensamentos de Pessoa bem como de seus heterônimos que faziam em seus textos críticas a decadência na Europa Ocidental.

Brechon (Bréchon, 1996) faz uma análise de Pessoa leitor de Nordau:

"Em 1930, respondendo a uma pesquisa de José Osório de Oliveira, Pessoa recorda que viveu, após o regresso a Lisboa, “na atmosfera [...] dos decadentes franceses”, cuja influência, porém, “foi subitamente varrida do espírito pela ginástica sueca e pela leitura de *Dégénérescence*, de Nordau”. O comentário irônico de seus entusiasmos não deve iludir-nos quanto a sua importância. Ele não deve ter se interessado muito pela ginástica sueca. Em contrapartida, a influência dos decadentes e a de Nordau devem ter sido duradouras.”³⁹

É muito provável que Pessoa tenha lido a obra de Nordau no segundo trimestre de 1907, ano em que se iniciou seus trabalhos com o heterônimo de Jean Seul, produzindo seus textos e fragmentos que possuem em si a temática real-imaginária da França em processo de degeneração, como consta no primeiro texto, a França futurista já totalmente degenerada e repleta de imagens grotescas, como consta no segundo texto, e por último a morte da França, tendo a literatura como a causadora desse declínio. Em sua obra, Nordau expõe a arte, a música e a literatura, e tenta explicar e caracterizar como os artistas se tornaram os mentores dessa degeneração.

Conforme Robert Bréchon (1996): “o mérito de Nordau foi o de lhe fazer ver claramente o esgotamento da cultura ocidental, chegada ao fim de um percurso de dois

³⁹ En 1932, répondant à une enquête du sociologue Antônio Sérgio, l'un des maîtres à penser de son temps, Pessoa rappelle qu'il a vécu, après son retour à Lisbonne, < dans l'ambiance des poètes décadents français >, mais leur influence “a été balayée un beau jour par la gymnastique suédoise et par la lecture du livre sur la *dégénérescence*”. Le commentaire ironique de ses engouement successifs ne doit pas nous de masquer l'importance. Il n'a pas dû s'intéresser bien longtemps à la gymnastique suédoise. En revanche, l'influence des décadents et celle, en sens contraire, de Nordau ont été durables. (133)

milênios." ⁴⁰ Após a leitura da obra Pessoa (Pessoa, 2006), lemos o seu pensamento a respeito do que lera em uma observação preciosa para seus pesquisadores:

"N[ordau]'s therapeutics for

1. To prove to those yet capable of comprehending that certain Works of art are products of d[egeneratio]n.
2. Tear from works of degenerates all their semblance of healthiness.

(cf. case of nudities in halls. Characteristic of the sexual degeneration of the race)"(pg.19)

2.2.4-A sexualidade

A sexualidade está presente em todos os textos, porém não da mesma forma. No primeiro texto, Jean Seul coloca a sexualidade de forma "sensual", e está representada pela forma como as dançarinas de music-halls se apresentam, se vestem e se portam. Nesse texto a sexualidade ganha uma outra palavra mais branda, " exibicionismo" Seul supõe que esse comportamento é uma doença psíquica que contrapõe à loucura e à razão.

Em *Des cas d'exhibitionnisme*, Jean Seul (Pessoa, 2006) supõe que:

"Se refletirmos um pouco se torna evidente que o exibicionismo, no senso mais largo da palavra- é que nos tem dado com as linhas de introdução desse capítulo – que podem ser encontradas no feito do exibicionismo progressivamente: (1) uma ação de loucura, (2) uma ação de loucura sexual, (3) uma ação de loucura sexual consistindo em uma ação de exibir." (p. 49)⁴¹

⁴⁰ Le mérite de Nordau, c'est de lui avoir fait clairement voir l'épuisement de la culture occidentale, parvenue à la fin d'un parcours de deux millénaires(136)

⁴¹ "si l'on y réfléchit un peu il deviant evident que exhibitionnisme - dans le sens le plus large du mot- celui que nous l'avons donné avec les lignes introductoires de ce chapitre – on trouve quel'on peut trouver dans le fait d'exhibitionnisme progressivement: (1) une action folle , (2) une action de folle da sexualité,(3)une action folle de sexualité consistant dans une action d'exhiber."

No segundo texto a sexualidade possui um teor grotesco, em que é normal as mães dormirem com seus filhos e os pais com suas filhas. As escolas possuem algumas especialidades em comum, há escolas de masturbação e sadismo. Aquelas que não respeitam as normas das instituições têm como punição permanecer despidas nas salas de aula.

"Não há – nem há necessidade de dizer isso – escolas técnicas, há somente “A Escola da Masturbação”, “A Escola do Sadismo” e algumas outras da mesma espécie. As mães se deitam com seus filhos e os pais se deitam com suas filhas. Já nos entediamos disso. É comum demais.”(62)

No terceiro texto a sexualidade é representada na forma de escrever. Seul condena a sexualidade e a pornografia nas literaturas, e cita várias obras pornográficas, seja em livros, seja em propagandas, e considera que os que escrevem dessa forma sejam cafetões literários.

No fragmento *Messieurs les souteneurs*, Jean Seul (Pessoa, 2006) se refere aos escritores que escrevem sobre temas eróticos como cafetões literários: “A sociedade intimamente (como um tipo em questão) está doente, mas são sobretudo as mãos que são mais sujas. É justamente o símbolo das mãos imundas que faz dos senhores cafetões literários artistas vis.”

2.2.5-Sadismo

Temos a definição de sadismo como sendo a prática sexual que consiste em obter prazer com a dor e sofrimento de outra pessoa. Assim, temos os exemplos das narrativas de *La France em 1950* e *Messieurs les Souteneurs* que possuem seus temas justamente voltados à violência sexual. Segundo Bataille (Bataille, 1966), a sexualidade que ele imagina contraria mesmo os desejos dos outros (de quase todos os outros), que não podem ser seus parceiros, mas suas vítimas.

Marquês de Sade possui, no entanto, uma obra intitulada *Justine ou les malheurs de la vertu*, que trata de um *roman noire* composto por atos libertinos, que envolve tanto a moral e o psicológico quanto, erotismo e a crueldade:

"Todos os dias, duas crianças pequenas são necessárias para os meus sacrifícios. Eu gostava? Eu não só gostava como revia novamente nos objetos, mas é essencial para a completa satisfação da minha fantasia."

Em "La France en 1950" temos: "A ciência se transformou em inquérito sexual. Existem professores de aborto e de infanticídio. Lemos nos jornais que crianças de quatro anos se suicidaram porque foram abandonados por suas ou seus amantes."(p.62)

Para Bataille:

"A multidão francesa, em 1789, quis viver por si mesma. O espetáculo da glória dos grandes, longe de contentá-la, só fez aumentar a sua ira. Um homem isolado, o Marquês de Sade, aproveitou-se da situação para desenvolver todo um sistema e, sob o pretexto de criticar, levou-o às últimas consequências." (Bataille,1966)

2.2.6 -O grotesco

A palavra "grotesco" é derivada do termo em latim "grotto" que tem como significado gruta ou pequena caverna, e é referente àquilo que não somos acostumados a ver ou pensar, enfatiza o estranho e o bizarro, e pode muitas vezes está associado à ironia, à sátira e àquilo que pode ser considerado feio, e pode ser utilizado nas áreas artísticas, arquitetura, bem como á literatura, e é um dos temas recorrentes nos fragmentos de "La France en 1950" atribuídos a Jean Seul .

Segundo Sodré e Paiva no livro "O império do grotesco", existem quatro espécies de grotesco, são eles: o escatológico, o teratológico, o chocante e o crítico, onde cada um possui uma característica que o define. Podemos inserir os fragmentos de "La France en 1950" na espécie crítica que tem como característica o desvelamento público e reeducativo do que nele se tenta ocultar e possui a formas de paródia , caricatura, charge .

Ao exemplo disso há de se destacar alguns fragmentos do texto de Jean Seul (Pessoa, 2006) para demonstrar o teor do texto: "M. é acusado de não ter estuprado uma criança

de dois meses. Respondeu que, segundo imaginava, seria melhor estuprar depois de preso. Não pensava em nenhuma ofensa à decência do comitê socialista.” p. 63).

Segundo a Equipe Pessoa:

" o intuito humanista desta sátira elege muitas vezes o grotesco como método para atingir seu fim, mas essa matéria aqui é apresentada como uma norma que não causa estranheza. Em muitos dos fragmentos, a narração parece tomar o ponto de vista do mundo narrado, esbatendo-se qualquer crítica explícita sobre o universo da causa. Como por um lado, tão estranho, e, por outro, tão já próximo." (pg.23)

Sobre este fragmento e os estudos sobre as obras de Pessoa, Bréchon (Bréchon, 1996) também faz alguns comentários sobre *La France en 1950*:

[...] "também se encontram, datados provavelmente da mesma época, fragmentos de uma antecipação satírica de *La France en 1950*, à maneira de Swift ou de Voltaire: estranho quadro de uma sociedade onde, por exemplo, o incesto é obrigatório, está na moda medir o pênis etc"

2.3 - O “fim” segundo Alain Badiou

Destacamos nos três principais projetos de Jean Seul, além dos temas abordados, uma palavra que não corresponde ao seu sentido principal, que seria finalizar o texto ou ideia: a palavra “fim”. Esta palavra está presente em todos os três textos principais, mas o termo não está ali apenas para finalizar o texto. Entendemos que o uso da palavra “fim” em um projeto justifica-se, pois pela presença de um texto

com que pretende encerrá-lo, mesmo que haja lacunas por preencher no decorrer do mesmo. É um texto intratextual, pois está no mesmo idioma em que está escrito o texto principal, e para que o autor inicie seu pensamento a respeito dos seus próprios textos, é a partir deste “fim” que levantamos questões a respeito das intencionalidades do escritor.

Conforme Alain Badiou, jamais é realmente modesto enunciar um “fim”, um término, um impasse radical. O anúncio do “fim das grades narrativas” é tão modesto quanto à própria narrativa, a certeza do “fim da metafísica” se move no elemento metafísico da certeza, a desconstrução do conceito de sujeito exige uma categoria central – o ser, por exemplo – cuja a prescrição historial é ainda mais determinante.

Nesse sentido, ao observarmos os comentários do autor sobre seu próprio texto, verificamos a possibilidade de que o fim está ali para marcar o começo dos pensamentos realmente responsáveis a deixar o leitor, mas interessado ou seduzido através da leitura.

O autor ao realizar essa série de pensamentos e comentários em sua própria obra, faz com que os pensamentos sejam voltados a sua possível veracidade, não que isso importe de fato, mas sua intenção de mostrar a verdade através desses textos e seu conhecimento a partir das informações faz com que a leitura tenha uma interação com o leitor, Jean Seul após falar sobre estupros de crianças e castigos cruéis de escolas no texto *La France em 1950*, escreve no fim do texto, “talvez algum idiota poderá pensar que esta sátira é indecente e que é imoral. Isso será próprio de um idiota pensar assim, porque os grandes homens da ciência têm hoje o reconhecimento e constatam de fato, que os idiotas pensam besteira (p.67)⁴²”.

⁴² Il y aura peut-être quelqu'idiote qui pourra penser que cette satire est indécente et qu'elle est immorale. Ce serait le propre d'un idiot de penser ainsi; car les plus grands hommes de science ont aujourd'hui reconnu et constaté ce fait, que les idiots pensent bêtement, et qu'ils font de sottises.

3. Tradução anotada das obras de Jean Seul de Méluret heterônimo francês de Pessoa

3.1. Estrutura do texto

O primeiro texto *Des cas d'ehbitionnisme* possui 17 fragmentos. É constituído por um prefácio, três capítulos e um fim, sendo este último a conclusão apressada do trabalho que ficou no seu conjunto inacabado. O segundo texto, *La France en 1950*, é composto por oito fragmentos e não possui uma estrutura evidente como o anterior, em que a organização dos textos dependeram muito mais das características dos materiais originais, do que da ligação temática entre os fragmentos. *Messieurs les souteneurs*, por sua vez é formado, além de seu texto em si, por outros fragmentos intitulos textos preambulares, que dialogam de certa forma com a mesma temática do texto principal.

3.2. Critérios de tradução e edição dos textos de Jean Seul de Melurét

Os textos de Jean Seul Méluret, em sua maioria, incompletos e com erros gramaticais, sobretudo de concordâncias de gênero e grau, foram encontrados em um caderno artesanal intitulado *The Transformation book or Book of task*, é composto por três textos principais, que abordam temas absolutamente incomuns ao paradigma literário pessoano, tais como anarquismo, feminismo, socialismo, degradação social, erotismo e pornografia, tendo como eixo a arte moderna conforme supostamente compreendidos na França de então, como exemplo máximo dessa decadência.

O processo de edição e tradução dos textos da obra de Jean Seul de Méluret, heterônimo francófono de Fernando Pessoa, por um processo de transformação gradual, está dividido em algumas etapas, que foram realmente necessárias para a compreensão dos textos, desde os fragmentos manuscritos de Pessoa até o atual estado em que se encontra, dentre essas etapas estão:

1- Texto escrito pelo autor: Fernando Pessoa.

2- Edição da Equipa Pessoa.

3- Tradução literal dos textos.

4- Tradução editada.

Os fragmentos foram editados e corrigidos por Rita Patrício e Jerónimo Pizarro, de acordo com os critérios ecdóticos e de crítica genética adotados pela Equipa Pessoa da INCM, pondo em evidência através de símbolos, para que o leitor possa identificar as partes em que houve correções gramaticais, assim como palavras ilegíveis e espaços deixados em branco pelo autor.

Assim, para a Equipa Pessoa:

A edição de textos que não conheceram uma organização final por parte do seu autor coloca sempre desafios; o material a editar consiste essencialmente em notas que ficaram incompletas, muitas de leitura difícil, e em que, por vezes, a ordenação de partes dentro do mesmo suporte nem sempre é clara. Estes foram projectos, como outros, que Pessoa definitivamente abandonou antes de lhes delinear uma forma final. Editar estes fragmentos implicou reuni-los esboçando uma ordenação que não tiveram materialmente, mas nunca esquecendo que essa ordem é tão só conjecturada pela leitura que se fez destes esboços e notas e pelo estudo dos originais, uma vez que poucos são documentos os documentos que contêm informações estruturais.

Como se tem conhecimento, Fernando Pessoa viveu durante alguns anos em Durban onde foi alfabetizado em língua inglesa e deteve o primeiro contato com a língua francesa, sendo ensinado pela mãe a falar e compreender o idioma, e mais tarde fez alguns estudos avançados em língua francesa, entre os anos de 1905 a 1907,

portanto, logo veio a traduzir textos de escritores franceses para o português, mas nunca possuiu total domínio da língua francesa.

Estes fragmentos colocam ainda ao editor um outro tipo de problema: o de decidir como tratar o francês do poeta. Note-se que Pessoa não tinha do francês o mesmo domínio do que do inglês e do português, e que estamos, quase sempre, perante esboços não revistos. A presente edição mantém as deficiências linguísticas que os textos encerram, sendo absolutamente escritos procura não corrigir o autor nem sugerir que são textos acabados estes rascunhos lacunares e só muito esporadicamente emendados.

Então, ao escrever os textos em língua francesa, atribuídos à Jean Seul de Méluret, Fernando Pessoa nos deixou algumas lacunas em aberto, onde há algumas falhas gramaticais na escrita, bem como frases incompletas e palavras desconhecidas da língua francesa, sendo assim criadas pelo autor:

"Esta edição apresenta duas novidades relativamente aos outros volumes da colecção da Edição Crítica de Fernando Pessoa. Achamos conveniente assinalar no Texto Crítico as lições dubitadas por Pessoa – o que ele costumava assinalar com uma linha cortada, entre colchetes ou dentro de um círculo -, pelo que as varras oblíquas (//) encerram agora essa lição abrangida pelo sinal de dubitação nos autógrafos. Fica, portanto, o asterisco simples (*) para destacar o que em outros volumes da Edição Crítica se representava entre barras com asterisco inicial (/*/), aqueles passos que nos autógrafos se lêem com dúvidas, por causa da caligrafia ou das características físicas do suporte. Ou seja, quando a dubitação é do autor, a lição encerra-se em barras oblíquas (por exemplo, *toute*, em */toute/ autre nation*); quando a dúvida é do editor, a palavra – quase sempre é só uma – é precedida por um asterisco (**ajouté*). O símbolo que antes indicava os passos de elevada dificuldade de decifração (/ * /) desdobra-se em dois para dar conta, por um lado, das hesitações do autor (//) e, por outro, das nossas próprias conjecturas (*) como leitores dos originais conservados no seu espólio." (pg.14)

A edição realizada pela Equipa Pessoa consiste em todo um planeamento e estudo prévio, e possui várias etapas até chegar ao conteúdo publicado, a primeira etapa é a realização da edição é chamada de recessão, ou recession, que é o levantamento de todas as possíveis partes da obra, seja as partes diretas, ou seja o próprio texto manuscrito, ou indireta, que seria todas os documentos que podem ajudar na interpretação destes textos, que podem ser notas, livros lidos pelo autor, traduções, comentários, etc..

A segunda etapa conhecida como colação, ou collation, nesse caso específico, é o momento em que se exclui os que não são considerados fragmentos, como continuação do texto escolhido para a edição, é eliminado os textos que não se encaixam no contexto.

A terceira etapa, é a emendation, ou a correção do texto, que pode ser feita de duas formas, seja através do cotejo dos códices, seja através das conjecturas, e é a edição do texto em si, onde é realizado a “correção”do texto.

Foi a partir da edição crítica dos Textos de Jean Seul de Méluet, realizado pela Equipa Pessoa em Lisboa, (grupo de estudiosos das obras-fragmentos de Fernando Pessoa), que chegamos aos textos que hoje circulam de forma mais completa e decifrável de Pessoa. Porém, sem deixar de mencionar que estes textos são considerados fragmentos incompletos e/ou inacabados.

Após a publicação da obra já editada, é que se teve a ideia da tradução dos fragmentos atribuídos a Jean Seul para o português, justamente para que os leitores das obras de Fernando Pessoa pudessem ter acesso a este texto em língua portuguesa. O processo de tradução também foi realizado de forma lenta e gradual, a começar com uma leitura das obras, para a compreensão do contexto dos textos, para enfim iniciar a tradução em si.

A partir da análise minuciosa das palavras com algum tipo de correção realizada pela equipe de edição. Foi feita uma tabela com os “erros” para se ter realmente a comprovação de que estes erros não são propositais, tais como os das obras de Alberto Caeiro que tinham como características os erros gramaticais, por conta de seus estudos apenas primários.

A tabela a baixo possui as palavras em que houveram correções ortográficas e gramaticais e seus símbolos possuem tais significados:

1. [] – abreviaturas
2. * - palavras deduzidas
3. // - palavras com dúvidas do autor

Índice	Página	Símbolo	Palavra	Tradução
1	47	//	En	Em
2	47	//	Toute	Toda
3	48	//	citions aux	citadas nas
4	48	//	de moins de 9 ans	de menos de 9 anos
5	48	//	En	Em
6	48	//	Cette	Essa
7	48	*	d* ajouté	Junto
8	48	//	de Beaucoup	Muito
9	48	//	Pas	Negação
10	48	[]	l'exhibitionnisme	o exibicionismo
11	48	//	Susdit	Supracitadas
12	48	//	toute simplement	tudo simplesmente
13	49	[]	l'action	Ação
14	49	[]	d'exh[ibitionnisme]	de exibicionismo
15	49	[]	l'exhibitionnisme	de exibicionismo
16	49	//	Elucider	Elucidar
17	49	[]	exhibitio[nnis]te	Exibicionista

18	49	//	Masqué	Mascarado
19	49	//	music-hall/s/	music-halls
20	50	[]	Définition	Definição
21	50	[]	Exhibitionism	Exibicionismo
22	50	[]	Exhibitionnism e	Exibicionismo
23	50	[]	exhib[itionnism e]s	Exibicionismo s
24	50	[]	exhib[itionnism e]s	Exibicionismo s
25	50	[]	exhib[itionnism e]s	Exibicionismo s
26	50	//	Aisément	Facilmente
27	52	[]	exhib[itionnis] me	Exibicionismo
28	52	[]	l'exhib[itionnis] me	Exibicionismo
29	52	[]	l'exhib[itionnis me]	Exibicionismo
30	52	//	Soit	Seja
31	52	//	a	Tem
32	53	[]	c[ette]	Esta
33	53	[]	c[ette]	esta
34	53	[]	l'exh[ibitionnis m]e	Exibicionismo
35	53	[]	l'exh[ibitionnis me]	Exibicionismo
36	53	[]	i[mpulsion]	Impulsão
37	53	[]	i[mpulsion]	Impulsão
38	53	[]	imp[ulsio]n	Impulsão
39	53	[]	imp[ulsion]	Impulsão
40	57	//	Couverture	Cobertura

41	57	//	Parure	Conjunto
42	57	//	d'/ importantes	de importantes
43	57	//	Encore	Então
44	57	//	Extériorité	Exterioridade
45	57	//	Extériorité	Exterioridade
46	57	//	instincts ou tendance	instinto ou tendencia
47	57	//	par eux	para eles
48	57	//	d'abord	Primeiramente
49	57	//	traité/e/	Tratada
50	57	//	de honte	Vergonha
51	58	//	Confort	Conforto
52	58	[]	d'exh[ibitionnis me]	de exibicionismo
53	58	//	Défense	Defesa
54	58	//	Eux	Eles
55	58	//	exhibitionnism e/s/	Exibicionismo s
56	58	//	Lá	La
57	58	//	l/es/	Os
58	60	//	ne peut-on pas	não podemos
59	60	//	Pour	para
60	60	//	sera-ci	será esta
61	60	//	Chasteté	
62	62	*	Créations	Criação
63	62	//	c'	É
64	62	[]	l'école	Escola
65	62	[]	l'école	Escola
66	62	[]	q[ue]	Que
67	62	//	s'	Se
68	65	//	Diminué	Diminuida
69	65	*	Sorties	Saida

70	69	//	Je	Eu
71	69	//	Lamenter	Lamentar
72	69	//	n'	não
73	69	//	Peux	Pode
74	72	//	jusqu'à/	Até
75	72	//	Capas	Capas
76	72	//	Capas	Capas
77	72	//	de/s/	Das
78	72	//	celui-ci	
79	72	//	Ornats	
80	73	//	Par	Para
81	73	//	Prision	Prisão
82	74	//	Bonhomme	Companheiro
83	74	//	Invité	Convida
84	74	[]	j[e]	Eu
85	74	//	Passé	Passado
86	74	[]	d[emande]	Pergunto
87	74	[]	q[ue]	Que
88	75	[]	comp[agnie]	Companhia
89	75	[]	resp[onsabilité]	Responsabilida de
90	79	*	Viles	Cidade
91	79	[]	excrém[ents]	Excrementos
92	79	//	Jamais	Jamais
93	79	[]	litt[éraires]	literarios
94	79	[]	n[otre]	Nossa
95	79	//	soi	Si
96	79	//	Salissait	Sujar
97	80	//	En	Em
98	80	//	tant que	Enquanto
99	80	[]	q[ue]	Que
100	80	//	tant	Tanto

101	81	//	Pendard	Envergonhado
102	81	[]	n'ét[aiement]	Estavam
103	81	[]	id[ées]	Ideias
104	81	[]	sen[sualité]	Sensualidade
105	83	//	canalisations,etc c	canalização,etc
106	83	//	De	De
107	83	//	dégénéré inferieur	degenerado inferior
108	83	[]	désinfect[ant]	Desinfetante
109	83	[]	v[ous]	Você
110	84	[]	l'ass[ociation]	Associação
111	84	//	Futur	Futuro
112	84	[]	l'h[umanité]	Humanidade
113	84	//	non, non	não, não
114	84	[]	q[ue]	Que
115	86	//	La	A
116	86	//	la	A
117	86	//	Anthopophages	Canibais
118	86	//	eu	
119	87	//	Concrétisation	Concretização
120	87	//	Contrôle	Controle
121	87	//	De	De
122	87	[]	dégén[érée]	Degenerada
123	87	[]	d[égénéré]	Degenerado
124	87	[]	inf[érieur]	Inferior
125	87	*	Position	Posição
126	87	//	Tenez	Tem
127	87	//*	faisant théorie	teoria tomada
128	87	[]	v[ous]	Você
129	87	[]	v[otre]	Vossa
130	87	[]	v[otre]	Vossa

131	88	[]	am[our]	Amor
132	88	[]	am[our]	Amor
133	88	[]	anarch[ism]	Anarquismo
134	88	[]	anarch[iste]	Anarquista
135	88	[]	conséq[uent]	Consequente
136	88	[]	deg[eneratio]n	Degeneração
137	88	[]	deg[eneratio]n	Degeneração
138	88	[]	l[ibre]	Livre
139	88	[]	l[ibre]	Livre
140	88	[]	v[otre]	Vossa
141	89	//	Dissolue	Dissoluto
142	89	//	Eternisé	Eternizado
143	89	//	Passage	Passagem
144	89	//	Passé	Passou
145	89	[]	q[ue]	Que
146	90	//	Coeur	Coração
147	90	//	Ordonée	Ordenada
148	90	//	Vaincrons	Superamos
149	90	[]	v[ous]	Você
150	90	[]	v[ous]	Você
151	90	[]	v[ous]	Você
152	90	[]	v[ous]	Você

Analisamos também as palavras e frases que já possuíam algum tipo de edição por parte da Equipa Pessoa para a compreensão dos erros ortográficos, que podem ser possivelmente caracterizados por um tipo de abreviação de algumas palavras já que muitas delas sempre eram compostas pelas mesmas letras, e possuíam , segundo o contexto, o mesmo significado, a exemplo disso tempos a palavra *degeneration*, que aparecia como *degn*, podendo, a partir dos estudos realizados pela equipe responsável pela edição destes fragmentos, ser possível identifica-la como o vocábulo *degeneration*, que também já havia sido muito utilizado nos fragmentos atribuídos a

Jean Seul, por sua vez, seguindo a análise dos erros gramaticais, foi possível constatar uma possível, ou não, podendo falta de domínio da língua francesa por Fernando Pessoa.

Agora apresentamos os vocábulos em suas respectivas frases:

Índice	Fragmento- Original	Fragmento - Tradução
1	<p>Étant données les immenses forces de décadence - s'il y a quelque chose que l'on puisse appeler une force de décadence - déchaînés depuis longtemps dans la civilisation moderne et, spécialement, dans la France, qui la représente plus que toute autre nation, il n'était pas difficile à prévoir que l'on verrait dans peu de temps des formes plus accentuées - plus accentuées je veux dire, pour la vision - de dégénérescence sociale</p>	<p>Dada a imensas forças da decadência- se tinha alguma coisa que a gente pudesse chamar de uma força de decadência – desencadeou depois de muito tempo dentro da civilização moderna e, especialmente, na França, que representa mais que /tudo/ outra nação, não é difícil prever que em pouco tempo apareceram formas mais acentuadas- mais acentuadas eu posso dizer para a visão – de degeneração social.</p>
2	<p>Et pourtant tout esprit naturellement, quoique modestement, épris du bien de l'humanité s'endormait volontairement, voulant échapper en quelque manière à l'inévitable par l'ignorance</p>	<p>E portanto todo espírito natural, embora modestamente, o encanto do bem da humanidade se adormece voluntariamente, /em/ querendo escapar de qualquer maneira inevitável para a ignorância.</p>

3	<p>Si nous étions un grand et fort esprit, instruit et pondéré, nous aborderions la question de la dégénérescence de la civilisation occidentale, et, surtout, de la France, dans toute son ampleur, en étudiant toutes ses formes, toutes ses tendances, toutes ses (...).</p>	<p>Se nos foram um grande e forte espírito, instruído e ponderado, nós abordaremos a questão da degeneração da civilização ocidental, e, sobretudo da França, dentro de todos suas magnitudes /em/ estudando todas as suas formas, todas suas tendências, todos seus, etc .</p>
4	<p>. Mais l'entreprendre, non seulement pour nous, mais pour de beaucoup qui valent bien plus que nous, n'aboutirait qu'à une oeuvre manquée.</p>	<p>Mas empreender, não somente pra nós, mas para /muitos/ que vale tem mais que nós, nenhum resultado que uma obra falta.</p>
5	<p>Nous avons donc pris un fait seulement - le fait que nous citions aux premières lignes de cette préface - et de ce fait nous avons cherché à déduire l'état de la conscience et du psychisme social dont il n'était qu'une manifestation.</p>	<p>Nós temos então tomado um feito somente - o feito que nós/ citamos nas/ primeiras linhas desse prefácio- e esse fato nós temos procurado deduzir o estágio da consciência e do psique social que ele não era mais que uma manifestação.</p>
6	<p>Nous avons donc pris un fait seulement - le fait que nous citions aux premières lignes de cette préface - et de ce fait nous avons cherché à déduire l'état de la conscience et du psychisme social dont il n'était qu'une manifestation.</p>	<p>Nós temos então tomado um feito somente - o feito que nós/ citamos nas/ primeiras linhas desse prefácio- e esse fato nós temos procurado deduzir o estágio da consciência e do psique social que ele não era mais que uma manifestação.</p>

7	<p>On a d'abord à prouver une chose que beaucoup de gens ne voudraient pas croire, si vraie qu'elle soit; ensuite, il faut faire sortir de ce fait, ainsi éclairé, la signification qu'il a comme symptome.</p>	<p>Foram primeiramente demonstrar uma coisa que muitas pessoas não querem acreditar, se é verdade que ela seja; seguindo, falta fazer sair desse feito, assim clarear, a significação que tem como sintoma.</p>
8	<p>Aujourd'hui on lit beaucoup sur les perversions sexuelles, non parce qu'elles sont des maladies, mais [tout simplement] parce qu'elles sont des perversions sexuelles</p>	<p>Hoje nós lemos muito sobre as perversões sexuais, não por que elas são doença, mas toda simplesmente por que são doenças sexuais.</p>
9	<p>J'espère donc n'étonner que quelques jeunes personnes de moins de 9 ans avec cette déclaration initiale.</p>	<p>. Eu espero então não surpreender aquelas jovens pessoas de menos de anos com essa declaração inicial.</p>
10	<p>Dire, en continuant, que cette perversion consiste dans le besoin d'exposition des organes sexuelles [-ces organes génitaux à [...] -] c'est peu d'originalité [?], car quiconque sait qu'il existe une perversion sexuelle nommée l'exh[ibitionnisme] ne peut manquer de savoir la signification de ce mot dans les dictionnaires de médecine</p>	<p>Dizer, continuando, que essa perversão consiste na necessidade de exposição dos órgãos genitais(os órgão genitais ser abem entendido) isso é um pouco acrescentado, por que quem sabe que existe uma perversão sexual om o nome de exibicionismo não pode esquecer de saber o significado dessa palavra nos dicionários de medicina.</p>

11	<p>Dire, en continuant, que cette perversion consiste dans le besoin d'exposition des organes sexuelles [-ces organes génitaux à [...] -] c'est peu d'originalité [?], car quiconque sait qu'il existe une perversion sexuelle nommée l'exh[ibitionnisme] ne peut manquer de savoir la signification de ce mot dans les dictionnaires de médecine</p>	<p>Dizer, continuando, que essa perversão consiste na necessidade de exposição dos órgãos genitais (os órgão genitais ser abem entendido) isso é um pouco acrescentado, por que quem sabe que existe uma perversão sexual om o nome de exibicionismo não pode esquecer de saber o significado dessa palavra nos dicionários de medicina.</p>
12	<p>Par le même les jeunes gens susdites, en entendant la définition du mot, ne restent dans l'étonnement, car, si par hasard ils ignoraient le mot, ils ont certainement l'expérience de la chose à laquelle il s'applique.</p>	<p>Nem as pessoas novas referidas, entendem a definição da palavra, não ficaram assustadas, por que caso por sorte elas ignorarem a palavra, terão certas experiências da coisa a qual ela se aplica.</p>
13	<p>Or, il est plus que notre conviction profonde que les cas de nudités publiques dans les music-halls de Paris, et, peut-être, d'ailleurs - car pour nous c'est le fati qui importe et rien de plus - ne sont que des cas d'exhibitionnisme inévident, masqué.</p>	<p>Ou, por mais que nossa convicção profunda que os casos de nudismo público nos music-halls de paris, e, talvez , também – carro para o caso é fazer que não importe e mais nada – não são caos de exibicionismo evidentes, mascarados .</p>
14	<p>Or, il est plus que notre conviction profonde que les cas de nudités publiques dans les music-halls de Paris, et, peut-</p>	<p>Ou, por mais que nossa convicção profunda que os casos de nudismo público nos music-halls de paris, e, talvez ,</p>

	<p>être, d'ailleurs - car pour nous c'est le fati qui importe et rien de plus - ne sont que des cas d'exhibitionnisme inévident, masqué.</p>	<p>também – carro para o caso é fazer que não importe e mais nada – não são caos de exibicionismo evidentes, mascarados .</p>
15	<p>Cette conviction paraît étrange, mais ce n'est que quand on n'a pas étudié la maladie en question. Pour lui montrer que les faits dont nous parlons ne sont que des cas d'exh[ibitionnisme] il faut creuser cette matière, il faut l'approfondir, il faut analyser dans toute son extension cette perversion sexuelle.</p>	<p>Essa convicção parece estranha, mas não é quando estudamos a doença em questão. Para o bem mostrar que os feitos então falam não são os casos de exibicionismo falta escavar essa matéria, falta aprofundar. falta analisar toda a sua extensão essa perversão sexual.</p>
16	<p>Ces considérations produisent la classification nécessaire qui va nous /élucider/ sur ce qui le faux, le vrai exhibittionisme. Car naturelmet</p>	<p>Essas considerações produzem a classificação necessária que vai nos elucidar sobre qual o falso, e verdadeiro exibicionismo</p>
17	<p>“(1) Cas où l'action exhibitionnisme n'est qu'un acte fou (c'est à dire, cas de folie, où l'ex[hibitionnisme] est un episode ou une part de délire)</p>	<p>1 – por que a ação de exibicionismo não é um ato de loucura (é dizer , por que da loucura, onde o exibicionismo é um episódio ou uma parte do delírio.</p>
18	<p>(2) Cas où l'act[io]n exhibition[nnis]te est un acte fou faisant partie d'aune excitation sexuelle générale.</p>	<p>2- Caso onde a ação exibicionista é um ato louco fazendo parte de uma excitação sexual geral.</p>
19	<p>(2) Cas où l'act[io]n exhibition[nnis]te est un acte fou</p>	<p>2- Caso onde a ação exibicionista é um ato louco</p>

	faisant partie d'une excitation sexuelle générale.	fazendo parte de uma excitação sexual geral.
20	Considérez bien la nature de cette perversion et vous le verrez /aisément/.	Consideram bem a natureza da sua perversão e você verá facilmente.
21	Les exhib[itionnisme]s à impulsion pure	Os exibicionismos a impulsão pura
22	Les exhib[itionnisme]s à impulsion sexuelle	Os exibicionismos a impulsão sexual
23	Les exhib[itionnisme]s à impulsion vraiment exhibitionniste	Os exibicionismos a impulsão verdadeiramente exibicionista
24	Here exh[ibitionis]m is an episode of the insanity.	Aqui o exibicionismo é um episódio de insanidade
25	Ex[hibitionnisme] Vrai.	verdadeiro exibicionismo
26	Déf[inition]. L'exhibitionnisme vrai est une impulsion sexuelle et consciente et perverse à étaler théâtralement ses organes génitaux.	Definição. o exibicionismo verdadeiro é uma impulsão sexual e consciente e perversa espalhar teatralmente seus órgãos genitais.
27	Il y dans l'exhib[itionnisme] tendance au statuesque.	Existe no exibicionismo uma tendência escultural.
28	Si par hasard il y /a/ quelque homme don't 'lexh[ibitionnis]me /soit/ la seule manie, et ceci sans sexualité – ce ne sera qu'un délirant	Se por acaso existe algum homem cujo o exibicionismo, este sem sexualidade - não será um delírio.
29	Si par hasard il y /a/ quelque homme don't 'lexh[ibitionnis]me /soit/ la seule manie, et ceci sans sexualité – ce ne sera qu'un délirant	Se por acaso existe algum homem cujo o exibicionismo, este sem sexualidade - não será um delírio.

30	Si par hasard il y /a/ quelque homme don't 'lexh[ibitionnis]me /soit/ la seule manie, et ceci sans sexualité – ce ne sera qu'un délirant	Se por acaso existe algum homem cujo o exibicionismo , este sem sexualidade - não será um delírio.
31	Le exh[ibitionnis]me vrai a une base consciente et sexuelle.	O exibicionismo verdadeiro tem uma base consciente e sexual.
32	Em effet, de toutes les perversion sexuelles, l'exh[ibitionisme] était naturellement indiquée comme la lus scénique.	O efeito, de todas as perversões sexuais, o exibicionismo foi naturalmente indicado como o mais cênico.
33	Il y a impulsion (imp[ulsion] morbide, bien-entendu). Admenttons qu'il n'y en ait pas. Qu'est-ce qui pourrait produire cette action? Gagne-pain?	Há uma impulsão mórbida bem entendida. Admitimos que ela não era. E quem poderia produzir essa ação? Ganha pão?
34	Que cette imp[ulsio]n est sexuelle. Étant donnée l'impulsion, elle ne peut être que sexuelle.	que essa impulsão não é sexual, é dada a impulsão, que não pode ser sexual.
35	Que c[ette] i[mpulsion] est consciente.	Que Essa impulsão é consciente.
36	Que c[ette] i[mpulsion] est consciente.	Que Essa impulsão é consciente.
37	Que c[ette] i[mpulsion] est perverse.	Que essa impulsão é perversa
38	Que c[ette] i[mpulsion] est perverse.	Que essa impulsão é perversa
39	Si l'exh[ibitionnism]e est esthétique, cette description d'une chambre est admirable de	Se exibicionismo é estético, essa descrição de um quarto é admirado do realismo

	réalisme artistique:	artístico:
40	Il est évident que les vêtements, /par eux/ ne pouvaient originer le sentiment de la pudeur.	Está evidente que as roupas, /para eles/ não poderiam originar o sentimento do pudor.
41	Aucune /extériorité/ ne peut faire naître un sentiment quelconque ; les sentiments naissent d'autre façon ; ce que toute /extériorité/ peut faire, (et ce qu'elle effectivement fait), c'est	nenhuma /exterioridade/ não pode fazer nascer um sentimento qualquer; os sentimentos nascem de outra maneira; que todas exterioridade pode fazer, (ele que ela efetivamente feito)
42	Aucune /extériorité/ ne peut faire naître un sentiment quelconque ; les sentiments naissent d'autre façon ; ce que toute /extériorité/ peut faire, (et ce qu'elle effectivement fait), c'est	nenhuma /exterioridade/ não pode fazer nascer um sentimento qualquer; os sentimentos nascem de outra maneira; que todas exterioridade pode fazer, (ele que ela efetivamente feito)
43	1° On n'emploie d 'abord le vêtement qu'en tant que /couverture/ pour les parties sexuelles	1° não empregamos a principio a roupa que cobre as partes sexuais.
44	2° On emploie couleurs, de la /parure/ (ise des vêtement) pour s'embellir.	não entregamos cores frente as vestimentas para abrir as partes sexuais violando
45	Les vêtements, étant donnés (ou trouvés) pour la honte des parties sexuelles, d'un côté, les vêtements étant ainsi donnés et, d'autre coté, le goût de la parure étant donné ; la conjonction de	as vestimentas estão dando (ou encontrando) vergonha para partes sexuais, de um lado, as roupas eram dadas, e por outro lado o gosto da elegância estava à amostra; o

	ces /instincts ou tendances/ a donné lieu à la conception du vêtement comme parure	conjunto desses /instintos ou tendência/ dando lugar a concepção da roupa como um conjunto.
46	La question du use, traité /e/e du point de vue psychologique, n'est d'abord que la question de la psychologie des vêtements.	A questão do uso trata do ponto de vista psicológico não é sobre a questão de vista da psicologia das roupas.
47	Je ne me demanderai pas /encore/ la cause ou la signification du sentiment /de honte/ qui est attaché dès la plus légère ** vers la civilisations, aux parties sexuelles.	Eu não me perguntaria /então/ a causa ou a significação do sentimento /de vergonha/ que está ligado a mais ligeira civilização, as partes sexuais.
48	Je ne me demanderai pas /encore/ la cause ou la signification du sentiment /de honte/ qui est attaché dès la plus légère ** vers la civilisations, aux parties sexuelles.	Eu não me perguntaria /então/ a causa ou a significação do sentimento /de vergonha/ que está ligado a mais ligeira civilização, as partes sexuais.
49	On a /d'abord/ à constater que dans la nature de grandes et /d'/importantes modifications sont produites par des causes apparemment insignifiantes, par 'dexteriorités auxquelles on n'attacherait pas ** une signification d'importance.	Nós temos /primeiro/ que constatar que na natureza de grandes e de importantes modificações são produzidas aquelas que não atribuirá uma significação importante.
50	On a /d'abord/ à constater que dans la nature de grandes et /d'/importantes modifications sont produites par des causes apparemment insignifiantes, par	Nós temos /primeiro/ que constatar que na natureza de grandes e de importantes modificações são produzidas aquelas que não atribuirá uma

	‘dexteriorités auxquelles on n’attacherait pas ** une signification d’importance.	significação importante.
51	Il semble d’abord qu’on peut considérer les vêtements et leur rôle sous trois points de vue distinctes : 1° en tant que /défense/ contre le climat – contre le froid, naturellement, car la chaleur ne ** : 2° en tant que production de la pudeur ; 3° en tant que parure.	parece primeiro que nós podemos considerar as vestimentas e seu papel sobre três pontos de vistas distintos: 1° em defesa contra o clima contra o frio naturalmente caso o calor não... , 2° em produção do pudor. 3° em grupo.
52	On a fait remarquer beaucoup de fois que la véritable et primitive raison d’être psychologique ou naturelle des vêtements n’a pas été ni la décence, ni le /confort/ mais seulement la parure, l’ostentations. C’est ainsi que (quote man from beginning of Spencer’s « Education ») dit :	nós temos feito remarcar muitas vezes que a verdade e primitiva razão do ser psicológico ou natural as vestimentas não estão nem a decência nem no conforto mas somente para o grupo, a ostentação. É assim que (...)
53	Cas d’Exhib[it]ionnisme]	Casos de exibicionismo
54	Le fait suprêmement sérieux et important n’est pas – on le voit bien – I/es/ exhibitionnisme/s/ des pauvres femmes dont il a été question.	o fato extremamente sério e importante não é, vemos bem - o exibicionismo das pobres mulheres que estavam em questão.
55	Le fait suprêmement sérieux et important n’est pas – on le voit bien – I/es/ exhibitionnisme/s/ des pauvres femmes dont il a été question.	o fato extremamente sério e importante não é, vemos bem - o exibicionismo das pobres mulheres que estavam em questão.

56	En /eux/, les cas d'exhibitionnisme que nous avons étudiés ne sont que des cas d'exhibitionnisme (quoique compliqués d'hystérisme) comme tant d'autres qui sont étudiés dans les livres médicaux.	Em, alguns casos de exibicionismos que nós estudamos não são os casos de exibicionismo (embora complicados de histerismo) como muitos outros que são estudados nos livros medicinais.
57	Mais ceux-ci sont particuliers (pour ainsi dire), limités : les autres –ceux-/lá/ dont nous avons traité – sont publics.	Mas estes são particulares(por assim dizer) limitados: os outros que estão aqui então nós temos tratado – são públicos.
58	Notre cibilisation meurt, surtout la civilisation française. D'où viendra la civilisation suivante ? /Sera-ci/ une civilisation germanique, une civilisation orientale, japonaise ? C'est que nous ne pouvons pas dire.	Nossa civilização morta, sobretudo a civilização francesa. De onde vem a civilização seguinte? /Será essa/ uma civilização germânica, uma civilização oriental, japonesa? Nós não podemos dizer.
59	Les races animales épuisées, agoniques, incapables de sincérité, d'honneur et de /chasteté/ n'ont plus le droit à l'existence.	As raças animais cansadas, agônica, capazes de sinceridade, de vergonha, de honra e de castidade, não tem direito da existência.
60	. /Ne peut-on pas/ la freiner ? C'en est donc fini. Il faut, pour le bien général, qu'elle périsse.	/ não podemos/ frear? Então é o fim. Falta para o bem geral, que ela pereça.
61	Si en effet la France est en décadence (elle ou tout autre pays qui sera dans le même cas) – moi, homme de l'humanité,	Se em efeito a França está em decadência (ela ou todos os outros países não será o mesmo caso)- Eu , homem da

	qui comprends jusque là la nature, n'ai qu'une chose, triste et amère, à désirer : c'est que le peuple qui lui succédera vienne vite /pour/ l'écraser.	humanidade, que compreende até aqui a natureza, não tem uma coisa, triste e amargo, a desejar: é que a pessoa que sucederá vem em vida /para/ o esmagar.
62	Fetishists ** can all object "la femme d'un ministre meurt pour un ** et le préfet de police /s'/ est épris d'un pot de chambre ".	Fetichistas "a esposa de um ministro morre para o chefe de policia se encanta por um penico".
63	Il n'y a pas, /c'/ est clair, de professions comme il y a 50 ans ; aujourd'hui, il y en a quel ques grands groupes professionnels ; ce sont les syphilitiques, les tabétiques, les spermatorretiques,	Não existe, é claro, profissões como existia há 50 anos; hoje , existem alguns grandes grupos profissionais; estes são os sífilíticos, <i>os tabetiques</i> , os espermatológicos.
64	Il n'y pas, -- il n'est besoin de le dire – d'écoles techniques ; il y a seulement "L'É[cole] de Masturbation", l'É[cole] de Sadisme"et quelques autres de même espèce.	não há - não há necessidade de dizer - das escolas técnicas; há apenas "A escola de masturbação, a escola de sadismo e qualquer outras da mesma espécie.
65	Il n'y pas, -- il n'est besoin de le dire – d'écoles techniques ; il y a seulement "L'É[cole] de Masturbation", l'É[cole] de Sadisme"et quelques autres de même espèce.	não há - não há necessidade de dizer - das escolas técnicas; há apenas "A escola de masturbação, a escola de sadismo e qualquer outras da mesma espécie.
66	Tous écrivent des livres. Queslques uns de ceux-ci se limit à des planches de photographes d'après *créations	Todo escrevem livros. Alguns deles são limitados a placas de fotografos após o estabelecimento com o texto

	avec le text en bas.	abaixo.
67	On lit dans les journaux q[ue] des enfants de 4 ans se sont suicidés parce qu'ils ou elles ont été abandonnés par leur amantes ou amants.	Nos lemos nos jornais que as crianças de suicidam porque foram abandonados por suas amantes ou seus amantes.
68	À leur *sorties du tribunal le peuple s'est manifesté très violent et on a entendu dire sur eux de mots tels que "gens vertueux" et même, on a honte de l'écrire, "pudiques".	Na sua saída do tribunal as pessoas se manifestaram muito violentas e entendíamos dizer sobre as palavras tais que "pessoas virtuosas" e mesmo, tinham vergonha de escrever, "pudicas".
69	Le crime, suivant ce que l'on dit, a beaucoup /diminué/ ; on ne constate un crime qu'en cas d'attentat à l'indécence.	O crime seguinte é que dizemos, tem muito pouco, não constatamos um crime que no caso de atentado à indecência.
70	Je n'aime pas la France plus que je n'aime quelque autre pays ; pour moi tous les pays sont la même chose	Eu não amo a França mais do que amo qualquer outro país; pra mim todos os países são a mesma coisa.
71	Je n'aime pas la France plus que je n'aime quelque autre pays ; pour moi tous les pays sont la même chose	Eu não amo a França mais do que amo qualquer outro país; pra mim todos os países são a mesma coisa.
72	Ce n'est pas moi qui /peux/ les empêcher;	Não sou eu quem posso prevenir;
73	Cessez de vous /lamentar!/ La décadence est venue! C'est le règne des souteneurs et des prostitués, car aujourd'hui même	Pare de se lamentar! A decadência está chegando! É o reino dos cafetões e dos prostitutas, porque hoje

	ces gens-là écrivent des livres.	mesmo essas pessoas escrevem livros.
74	La lapide sera faite des /capas/ de ces livres et sur elle en des lettres de merde par la main du temps sera à peu près comme ça: Ci gît le peuple français.	A Lapidé será feita das capas dos livros e sobre ela as letras de merda para mão do tempo será um pouco aperto disso: Aqui jaz o povo francês.
75	Si MM. Du Saussay etc écrivent ces livres en artites ou en littérateurs, ils sont fous. S'ils les écrivent pour de l'argent, ou même pour gagne-pain, il est, il faut leur dire, de/s/ façons de gagner le pain qui déshonorent.	Se MM. Du Saussay etc escrevem esses livros em artistas ou em literaturas eles são loucos, se eles escrevem para ganhar dinheiro, o mesmo para o seu ganha pão, é a falta de dizer dessa maneira de ganhar pão que desonra
76	Jusqu'/à/ aujourd'hui on n'avait pas noté qu'entre les nombreux /ornats/ de caractère et d'intelligence qui généralement se distinguent dans l'esprit des protituées et des souteneurs, celui d'écrire des livres! Que le public en prenne note! C'est une nouvelle manifestation de talent souteneurriel.	Até hoje nós não temos notado que entre os nobres ... de caráter e de inteligência que geralmente se distinguem no espírito das prostitutas e dos cafetões, é de escrever livros! Que o publico deve tomar nota! É uma nova manifestação de talento
77	Jusqu'/à/ aujourd'hui on n'avait pas noté qu'entre les nombreux /ornats/ de caractère et d'intelligence qui généralement se distinguent dans l'esprit des protituées et des souteneurs, celui d'écrire des livres! Que le	Até hoje nós não temos notado que entre os nobres ... de caráter e de inteligência que geralmente se distinguem no espírito das prostitutas e dos cafetões, é de escrever livros! Que o publico deve tomar

	public en prene note! C'est une nouvelle manifestation de talent souteneuriel.	nota! É uma nova manifestação de talento
78	Ce sera à propos du premier venu. Le voilà, c'est le **. Non; ce ne sera pas /celui-ci/	Isso será sobre o primeiro lugar. E aqui está, é o .. ,Não; não será isso.
79	la capa est un dessin, assez bien fait	A capa é um desenho bem feito.
80	À l'homme qui viole une fille on le met en /prison/; à celui qui provoque dans les cerveaux jeunes l'esprit dont vient la masturbation, dans les cerveaux faibles les perversions et ** --{a celui qui ainsi se porte en souteneur doublé de ** on ne le fait rien, on l'admire quelquefois, quelquefois on l'appelle auteur, artiste même.	Ao homem que viola uma garota a gente o coloca em uma prisão; a ele que provoca nos cérebros maus do crime, nos cérebros jovens espíritos que vem a masturbação, nos cérebros fracos as perversões e – a quem assim se porta nos cafetões ao dobro de .. não fazer nada, a gente admira algumas vezes nós chamamos de autor ou artista mesmo.
81	Les souteneurs ne sont admirés que /par/ d'autres souteneurs.	Os cafetões não são admirados por outros cafetões.
82	Car ce serait une mauvaise ** si c'était possible q[ue] le dit Monsieur réussi à le croire et à en souffrir	por que será uma maldade se é possível que lhe diga Senhor sucedido em acreditar e em sofrer.
83	Un /bonhomme/ de la localité avait /invité/ pour quelque jour un ami de la ville. Celui-ce arrivé, le matin le hôte lui demanda s'il avait bien /pass[e/ la nuit.	um homem da localidade tinha convidado para por alguns dias um amigo da cidade, ele chegou na manhã, o hospedeiro perguntou se ele tinha passado a noite bem.

84	Un /bonhomme/ de la localité avait /invié/ pour quelque jour un ami de la ville. Celui-ci arrivé, le matin le hôte lui demanda s'il avait bien /pass[e/ la nuit.	um homem da localidade tinha convidado para por alguns dias um amigo da cidade, ele chegou na manhã, o hospedeiro perguntou se ele tinha passado a noite bem.
85	Un /bonhomme/ de la localité avait /invié/ pour quelque jour un ami de la ville. Celui-ci arrivé, le matin le hôte lui demanda s'il avait bien /pass[e/ la nuit.	um homem da localidade tinha convidado para por alguns dias um amigo da cidade, ele chegou na manhã, o hospedeiro perguntou se ele tinha passado a noite bem.
86	J[e] d[emande] aussi au peuple français	Eu pergunto também ao povo francês :
87	J[e] d[emande] aussi au peuple français	Eu pergunto também ao povo francês :
88	On doit très spécialement noter les viols d'enfants, indication indubitable du progrès; la Comp[agnie] espère qu'elle n'aurait été sans influence dans ces événements.	Devemos muito especialmente notar os estupros de crianças, indicação indubitável do progresso; a companhia espera que ela não teria sido sem influência desses acontecimentos.
89	La resp[onsabilité] ** (et même de tous concernés) est extrêmement limitée.	A responsabilidade (e mesmo todas outras preocupações) é extremamente limitada.
90	Il ne suffit pas que dans la merde de n[otre] existence nous nous trouvions toujours en face de l'ordure; non, MM. Les Souteneurs la ramassent et nous l'offrent confectionnée par eux.	Não é suficiente que na merda de nossa existência nós nos encontremos sempre em frente ao lixo; não, MM. Os Cafetões a escolha et nos oferecem confeccionar para eles.

91	<p>La société malade et stupide ramasse ses propres excréments, leur donne des forms artistiques et les dresse devant /soi/; les excréments (vous le comprenez bien) ce sont les passions basses et dégénérées de souteneurs et de prostituées, les formes de boucle, etc., sont les formes tittéraires, artistiques, dramatiques qu'on leur donne.</p>	<p>A sociedade doente e estúpida escolhe seus próprios excrementos, se da formas artísticas e bancadas antes /si mesmo/ ; os excrementos (você compreende bem) são paixões inferiores e cafetões degenerados e prostitutas, a forma de laço ,etc., são formas literárias, artísticas, dramáticas que pode se dar</p>
92	<p>“Oui; et le type qui ainsi s'amusait se /salissait/ les mains, sans doute”.</p>	<p>“Sim; e o tipo que assim se divertia /sujava/ as mãos, sem duvida.”</p>
93	<p>C'est justement le symbole des mains ordurières qui fait des *MM Souteneurs litt[éraires] artites *viles.</p>	<p>É justamente o símbolo das mãos imundas que faz dos senhores cafetões literários artistas vis.</p>
94	<p>C'est justement le symbole des mains ordurières qui fait des *MM Souteneurs litt[éraires] artites *viles.</p>	<p>É justamente o símbolo das mãos imundas que faz dos senhores cafetões literários artistas vis.</p>
95	<p>. Il faut bien que dans la société il y ait des excréments, mais il n'est as nécessaire que l'on laisse à ces excré,[ents] le droit de parfumer tout. L'excrément, c'est la tittérature qui aujourd'hui abonde.</p>	<p>Falta na sociedade ter os excrementos, mas não é necessário que permita esses excrementos o dever de perfumar tudo.</p>
96	<p>Le tableau de la décadence d'un peuple est toujjours pénible, et ce qui y est plus triste est que le peuple qui dégénère ne s'en</p>	<p>O quadro é a decadência de um povo sempre penível, e é quem está mais triste é que o povo que degenera não se</p>

	soucie guère /jamais/.	preocupa pouco jamais.
97	. C'est en / tant que/ socialiste que je dresse toutes les formes de mon âme contre les dégénérés égoïstes, * incapables de penser cohérente et de raisonnement vrai.	É / enquanto/ socialista que eu chamo todas as formas de minha alma contra os degenerados egoístas, incapazes de pensar coerentemente e de racionalmente verdade.
98	Les attentes portées à la morale n'ont pas excuse possible; ce n'est pas l'esprit révolutionnaire (car on ne se révolte q[ue] contre le mal), ce n'est pas *. C'est l'individualisme oppresseur.	As expectativas portadas à moral não tem qualquer desculpa; não é pelo espírito revolucionário (porque não nos revoltamos contra o mal) e não é. É o individualismo opressor.
99	Oui, car autant que je has le dictateur, le roi absolu, le tyran, autant que je hais l'homme qui fais mettre des autres dans une prison, qui fait touer et déshonorer, /tant/ je déteste la sensualité littéraire, l'homme qui met les autres dans la prison e la bassesse d'âme qui leur tue l'esprit d'élévation, qui les déshonore par les contact avilissant de sa mentalité ordurière et stupide.	Sim, porque também eu odeio o ditador, o rei absoluto, o tirando, também eu odeio o homem que coloca os outros em uma prisão e faz matar a desonra, eu detesto a sensualidade literária, o homem que coloca os outros na prisão e baixeza de sua alma, que mata seu espíritos de elevação, que os desonra para o contato degradante de sua mentalidade suja e estúpida.

100	<p>La liberté (comme je l'ai prouvé autre part) consiste /en/ trois choses: 1° étant né, continuer à vivre- par laquelle raison on ne peut pas- même sans douleur – pour quelqu'un. 2° vivant, vivre sans douleur – par laquelle raison on ne doit faire du mal, causer de la peine à quelqu'un. 3° vivant, se développer au plus de*</p>	<p>A liberdade (como eu tinha provado outra parte) consiste em três coisas : 1° <i>Nascer, continuar a viver</i> - pela razão que nós não pode - eu mesmo sem dor - matar alguém. 2° <i>vivo, viver sem dor</i> - para aquela razão não deve fazer o mal, causar sentença em alguém. 3° <i>viver, se desenvolver ao mais de</i></p>
101	<p>Il ya eu des grandes hommes sensuels? c'est vrai, mais il n'étaient pas grands par leur sensualité mais par leur grandeur.</p>	<p>Houve muitos homens sensuais? É verdade, mas eles não eram grandes por sua sensualidade mas por sua grandeza</p>
102	<p>Il ya eu des grandes hommes sensuels? c'est vrai, mais il n'étaient pas grands par leur sensualité mais par leur grandeur.</p>	<p>Houve muitos homens sensuais? É verdade, mas eles não eram grandes por sua sensualidade mas por sua grandeza</p>
103	<p>Ce ne peut pas être. Des idées anarchistes ou socialistes, je le crois, car l'anarchisme est l'expression égoïste et individuelle du sentiment de révolte, ceci dans le meilleur cas. Socialiste est immoral? Non. Fou, peut-être, ou imbécile, ou /pendard/.</p>	<p>Nas ideias anarquista ou socialistas, eu acredito, porque o anarquismo é expressão egoísta e individual do sentimento de revolta, nos melhores casos. - Socialista é imoral? Não, talvez, ou imbecil ou /deprimido/.</p>

104	<p>Ce ne peut pas être. Des id[ées] anarchistes ou socialistes, je le crois, car l'anarchisme est l'expression égoïste et individuelle du sentiment de révolte, ceci dans le meilleur cas. Socialiste est immoral? Non. Fou, peut-être, ou imbécile, ou /pendard/.</p>	<p>Nas ideias anarquista ou socialistas, eu acredito, porque o anarquismo é expressão egoísta e individual do sentimento de revolta, nos melhores casos. - Socialista é imoral? Não, talvez, ou imbecil ou /deprimido/.</p>
105	<p>Il y a des désinfectants qui peuvent faire propre les /canalisations, etc./; mais pour le malpropreté (filth) de ces âmes, il n'y a de désinfect[ant] moral.</p>	<p>há os desinfetantes que podem fazer a própria /canalização, etc/; mas para a impureza dessas almas, não tem desinfetante moral.</p>
106	<p>Il y a des désinfectants qui peuvent faire propre les /canalisations, etc./; mais pour le malpropreté (filth) de ces âmes, il n'y a de désinfect[ant] moral.</p>	<p>há os desinfetantes que podem fazer a própria /canalização, etc/; mas para a impureza dessas almas, não tem desinfetante moral.</p>
107	<p>Et s'ils sont irreligieux gradez v[ous] bien de croire que c'est par force de raison – non, aucun d'eux ne sait raisonner; ni par indignation – aucun d'eux ne sait aimer, et quand ils veulent être pleins de pitié ils étalent une pleurnicherie exagérée, même comme pleurnicherie – caractéristique du /dégénéré inférieur/.</p>	<p>E eles são irreligiosos mantem você bem para acreditar que é pela força da razão- não, nenhuma deles sabem raciocinar; nem por indignação - nenhuma deles sabem amar, e quando querem ser cheias de piedade eles espalham um choro exagerado, mesmo como choro - característica da /degeneração inferior/.</p>

108	<p>Et s'ils sont irreligieux gradez v[ous] bien de croire que c'est par force de raison – non, aucun d'eux ne sait raisonner; ni par indignation – aucun d'eux ne sait aimer, et quand ils veulent être pleins de pitié ils étalent une pleurnicherie exagérée, même comme pleurnicherie – caractéristique du /dégénéré inférieur/.</p>	<p>E eles são irreligiosos mantem você bem para acreditar que é pela força da razão- não, nenhuma deles sabem raciocinar; nem por indignação - nenhuma deles sabem amar, e quando querem ser cheias de piedade eles espalham um choro exagerado, mesmo como choro - característica da /degeneração inferior/.</p>
109	<p>On peut appliquer ici le simile: ces auteurs, cette société est /de/ l'ordure prenant conscience de soi.</p>	<p>Pode aplicar aqui o similar: esses autores, essa sociedade é /de/ obscenidade pegando consciência de si</p>
110	<p>Ce n'est pas aucune habitude de enser salement, ni \neg, mais l'ass[ociation] d'idées est si forte que je ne puis m'empêcher de penser de cette manière</p>	<p>Não é nenhum hábito de pensar sordidamente, nem, mas associações de ideias é mais forte que eu não posso evitar pensar dessa maneira.</p>
111	<p>Le temps /futur/ collectionne les pages de leurs livre pour en faire les pierres de leurs tombeaux, du grand tombeau de leur pays; et sur ce tombeau l'Hisoire écrira en lettre de merde l'épitaphe qui leur convient.</p>	<p>O tempo /futuro/ coleciona as páginas de seus livros para fazer as pedras de seus túmulos, do grande tumulo de seu país; e sobre esse tumulo a história escreverá em letras de merda o epitáfio que lhe convém.</p>
112	<p>Si quelqu'un tache de prostituer l'humanité? Car l'h[umanité] est plus que femme, fille, soeur.</p>	<p>Se alguém fizer prostituir sua mulher, sua filha, sua irmã, e que se alguém fizer prostituir a humanidade? Porque a</p>

		humanidade é mais que mulher, filha, irmã.
113	Sont-ils des penseurs Non, /non, non/. On sait aujourd'hui q[ue] ce qui caractérise les penseurs c'est penser, ceux-ci ne pensent jamais	Eles são pensadores? Não, /não, não/. Sabemos hoje que o que caracteriza os pensadores é pensar, esses não pensam nunca.
114	Sont-ils des penseurs Non, /non, non/. On sait aujourd'hui q[ue] ce qui caractérise les penseurs c'est penser, ceux-ci ne pensent jamais	Eles são pensadores? Não, /não, não/. Sabemos hoje que o que caracteriza os pensadores é pensar, esses não pensam nunca.
115	Dans la place Octave Mirbeau, dans le quartier entre /la/ Rue Félicien Champsaur et /la/ Rue Lacenaire, ** pas e l'	Na Octave Mirbeau, no bairro entre a rua Felicien Champsaur e a rua Lacenaire, não há
116	Dans la place Octave Mirbeau, dans le quartier entre /la/ Rue Félicien Champsaur et /la/ Rue Lacenaire, ** pas e l'	Na Octave Mirbeau, no bairro entre a rua Felicien Champsaur e a rua Lacenaire, não há
117	** les mageurs d'ordures, que l'on appelle ici des /anthropophages/.	Os comedores de lixo, que nos chamamos aqui de canibais.
118	Un jeune libertin ayant trouvé un nouveau plaisir en ** les yeux de sa grand-mère, il est devenu ** de l'imiter; l'opposition à ce raffinement n'ayant /eu/ d'opposition que chez quelques vieilles dames, /vieillies pour le plaisir/.	Uma moça libertina tendo encontrado um novo prazer nos olhos de sua avó, começou a imita-los, a oposição a esse refinamento não teve oposição entre algumas mulheres velhas, velhas para o prazer.
119	L'anarchisme est le /*faisant théorie/ l'impulsion malade et	O anarquismo é /na teoria/ a impulsão doentia e não sujeita

	non sutte au /contrôle/ de la volonté consciente et raisonnée.	de /controle/ da vontade consciente e da razão.
120	. En général l'état intellectuel du dégénéré supérieur (meneur) et du d[égénéré] inf[érieur] (mené) est l'intellectualisation de l'impulsion et de l'obsession.	Em geral o estado intelectual do degenerado superior (líder) e do degenerado inferior (acompanhante) está intelectualização de impulsão e obsessão.
121	. En général l'état intellectuel du dégénéré supérieur (meneur) et du d[égénéré] inf[érieur] (mené) est l'intellectualisation de l'impulsion et de l'obsession.	Em geral o estado intelectual do degenerado superior (líder) e do degenerado inferior (acompanhante) está intelectualização de impulsão e obsessão.
122	L'anarchisme est le /*faisant théorie/ l'impulsion malade et non sutte au /contrôle/ de la volonté consciente et raisonnée.	O anarquismo é /na teoria/ a impulsão doente e não sujeita de /controle/ da vontade consciente e da razão.
123	Le but de l'évolution n'est autre chose que la /concrétisation/ de l'ordre, son affirmation (strengthening).	O objetivo da evolução não é outra coisa que a /concretização/ da ordem, sua afirmação (fortalecimento).
124	Mais me dit-on, le mariage actuellement n'est pas ainsi; il est fait en vue de l'argent, de la *position.	Mas me diga, o casamento atualmente não é assim, ele é feito em vista do dinheiro, da posição
125	Vous argumentez donc, non contre le mariage en soi, mais contre son état actuel, contre les imperfections qu'une société dégén[érée] (sentez-le bien) lui impose. Vous êtes donc avec moi; nous sommes d'accord.	Você argumenta então não contra o casamento em si, mas contra o estado atual, contra as imperfeições que uma sociedade degenerada (sente bem) lhe impõe. Você está então como eu; nós estamos

		de acordo.
126	Je me permets /de/ répondre que je ne comprends pas comment.	Eu me permito de responder que eu não entendo como.
127	Ou bien vous, êtes contre le mariage en soi, ou bien vous êtes contre le cérémoniel, le ** du mariage, si vous vous /tenez/ seulement à ce dernier, pourquoi ne le dîtes vous pas?	Ou bem você, é contra o casamento em si, o bem contra a cerimonia, do casamento, e se você tem somente esse último porque não diz?
128	C'est purement une impulsion qui se transform en idée mi-consciente et que v[ous] croyez tout naturellement avoir produit par v[otre] raison, par v[otre] raisonnement (même le vôtre). En tant que phénomène psychologique cela suffit à ce que je comprenne v[otre] théorie: c'est une impulsion dégénérée	É puramente uma impulsão que se transforma em ideias meio conscientes que você acredita tudo naturalmente ter produto para sua razão, para seu raciocínio (você mesmo).
129	C'est purement une impulsion qui se transform en idée mi-consciente et que v[ous] croyez tout naturellement avoir produit par v[otre] raison, par v[otre] raisonnement (même le vôtre). En tant que phénomène psychologique cela suffit à ce que je comprenne v[otre] théorie: c'est une impulsion	É puramente uma impulsão que se transforma em ideias meio conscientes que você acredita tudo naturalmente ter produto para sua razão, para seu raciocínio (você mesmo).

	dégénérée	
130	<p>C'est purement une impulsion qui se transforme en idée mi-consciente et que v[ous] croyez tout naturellement avoir produit par v[otre] raison, par v[otre] raisonnement (même le vôtre). En tant que phénomène psychologique cela suffit à ce que je comprenne v[otre] théorie: c'est une impulsion dégénérée</p>	<p>É puramente uma impulsão que se transforma em ideias meio conscientes que você acredita tudo naturalmente ter produzido para sua razão, para seu raciocínio (você mesmo).</p>
131	<p>En tant que phénomène psychologique cela suffit à ce que je comprenne v[otre] théorie: c'est une impulsion dégénérée</p>	<p>Tanto que fenômeno psicológico é simplesmente compreender sua teoria: é uma impulsão degenerada.</p>
132	<p>En avez une idée claire? Eh, bien que veulent dire ces mots "amour libre"? De deux choses possibles ils font qu'ils signifient l'un ou l'autre: un "am[our] l[ibre]" veut dire pouvoir d'aimer indistinctement, cette femme aujourd'hui, celle-là demain, l'après demain cette autre etc.; ou, différemment, "am[our] l[ibre]" signifie se lier avec une femme pour la vie mais sans</p>	<p>Tenho uma ideia clara? É, que quero dizer essas palavras de amor livre ? de duas coisas possíveis eles fazem quais significam um ou outro: um amor livre quer dizer poder amar indistintamente, essa mulher hoje, aquela amanhã, depois de amanhã outra.; ou, diferentemente, o amor livre significa se ligar com uma mulher para vida mas sem</p>

	<p>cérémonie extérieure, sans changement de Mlle en Madame, sans registre, sans fête etc.</p>	<p>cerimônia exterior, sem mudança de mademoiselle para madame , sem registro, sem festa etc.</p>
133	<p>En avez une idée claire? Eh, bien que veulent dire ces mots “amour libre”? De deux choses possibles ils font qu'ils signifient l'un ou l'autre: un “am[our] l[ibre]”veut dire pouvoir d'aimer indistinctement, cette femme aujourd'hui, celle-là demain, l'après demain cette autre etc.; ou, différemment, “am[our] l[ibre]”signifie se lier avec une femme pour la vie mais sans cérémonie extérieure, sans changement de Mlle en Madame, sans registre, sans fête etc.</p>	<p>Tenho uma ideia clara? É, que quero dizer essas palavras de amor livre ? de duas coisas possíveis eles fazem quais significam um ou outro: um amor livre quer dizer poder amar indistintamente, essa mulher hoje, aquela amanhã, depois de amanhã outra.; ou, diferentemente, o amor livre significa se ligar com uma mulher para vida mas sem cerimônia exterior, sem mudança de mademoiselle para madame , sem registro, sem festa etc.</p>
134	<p>En avez une idée claire? Eh, bien que veulent dire ces mots “amour libre”? De deux choses possibles ils font qu'ils signifient l'un ou l'autre: un “am[our] l[ibre]”veut dire pouvoir d'aimer indistinctement, cette femme aujourd'hui, celle-là demain, l'après demain cette autre etc.; ou, différemment, “am[our]</p>	<p>Tenho uma ideia clara? É, que quero dizer essas palavras de amor livre ? de duas coisas possíveis eles fazem quais significam um ou outro: um amor livre quer dizer poder amar indistintamente, essa mulher hoje, aquela amanhã, depois de amanhã outra.; ou, diferentemente, o amor livre</p>

	l[ibre]”signifie se lier avec une femme pour la vie mais sans cérémonie extérieure, sans changement de Mlle en Madame, sans registre, sans fête etc.	significa se ligar com uma mulher para vida mas sem cerimônia exterior, sem mudança de mademoiselle para madame , sem registro, sem festa etc.
135	En avez une idée claire? Eh, bien que veulent dire ces mots “amour libre”? De deux choses possibles ils font qu'ils signifient l'un ou l'autre: un “am[our] l[ibre]”veut dire pouvoir d'aimer indistinctement, cette femme aujourd'hui, celle-là demain, l'après demain cette autre etc.; ou, différemment, “am[our] l[ibre]”signifie se lier avec une femme pour la vie mais sans cérémonie extérieure, sans changement de Mlle en Madame, sans registre, sans fête etc.	Tenho uma idéia clara? É, que quero dizer essas palavras de amor livre ? de duas coisas possíveis eles fazem quais significam um ou outro: um amor livre quer dizer poder amar indistintamente, essa mulher hoje, aquela amanhã, depois de amanhã outra.; ou, diferentemente, o amor livre significa se ligar com uma mulher para vida mas sem cerimônia exterior, sem mudança de mademoiselle para madame , sem registro, sem festa etc.
136	Si par conséq[uent] le mariage venai à être comme il est, il avait en soit la possibilité de le devenir, il était imparfait.	se por consequência o casamento vir a ser como é , era por si só a possibilidade de tornar-se, foi imperfeito.
137	(Deg[eneration]n is actual state; pure love is pure atavism. Is it so?)	(Degeneração é o atual estado; amor puro é atavismo puro. Que é então?)
138	On ne peut pas être anarch[iste] sans être malade ou inconscient.	Não podemos ser anarquistas sem ser doentes ou inconscientes.

139	Sentimental triade against anarch[ism] at end.	Tríade sentimental contra o anarquismo no final.
140	Reason hence on deg[eneratio]n. nest page.	Razão por conseguinte da degeneração. Próxima pagina.
141	/Eternisé/ dans un moment	<i>/eternizada/ em um momento</i>
142	Dans le /passage/ court et drôle	<i>Na passagem curta e engraçada</i>
143	Un être qui n'est q[ue] néant,	<i>Um ser que não é nada</i>
144	Par où la beauté a /passé/	Por onde a beleza passou
145	Dans la matière est / dissolue/	Na matéria está dissoluta
146	En avant! Ayons les coeurs purs, les âmes fortes, les corps chastes **, d'autre façon nous ne vaincrons pas, et même que nous /vaincrons/ notre victime ne serait pas celle des travailleurs forts sur les souteneurs, mais celle d'une quadrille sur une autre, d'un groupe d'apaches sur une autre groupe.	Para a frente! temos os corações puros, as almas fortes, os corpos castos, de outra maneira nós não superamos, e mesmo que nós /superássemos/ nossa vítima não será que ela de trabalhadores fortes sobre os cafetões, mas aquela de uma quadrilha sobre outra, de um grupo de apaches sobre outro grupo.
147	Ne tuons, n'attaquons pas ces dégénérés sans /coeur/; écartons-les et suivons notre chemin.	. Não matar, não atacar esses degenerados sem coração; desviando e seguindo nosso caminho.
148	Je ne vous dis pas non plus que v[ous] restiez passifs, que v[ous] ne ésisiez pas; au contraire v[ous] devez être chacun de vous un principe fait un cerveau, un amour fait un coeur, une action faite un homme.	Eu não o digo não que você fique passivo, que você não ficará, ao contrário você deve ser todos de você um princípio faz um cérebro, um amor faz um coração, uma ação faz um homem.

149	Je ne vous dis pas non plus que v[ous] restiez passifs, que v[ous] ne éситеz pas; au contraire v[ous] devez être chacun de vous un principe fait un cerveau, un amour fait un coeur, une action faite un homme.	Eu não o digo não que você fique passivo, que você não ficará, ao contrário você deve ser todos de você um princípio faz um cérebro, um amor faz um coração, uma ação faz um homem.
150	Je ne vous dis pas non plus que v[ous] restiez passifs, que v[ous] ne éситеz pas; au contraire v[ous] devez être chacun de vous un principe fait un cerveau, un amour fait un coeur, une action faite un homme.	Eu não o digo não que você fique passivo, que você não ficará, ao contrário você deve ser todos de você um princípio faz um cérebro, um amor faz um coração, uma ação faz um homem.
151	Me voici avec v[ous], un *homme de l'unité!	Estou aqui com você, um homem de unidade!
152	Dans les criminels-nés on constate une absence de sens moral, une faiblesse de volonté /ordonée/ avec augmentation de volonté impulsive, ainsi qu'une grande ** d'intelligence inférieure, c'est à dire, de ruse.	Nos criminosos natos nós constamos uma falta de senso moral, uma falta de vontade /ordenada/ com argumentação de vontade impossível, assim que uma grande inteligência inferior, assim a dizer, de astúcia

3.3. Textos-fragmentos de base de Jean Seul de Méluret

CASOS DE EXIBICIONISMO

Prefácio

I

Aqui, em Lisboa, absorvidos em ocupações que nos distanciam, lemos há alguns meses esse fato, que até esse dia havíamos ignorado: de que eram expostas, nos music-halls, em Paris, mulheres nuas. Cheirava tão forte a decadência – a grande, a profunda decadência, que a surpresa me foi mais que dolorosa. Mas não havia – refleti – nada a surpreender. Dadas as imensas forças da decadência – se algo houvesse que pudéssemos chamar de uma força de decadência – desencadeadas desde muito tempo dentro da civilização moderna e, especialmente, na França, que a representa mais que qualquer outra nação, não era difícil prever que, em pouco tempo, apareceriam formas mais acentuadas – mais acentuadas, posso dizer, para a visão – de degeneração social.

E, portanto, todo espírito – natural, embora, modestamente encantado pelo bem da humanidade – adormeceria voluntariamente, querendo escapar, de qualquer maneira, do inevitável, pela ignorância. Mas isso não poderia durar. Essas “formas mais acentuadas”, mais visíveis “da decadência” – sobre as quais acabei de falar – deveriam, um dia, se mostrar. Esse dia, vindo, o perigo visto claramente, completamente, não havia desculpas para o espírito mais modesto na sinceridade, seja para sonhar, seja para esperar, seja para querer ignorar. Sonhar, esperar passivamente, ignorar voluntariamente – isto seria covardia moral, cumplicidade, ou por covardia, ou por natureza análoga.

Quando o barulho dos canhões estoura, quando a fumaça da poeira se levanta, não podemos ignorar que a batalha se tenha iniciado. Evitar tomar parte, recusar-se a defender os seus, seria ou pura covardia, ou traição. Contudo a guerra entre a decadência e a sociedade estourou: que os fortes e os saudáveis de espírito, os lógicos, os coerentes, os pensadores, os sinceros venham defender a humanidade do homem.

II

O conteúdo desse livro continua a ser indicado pelas linhas acima. Não há mais do que somente uma bala no combate. Mas estudamos primeiramente, em algumas linhas, a forma de dirigir essa batalha. Se fôssemos um grande e forte espírito, instruído e ponderado, abordaríamos a questão da degeneração da civilização ocidental, sobretudo, da França, dentro de toda sua magnitude, estudando todas as suas formas, todas as suas tendências, todos os seus... etc. Estudaríamos a etiologia, os sintomas, a terapia; faríamos o prognóstico dentro da medida do possível. Esse livro, se o pudéssemos escrever, seria uma bela obra, uma obra verdadeiramente útil. Mas empreendê-lo, não somente para nós, mas para muitos, que valessem bem mais do que nós, acarretaria na perda da obra.

Pegamos, então, somente um fato, os que citamos nas primeiras linhas desse prefácio e, através desse fato, procuraram deduzir o estágio da consciência e da psique social de que ele não era mais do que uma manifestação.

Mesmo assim, a obra não se torna fácil. Devemos, primeiramente, exhibir um fato, em que muitas pessoas preferem não acreditar, justamente por ser verdadeiro, e, em seguida, demonstrar, a partir deste fato, assim elucidado, sua significação como sintoma. Já é muito.

Não é nossa intenção chamar a atenção para o fato em si, sobre o qual nosso livro se baseia, mas sim para o estado de espírito coletivo que tal fato representa.

Primeiro capítulo

Dizer que existe uma perversão sexual chamada *exibicionismo* não é novidade para ninguém. Hoje, lemos muito sobre as perversões sexuais, não porque sejam doenças, mas simplesmente por serem perversões sexuais. Espero então surpreender apenas jovens pessoas, de menos de nove anos, com essa afirmação inicial.

Dizer – continuando – que essa perversão consiste na necessidade de exposição dos órgãos genitais (os órgão genitais, em si, bem compreendidos), isso é de pouca originalidade, pois qualquer um que saiba que existe uma perversão sexual chamada *exibicionismo* não pode deixar de saber o significado desta palavra nos dicionários de medicina. Da mesma forma, as referidas pessoas jovens, entendendo a definição da

palavra, não se assustarão, pois, se acaso, por sorte, ignorarem a palavra, terão certamente a experiência da coisa à qual ela se aplica.

Contudo, é mais que nossa convicção profunda que os casos de nudismo público nos music-halls de Paris e, talvez, de outros lugares – pois, para nós, é o fato que importa, e mais nada – são somente casos de exibicionismo não evidentes, disfarçados. Essa convicção parece estranha, mas o é, somente, quando não estudamos a doença em questão. Para demonstrar que os fatos de que falamos são somente casos de exibicionismo, falta escavar essa matéria, falta aprofundá-la, falta analisá-la em toda a sua extensão como perversão sexual.

É isso o que nos vamos fazer.

A primeira dificuldade que encontramos em estudar essa perversão é a necessidade de distinguir o verdadeiro do falso *exibicionismo*. É uma dificuldade que, todavia, não é esmagadora. Se refletirmos um pouco, torna-se evidente que o *exibicionismo*, no sentido mais amplo da palavra – aquele com que lidamos nas linhas introdutórias a este capítulo –, considerará que podem ser encontradas, no *exibicionismo* factual, progressivamente: (1) uma ação de louca, (2) uma ação de louca sexualidade, (3) uma ação de louca sexualidade consistindo numa ação de *exibir*.

Essas considerações produzem a classificação necessária para nos elucidar sobre qual o falso e qual o verdadeiro *exibicionismo*.

- (1) Caso em que a ação *exibicionista* não é mais que um ato de loucura (quer dizer, caso de loucura em que o *exibicionismo* é um episódio ou uma parte do delírio).
- (2) Caso em que a ação *exibicionista* é um ato de loucura como parte de uma excitação sexual geral.
- (3) Caso em que o ato de *exibicionismo* [...].

Contudo, o fato é que o exibicionismo apresenta todas as características de um impulso histérico. Considere-se bem a natureza desta perversão e ela será facilmente verificável. É, primeiramente, um *exibicionismo*, pois bem se sabe que, para o *exibicionismo amoroso*, a criatividade é uma característica – e até a característica mais evidente – de um estado mental histérico. Veremos que o *exibicionismo teatral* é somente uma forma de *exibicionismo* ou, antes, uma forma mais complexa de *exibicionismo*.

Quais são as bases psicológicas do *exibicionismo*? Qual é a psicologia do impulso que leva ao *exibicionismo*? É o que vamos estudar.

Distinguiremos:

Os *exibicionismos* por puro impulso.

Os *exibicionismos* por impulso sexual.

Os *exibicionismos* por impulso verdadeiramente *exibicionista*.

Exibicionismo Verdadeiro

1. É um impulso sexual.
2. É um impulso de exibição.
3. É um impulso consciente, teatral.



Figura 1

Em *Salomé*, “o *exibicionismo* é um episódio da insanidade”.⁴³

⁴³ Como era típico de seu procedimento, fosse para qual heterônimo fosse, Pessoa indica o exemplo através da inscrição em inglês: “Here ex[h]ibitionis]m is an episode of the insanity.” (Pessoa, 2006, p. 50). “Muad Allan (1873-1956) nasceu em Toronto e tornou-se especialmente conhecida após a sua interpretação de *Salomé*, em 1908, no London Palace Theatre. Nesse ano, publicou também a sua autobiografia: *My Life and Dancing*.” (Pessoa, 2006, p. 54, nota a). Na mesma página, como exemplo de um *Caso de Exibicionismo*, fará a seguinte

Definição: O *Exibicionismo Verdadeiro* é um impulso sexual e consciente e perverso de exhibir teatralmente seus órgãos genitais. É caracterizado por um sentimento de prazer nessa exibição. Observe-se bem a exibição. Regressividade dessa perversão – por contraste à inversão sexual, por exemplo. A explicação “É para a arte” já é conhecida por aqueles que inventaram: histerismo. Ganha-pão? É desculpa dos cafetões, mas ela não enobrece seu comércio. Pensamos que o pudor domina, que o vemos num grande número de pessoas. Existe no *exibicionismo* uma tendência escultural. Se, por acaso, existir um homem para o qual o *exibicionismo* seja a única mania, e este [*exibicionismo*] prescindir de sexualidade, este [homem] não será mais que um delirante. O *Exibicionismo Verdadeiro* tem uma base consciente e sexual. Quanto mais ele pensa na perversão, mais ele se sente atraído por ela.

Formas

- (1) Anterior
- (2) Posterior
- (3) Seios (femininos)

- (1) A um indivíduo
- (2) Publicamente
- (3) Com brilho (*exibicionismo social*)

Pensando *no social*, por exemplo, a pederastia. Como dela nos esquivaríamos? Facilmente: dizendo que o corpo masculino é mais perfeito que o feminino, ou de qualquer forma análoga. Nós acabamos acreditando nessa explicação. O sadismo. Neste caso, também encontramos uma desculpa. Essa ideia tola, de que o *exibicionismo* é uma arte, está baseada em fazer exhibições – e mais – sobre uma simulação. Diz-se que é decente. Proclama-se frequentemente: é indecente, e é, porque amamos. É, essencialmente, uma tendência à *exibição*. Desde que seja dentro de um teatro ou hall – isso se prova por si mesmo. De fato, de todas as perversões sexuais, o

anotação, em inglês, “Como Muad Allan. / Evolução da Dança. / [...] / criticar seu estilo de dança e descobrir se ele é atávico ou degenerativo.”

exibicionismo está, naturalmente, indicado como o mais *cênico*. A teatralidade é sua natureza própria. A arte é uma idealização. Porque o real em si não é uma idealização, então *exibicionismos* não são estéticos. É assim que uma fotografia pode ser bela, embora não seja pintura. Não é necessário sublinhar que, nos casos em questão, existe uma exibição genital. Passemos ao segundo ponto.

Há um impulso mórbido, esteja claro. Admitamos que não haja. O que poderia produzir essa ação? Ganha pão?

Que este impulso é sexual. Dado o impulso, ele só pode ser sexual.

Que este impulso é consciente.

Que este impulso é perverso.

Se o exibicionismo é estético, essa descrição de um quarto é de um admirável de realismo artístico:

Dimensão 7^m x 4^m x 5^m

Forro branco

Papel azul e branco

Uma cama

Um vaso de noite dentro da dita acima.

Aqui está a arte.

Veremos em breve idiotas que colocarão fotografias dentro dos romances nos lugares das descrições. Haverá, talvez, quem não saiba compor essas fotografias. O futuro gostaria de não ilustrar este volume. Essa degeneração hipócrita – porque ela não está franca no seu vício, mas procura argumentos para chamá-lo de virtude – é apenas uma sexualização da arte, colocando o instinto sexual no lugar do instinto estético – ainda, reversão da arte, degeneração. Existem duas coisas no *exibicionismo*: uma *exposição* e uma *perversão consciente*, ambas históricas. Tem-se consciência desta exposição enquanto perversão.

Caso de exibicionismo

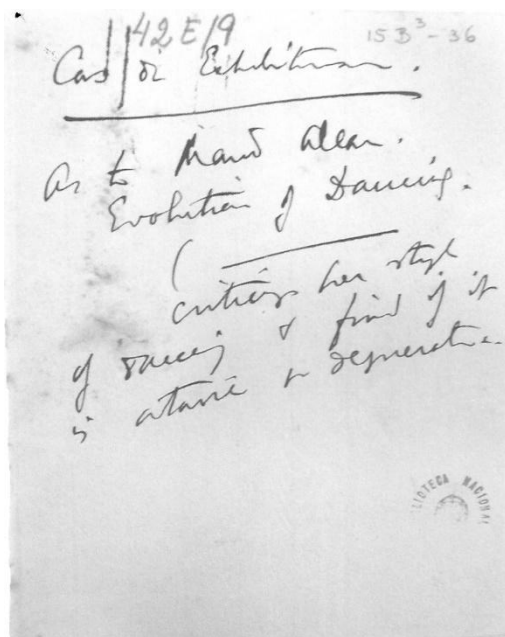


Figura 2

Espólio de Fernando Pessoa, cota [15B³ – 36].⁴⁴

Está evidente que as roupas, por si mesmas, não poderiam originar o sentimento do pudor. Eles podem, no entanto, mantê-lo e desenvolvê-lo. É isso o que eles fazem. Nenhuma exterioridade pode fazer nascer um sentimento qualquer; os sentimentos nascem de outra maneira [...].

Eis a psicologia das roupas:

- 1° Usa-se, a princípio, a roupa apenas para cobrir as partes sexuais.
- 2° Usa-se cor e enfeite [...] para embelezar-se.
- 3° As roupas, por um lado, são dadas à vergonha das partes sexuais, por outro, ao gosto da elegância. A conjugação desses instintos ou dessas tendências deu vida à concepção da *roupa como enfeite*. Quer dizer, o amor (ou sentimento) pelo enfeite

⁴⁴ Como exemplo de um *Caso de Exibicionismo*, Pessoa fará a seguinte anotação, em inglês, “Como Muad Allan. [Figura 1] / Evolução da Dança. / [...] / criticar seu estilo de dança e descobrir se ele é atávico ou degenerativo.” Donde se depreende que Pessoa pondera se o “estilo de dança” de Muad Allan está referenciado a Salomé de modo que represente a personagem, ainda que atavicamente, posto a dança ter evoluído, ou se não a representa, mas a degenera através do *exibicionismo teatral*. Em seguida, abordará a questão da roupa, numa espécie de retomada pelo avesso de suas observações sobre as *Formas*, segundo as quais “os seios (femininos)” estariam vinculados ao “(exibicionismo social)”, o que fugiria à ideia de um *Exibicionismo Verdadeiro*. Note-se que o texto se inicia a partir da questão da nudez feminina nos music halls parisienses de então.

encontra um meio – um excelente meio – de manifestarem-se através das roupas, originalmente simples expressões de pudor sexual.

4º O uso das roupas produziu a necessidade absoluta de adequá-las às mudanças atmosféricas.

Examinemos agora a psicologia. A questão do uso, tratada do ponto de vista psicológico, é primeiramente apenas a questão da psicologia das roupas. Logo, não questionarei a causa ou o significado do sentimento de vergonha estar ligado, na civilização, às partes sexuais. Começarei por estudar qual foi o papel da vestimenta na psicologia humana e em sua evolução.

Temos primeiro, de constatar que, na natureza, grandes e importantes modificações são produzidas por causas aparentemente insignificantes, por exterioridades para as quais não atribuiríamos uma significação importante. Parece primeiro, que podemos considerar as vestimentas, e seu papel, sobre três pontos de vistas distintos: 1º como defesa contra o clima, contra o frio, naturalmente [...], 2º como proteção do pudor, 3º como enfeite.

Examinemos mais atentamente essa matéria. Há de se constatar que a verdadeira e primitiva razão de ser, psicológica ou natural, das vestimentas não é, nem a decência, nem o conforto, mas somente o enfeite, a ostentação. [...]

I

O fato extremamente sério e importante não é, veja-se bem, o exibicionismo das pobres mulheres que estavam em questão. O que impressiona, o que admira, é o fato dessas exibições terem um público, não um público particular, limitado, mas um verdadeiro público digno de tal nome. Ante este fato, os *Casos de Exibicionismos* que estudamos são apenas *casos de exibicionismo* (embora complicados de histerismo) como tantos outros que são estudados nos livros medicinais. Todavia, estes são particulares, por assim dizer, limitados, enquanto os outros, de que temos tratado, são públicos. Se eles persistem, então, é porque o público os aprova. Contudo, isto merece uma observação (por leve que seja) sobre este público e sobre sua psicologia.

II

Vê-se bem, desde o início, que não se trata de um público é o que não inclui uma contradição para uma pessoa sã, mas há contradições. Falta, então, que se prove o ponto, o que é constrangedor, como se tivéssemos que provar que um círculo não é quadrado. O que, da menor prova, tem grande vantagem é o que encontramos e procuramos ou, por melhor dizer, procuramos exprimir nos detalhes psicológicos que terão uma aplicação em seguida.

III

Um fenômeno anormal pode ser considerado normal somente para um homem anormal. Às duas espécies de impotência que registramos no livro de medicina, deve-se juntar uma terceira, pelo menos, quando não consideramos a questão de impotência do ponto de vista exclusivamente medicinal, mas sim de um mais exclusivamente psicológico. Além da impotência *em ter relações sexuais* e da *impotência de gerar*, há uma *impotência mental*, uma *impotência mental* que consiste na fraqueza de excitação sexual normal, na fraqueza da parte mental (não há aqui nada de platônico) do sentimento sexual. Há uma impotência que consiste na fraqueza da sensibilidade mental sexual: falta de sensibilidade às concepções sexuais, às representações sexuais. Essa espécie de impotência é muitas vezes ligada à outra e, sempre, à impotência em ter relações sexuais por cansaço.

Amar ver uma ação, um jeito de ser, é um ponto de vista inicial de amar fazer. Porque amar ver é achar agradável e achar agradável é achar bom fazer. O homem que ama ver crueldades é cruel, independentemente da exterioridade de seu caráter. O homem que ama ver fazer o bem é instintivamente bom. Então é claro que um homem que ama ver exibição sexual é mentalmente um *exibicionista*.

Fim

Nossa civilização morre, sobretudo a civilização francesa. De onde virá à civilização seguinte? Será essa uma civilização germânica, uma civilização oriental, japonesa? Não podemos dizer. Em todos os casos – dizemos com uma sinceridade absoluta –, se a raça francesa está em decadência, acabemos com ela, e rápido. Se for uma civilização alemã que deva vir, que venha, mesmo que nos mate. Não amamos os

alemães, mas não teremos a necessidade de mentir ou falar obscuramente, porque não os amamos. Ligar a Inglaterra a si ou contra o país será, neste caso, um crime da natureza *versus* um fim da humanidade (se bem que não temos o direito), porque se o alemão é mais forte (e nós somos um país pequeno), ele deve acabar. Que o mais forte pise o mais fraco rapidamente, insensivelmente, para cumprir a eterna lei da natureza. Prorrogar pelos sentimentos a vida dos povos decadentes é pouco para ajudar a humanidade. As raças animais cansadas, agônica, incapazes de sinceridade, de honra e de castidade, não têm mais o direito da existência.

A França está – horror – neste caso? Ela bem parece avançar, a grandes passos, nessa direção. Paremo-la nessa rota. Retenhamo-la. Não a podemos frenar? Então é o fim. Deve-se, para o bem geral, fazer com que ela pereça. O que faz do resto, no mundo uma raça sem alma, uma nação sem coração? Nada. Se, de fato, a França está em decadência (ela ou qualquer outro país que estiver no mesmo caso) eu, homem da humanidade, que compreende até aqui a natureza, só tenho uma coisa, triste e amarga, a desejar: que o povo que a suceder venha rápido para esmagá-la. Brutal? Sem dúvida. Horrível? Muito horrível. Triste, amargo? É verdade.

Mas é uma lei da natureza.

2 . A FRANÇA EM 1950

Fetichistas [...] podem todos os objetos “a esposa de um ministro morre para um [...] e o chefe de polícia se encanta por um penico”

Não há, é claro, profissões como havia há cinquenta anos. Hoje, existem alguns grandes grupos profissionais: são estes os sífilíticos, os corruptos, os espermatológicos.

Os nomes das coisas, os [...] têm uma aparência amorosa. Em todos os lugares, existem imagens pornográficas. As senhoras têm um véu no lugar dos decotes, e o véu vai até os joelhos [...].

Máquina de costura “A Sensual”, aparelho de [...], máquina de escrever “Exaustão”. Cada um tem um pseudônimo, como era costume, há cinquenta anos, entre os violentos cafetões parisienses, entre outros.

Companhia de seguros “A Obra da Carne” [...]

Nos teatros, não se apresentam os [...]

Não há – nem há necessidade de dizer isso – escolas técnicas, há somente “A Escola da Masturbação”, “A Escola do Sadismo” e algumas outras da mesma espécie.

As mães se deitam com seus filhos e os pais se deitam com suas filhas. Já nos entediamos disso. É comum demais. Não há perigo em ser feio, porque existem muitas pessoas que amam o feio.

Todos escrevem livros. Alguns são tão limitados a sequências de fotografias com legendadas.

Toda conversa é sexual.

Muitas pessoas são feitas sacerdotes, porque há aqui o charme do proibido.

Existem templos dedicados a históricas e prostitutas, pois são estas as deusas do povo francês.

As estatuas possuem muitos admiradores.

Muitas pessoas são muito religiosas.

A ciência se transformou em inquérito sexual. Existem professores de aborto e de infanticídio. Lemos nos jornais que crianças de quatro anos se suicidaram porque foram abandonados por suas ou seus amantes.

A maioria das pessoas são fotogênicas.

Nos teatros, fazem quadros vivos.

Nada forte, nada verdadeiro, nada saudável – no entanto, a podridão vive.

Achamos prazeres estranhos, como, por exemplo, mutilar os pobres, arrancar-lhes as orelhas.

Muitas mulheres de espírito morrem ao verem essas coisas.

O exercito francês não existe. No país, existe apenas um homem saudável, e ele é mudo, surdo e cego. É saudável por não se poder estabelecer uma relação entre ele e o mundo.

Os modos são muitos [...]; as mulheres que têm gostos requintados os têm, simplesmente, como continuação daqueles de cinquenta anos atrás. Há chapéus e penicos.

Vendido, pela “Casa de Trabalho da Carne Dourada”, ao Palácio [...].

Muitos estão afetados por uma grande variedade de espécies de loucura.

(Por que esta França é, há algum tempo, uma colônia da Alemanha.)

As teorias metafísicas são abundantes, pois cada um tem uma própria, todas são complicadas e ninguém as compreende.

Eu dedico este artigo aos franceses modernos, aos “refinados”, aos “pesquisadores do prazer”, aos [...].

Os alienados não são muito plenos, mas são simples, são aqueles que persistem em encarcerar as pessoas anormalmente saudáveis.

M. é acusado de não ter estuprado uma criança de dois meses.

Respondeu que, segundo imaginava, seria melhor estuprar depois de preso. Não pensava em nenhuma ofensa à decência do comitê socialista.

É surpreendente, hoje, a falta de espírito gaulês.

Os pratos são lavados com o sangue de crianças pequenas, que foram estupradas e assassinadas. Não enxugamos os pratos depois. Isto é – disseram-me – um prazer um pouco antigo.

Obtivemos ejaculações seminais comendo o corpo de uma criancinha.

O esperma dos animais como bebida já não está mais na moda.

Outro dia, fui ver uma escola de moças. O nome da escola era “Instituto Sem Hímen”, fundado, segundo me disseram, por uma mulher que tinha quatorze mil amantes e que morreu, ao que parece de sua própria devoção.

Neste internato, as meninas são muito bem instruídas. Aprendem sobre o máximo de vícios possível, e é delicioso ver a facilidade com que as queridas galinhas⁴⁵ os aprendem.

As punições – em verdade – não são muito leves: por exemplo, uma menina que deu um gritinho, um pouco mais alto, porque outra a usou para um ato de sadismo foi condenada por um conselho de professores a não ter mais que três amantes (homens) e seis (mulheres), além de ter sido condenada a usar uma roupa que lhe cobrisse parte superior do tronco. Isso é horrível!

Uma outra foi punida [...].

Tais punições suscitaram tamanha indignação pública que chagou a haver greve dos funcionários dos correios.

Sra. Jerébite Jaudasamier foi presa porque, conforme disseram, cometeu crime de pudor, por ter ligeiramente enrubescido ao deparar-se com um homem e cinco mulheres dormindo no mesmo quarto. Ela negou o crime.

A senhorita [...] foi condenada a quatro dias de castidade por recusar-se, conforme denunciaram, a se deitar com seus dois filhos ao mesmo tempo.

Um senhor respondeu criminalmente por ainda não ter estuprado sua filha quando ela já contava com dois dias de vida.

Senhor e senhora [...] foram condenados a se beijar durante uma hora e meia por terem incorrido na perversidade de fazer sexo à moda antiga. Na saída do tribunal, as pessoas se manifestaram violentamente, xingando-os de coisas como “pessoas virtuosas” e até mesmo – temos vergonha de escrever – “pudicas”.

O crime, segundo dizem, diminuiu muito, tendo sido constatado apenas um caso de atentado à indecência.

Ministério

⁴⁵ No original, “chères petites dindes”: literalmente, “queridas pequenas peruas”. Optou-se por “queridas galinhas”, pois, ao tempo da readação, “perua” ainda não tinha a acepção de “dondoca”, como é corrente no português do Brasil desde alguns anos.

Escolas [...] penalidades

O menino que falou durante a aula está proibido de se masturbar mais de duas vezes ao dia. A taxa de natalidade é quase zero – o que é muito vantajoso.

Atentado a indecência

Fim da carta

Não esse país

Existe atualmente aqui um velho lugar, mas não é mais longe que a chama França e uma província de outro país; as pessoas gostam de sexo o suficiente. As estátuas foram levantadas para [...]

Maldito é aquele que ri!

Temido seja quem ri!

Desgraçado é aquele que ri!

A natalidade é quase nula – é bem vantajoso. A mortalidade é tão grande que o Sr. [...], chefe de [...] justamente disse que a maioria dos vivos está morta.⁴⁶

Os alemães devem conquistar, ou ajudar a conquistar alguns eslavos. O país, como organismo, não é animado. Tudo é luta e conflito. Os mais velhos são os mais fracos. Então o mais fraco vai parado a parede.

Nós outros – as outras nações – temos de ter o cuidado de nos organizarmos de modo a não sermos arrastados para baixo com eles.

Aqui não há pessoas normais, quer dizer, as pessoas que invertem duas vezes suas anomalias sexuais passam à normalidade. Eu mesmo conheço um cavalheiro que parece bastante normal, mas que, segundo o que se diz, é apenas quatro vezes normal. Como duas negativas fazem uma positiva [...].

⁴⁶ Na sequência, há o seguinte texto, em inglês: “A Alemanha deve conquistar, ou ajudar a conquistar, alguma raça eslava. Um país, como um organismo, não é animado. Tudo é luta e conflito. O mais bizarro é o mais fraco. Logo, o mais fraco será emparedado”.

Noutro dia, foi preso um renomado M. dormir- na-cama-de-quatro-mulheres Giraud; seu crime era o de recusar-se a cometer incesto. É [...] finamente dizendo que toda a humanidade era sua irmã, todas as mulheres eram irmãs e que, portanto, dormia com qualquer mulher, deitado ali com sua irmã.

Um homem chamado [...], que é gerente da companhia de seguros “Prazer Sobre-Humano”, certo dia, perdeu parte de seu testículo esquerdo e, depois, a encontrou, o que, antes da perversidade, chamar-se-ia de perda agradável. Passou, então, a ser moda, durante algum tempo, perder [...] esta parte do corpo. Mas, ao que se refere à perda, é um prazer para ser desfrutado sem exageros.

Estudamos hoje, muito frequentemente, valiosas obras de notórios literátos, escritas em seus derradeiros anos. Apesar de não ter que tratar a parte literária de suas obras, aplicamo-nos, mais e mais, para determinar qual seria o comprimento da vara de seus autores.

Fim

Haverá, talvez, algum idiota que possa pensar que esta sátira é indecente e imoral. Seria característica de um tolo pensar assim, porque os maiores cientistas têm, agora, reconhecidos e constatados que idiotas pensam estupidamente e fazem loucuras.

Nesta sátira, há uma enorme grosseria, conscientemente desejada.

A literatura [...] dos onanistas morais, das gentes sãs sem moral, [...]. A lei de [...] nada pode fazer.

Não há palavras [...] para classificar a baixeza e a covardia da burguesia e das almas sujas. Um escritor escreve para a humanidade, para seus semelhantes (?), para [...]. Quem faz da corrupção, da *luxúria* (que é a sua palavra favorita), pornografia [...], quem joga na cara da humanidade o lixo de sua baixeza de alma, [...] é um irresponsável, é [...] um idiota moral, de quem devemos remover o direito de votar, de participar em assuntos públicos da alma [...], mesmo de dispor de sua própria.

Eu odiava a prostituição de rua, mas eu sei qual é a pior das almas.

A sociedade quer [...] o progresso, e é triste que venha a degenerar [...] para [...].

Vergonhoso seja quem achar divertida esta sátira. Maldito seja aquele que rir!

3.SENHORES CAFETÕES

Textos preambulares

Ao tempo,

querido e estimado mestre...

Não amo a França mais do que qualquer outro país; para mim, todos os países são a mesma coisa. O que eu não amo é a corrupção e a decadência. Pouco importa qual sistema de sociedade e não importa o povo, ou qual seja o modo de pensar; mas o de que não gosto é que o sistema seja dos cafetões, é que essa maneira de pensar seja dos idiotas e imbecis.

No entanto, MM. Du Saussay e madame Jane la Vanderé [...] poderão continuar a escrever seus romances (passa a palavra) seus poemas em prosa (onde não há nem poesia, nem prosa digna do nome), seus estudos de costumes de tal ou tal país, de que não importa qual a época, bem saberemos que aqui não há mais que [...].

Não sou eu quem pode prevenir [...].

Esses homens farão bem em colocar, no fim de suas obras, seus respectivos endereços, indicações para encontrar as competentes casas de garotas. Não é necessário juntar a importância da comissão que eles ganham – isto pode ficar secreto. Para deixar suas obras mais interessantes (porque agora elas são muito bestas), estes senhores podem entrelaçar o texto com anúncios de pastilhas contra tosse, de seringas vaginais, para gonorreia, sífilis etc.

Quanto aos editores e publicitários de imagens de nus (Estudos Acadêmicos etc.) – artísticos, como creio que as chamem – [...].

Parem de lamentar-se! A decadência chegou! É o reino dos cafetões e das prostitutas, porque hoje mesmo é que essas pessoas escrevem livros.

Duelo. Nada grave com os revólveres “Virgem na noite de núpcias” e como as balas “Cupido nascente”. O único efeito foi da morte de um dos combatentes que usou apenas o flerte, pouca coisa.

Isso é a França? Não, é um pobre povo.

O epitáfio será escrito sobre seu tumulo. A lápide será feita das capas destes livros e, sobre ela, as letras de merda pela mão do tempo será mais ou menos assim: Aqui jaz o povo francês. A fim de se fazer um povo de cafetões, ele não pode se cafetinar.

Se MM. Du Saussay etc. escrevem esses livros como artistas ou como literatos, são loucos. Escreve-se para ganhar dinheiro, ou mesmo para o seu ganha pão, há – tem-se de dizer-lhes – maneiras de ganhar pão que desonram. Aceitam-se um centavo do que ganham com sua venda, francamente, são cafetões.

Até hoje, não tínhamos notado que há, entre os ornamentos de caráter e de inteligência que geralmente se distinguem no espírito das prostitutas e dos cafetões, o de escrever livros! Que se publique a nota! É uma nova manifestação do talento cafetão. Devemos dizer alguma coisa sobre isso. Os livros não faltam. Será sobre o primeiro que vier. E aqui está, é o [...]. Não; não será este.

Ah, bom – muito bom esse será o livro para essa semana, “– de M. Victorien de Saussay.

Começamos pelo começo. A capa é um desenho bem feito [...].

A segunda página nos apresenta alguma coisa de interessante, é a lista de obras de M. de Saussay: Aqui está, [...]. Para um povo que se dê ao respeito, uma lista como esta seria suficiente para jogar o autor das obras mencionadas para fora da sociedade.

Isto pelo motivo de que não há um hábito de [...].

Almas baixas, almas mesquinhas e sem [...], que não pensam jamais no mal que elas podem fazer, no efeito de suas obras sobre a humanidade, ou, ao menos, sobre essa parte – que seja pequena – da humanidade que as lê.

Escrever coisas que podem causar danos aos outros, que podem fazer mal, é um crime.

Estes infortúnios jogados por ironia na literatura, quando seu lugar é dentro dos *bordéis*, estas pobres almas perdidas dos cafetões, intelectualizadas, que se encontram com o proposito de provocar o vício, de multiplicar, com todas as suas forças, a infelicidade... Onde a palavra violenta que lhes convier, onde um nome que não seja fraco demais para a vileza de sua existência mais que inútil?

O homem que estupra uma garota, colocamo-lo numa prisão. O que provoca, nos cérebros maus, o crime; nos cérebros jovens de espírito, a masturbação; nos cérebros fracos, as perversões e [...] – a quem assim se faz cafetão em dobro [...], não

fazemos nada, admiramos algumas vezes, às vezes chamamos de autor ou, mesmo, de artista.

Que a lei seja justa para todos. Se o povo francês acha bons esses escritos, se esses romances, esses contos, são agradáveis ao seu caráter, é um povo perdido, um povo doente. Os cafetões são admirados apenas por outros cafetões.

Pobre do povo que foi um dos maiores na terra. Quando [...].

Abstenho-me inteiramente em considerar as obras de madame Jeanne La Vaudère. (não posso dizer mais).

Fim: conhecemos a definição de liberdade que deu este padre de eu não sei onde: “não quero que me importune”. Isso é o que o povo francês devia dizer no plural, a menos que eles já sejam importunados. Mas aqui esta bem o grito: “Eu não quero que me importunem”

A merda de sua existência

Pensar é difícil; sonhar, nem um pouco. A gente sonha mesmo dormindo.

Reformar a humanidade é muito difícil. A () é muito fácil. È fácil também, por exemplo, deixar apodrecer os alimentos – precisamos apenas deixar apodrecer. Os conservar – ai está a dificuldade.

Ainda não se descobriu que os alimentos se conservam melhor nos sanitários.

Nós podemos dizer, por exemplo, é uma maldade de chamar M. Maeterlink de idiota. Isso não é nem um pouco uma maldade, porque seria uma maldade se fosse possível que o dito Senhor conseguisse acreditar e sofrer desta.

Mas pela natureza da coisa mesmo, é impossível. Porque se, por exemplo, eu dissesse a um asno: “tu és um asno” jamais o asno iria acreditar.

Eu não quero aprofundar a razão.

A propor eu tenho que lhes contar uma linda historinha, que pode ser fabula ou símbolo. Era num vilarejo de algum país qualquer; nem o país nem o vilarejo têm importância no caso. Um homem da localidade tinha convidado para alguns dias um amigo da cidade. Chegado durante a manhã, o hospedeiro perguntou se ele tinha passado a noite bem.

“Não”, respondeu o viajante, eu não sei bem porque, mas eu não dormi bem”

O Hospedeiro se surpreendeu, nenhum dos dois pôde encontrar a razão dessa insônia.

As duas manhãs seguinte a mesma pergunta da parte do hospedeiro, mesma resposta da parte do convidado; a insônia continuava.

O caso fez pensar o colega da província, ele quis resolver.

Ele levou um grande penico cheio de lixo em um canto do apartamento.

"Qualquer coisa de familiar, na atmosfera, não é"?

"É isso, é isso, eu acredito estar na cidade".

Eu pergunto ao povo francês:

Este símbolo, o que ele significa?

Eu pergunto também ao povo francês

O viajante dessa história parece com qual povo?

Se eu pudesse bater mais forte, eu bateria.

Fim.

O título real dessa sociedade será "e besteira", mas a gente empregara como firma "companhia para o embelezamento do mundo"

Diretor

Secretaria: M. V. du Saussay

Supõe-se que muitos atentados contra o pudor, são devidos à benéfica influência da companhia. Devemos muito especialmente notar os estupros de crianças, indicação indubitável do progresso; a companhia espera que ela não tivesse sido sem influência desses acontecimentos. Podemos, contudo constatar que o numero dos delitos sexuais (assim os chamamos às vezes) é ainda muito pequeno, sendo, é nisso que acreditamos, inferior ao numero de mortes. é uma coisa na qual deve se pensar.

Estatutos da

Companhia de pornografia, de besteira e de Sujeira.

Sociedade anônima de responsabilidade muito limitada

Conselho de administração:

MM. Anatole France (e outros nomes)

Na frente o notório do mundo M.

Ano

A responsabilidade (e mesmo todas outras preocupações) é extremamente limitada.

Eu escutei ha pouco tempo a anedota que uma parteira negligentemente colocou uma criança na cama de cabeça para baixo e os que vieram tendo visto somente o traseiro deste, estes se retiraram cheios do horror da monstruosidade que veio a ser colocada no mundo. Como vemos, a anedota é provável, mas dentro desse caso ela é superlativamente instrutiva.

Porque eu concordo que como o traseiro da criança referida era o seu rosto, a cidade de Paris é digna do nome cérebro da Europa. A bela!

Eu tinha lido esses livros e sentindo o que eles faziam em mim, farejando em mim o começo da corrupção, eu sou revoltado, indignado, sobre contra mim mesmo, depois contra esses escritores.

Eu confesso sem penitencia algumas, eu sou inteiramente o revoltado, eu não me revolto contra o mal. É por essa razão que eu me chamo revoltado: se eu estivesse como a maioria dos revoltados.

Então a humanidade se desvia com horror, mas ao mesmo tempo o conserva. A animalidade é mesmo tão bem conservada no erotismo que o termo animalidade ou bestialidade não deixa de lhe estar ligado (p.103).”⁴⁷

Um livro pode ser compreendido pelo cérebro e pela medula espinhal.

A forma de sua estatua é algumas vezes bela- eu admito, mas por que talhar sua estátua em merda?

⁴⁷ “L’erotisme en son ensemble est infraction à la règle des interdits: c’est une activité humaine. Mais encore qu’il commence où finit l’animal, l’animalité n’en est pas moins le fondement. De ce fondement, l’humanité se détourne avec horreur, mais em même temps elle le maintient. L’animalité est même si bien maintenue dans l’erotisme que le terme d’animalité, ou de bestialité, ne cesse pas de lui être lié.”

Os corações rezam. As almas se propagam, e são podres. A morte de uma sociedade é mais horrível do que a hora que a morte de um organismo individual. A sociedade apodrece (se decompôs) em vida.

Senhores Cafetões

Não é suficiente que na merda de nossa existência nós nos encontremos sempre em frente ao lixo; não, Srs. Os Cafetões a recolhem e nos oferecem confeccionada por eles. (Para os sadios, inútil: sabemos que não comemos isso).

Você conhece sem dúvida essa história do ** que tinha por hábito fazer repetidamente todas as manhãs seus excrementos para ordem de tamanho sobre o piso? É caso verídico, e, contudo eu me pergunto se este homem não tinha na cabeça a ideia de fazer um símbolo. Sim, eu penso, porque é o emblema mais impressionante de obra dos Senhores Cafetões literários.

A sociedade doente e estúpida recolhe seus próprios excrementos, da para eles formas artísticas e os ergue diante /si mesmo/ ; os excrementos (você compreende bem) são paixões baixas e degeneradas de cafetões e prostitutas, a forma de laço ,etc., são formas literárias, artísticas, dramáticas que damos para eles. “mas damos os cafetões? Oh senhores cafetões - são os instrumentos, são por consequência as mãos da sociedade que assim se divertem.

Sim; e o cara que assim se divertia /sujava/ as mãos, sem duvida".

É bem isso e é porque digo

A sociedade intimamente (como o cara em questão) está doente, mas são, sobretudo as mãos que são mais sujas. É justamente o símbolo das mãos imundas que faz dos senhores cafetões literários artistas vis.

Essa sátira é escrita com toda sinceridade e não é feita para rir. É inevitável na sociedade de ter excrementos, mas não é necessário que permitamos a esses excrementos de perfumar tudo.

O excremento é a literatura que hoje abunda.

Se, contudo, o povo francês chega a sentir o cheiro

A visão da decadência de um povo é sempre penível, e o mais triste é que o povo que degenera não se preocupa nem um pouco /jamais/.

Mater natura, Fiat Voluntas tua!

É como socialista que eu escrevo contra eles, é socialista que eu protesto contra a invasão no meio social, na humanidade que nos queremos desenvolver, dessa infâmia em livros, dessa sujeira impressa. É / como/ socialista que eu ergo todas as formas de minha alma contra os degenerados egoístas, incapazes de pensamento coerente e de raciocínio verdadeiro. A humanidade - pelo menos nossa civilização - já está doente; temos que lutar duramente, sinceramente com todas as forças que nós chamamos de alma para enfraquecer o mal.

As ofensas à moral pública são sempre muito graves, mesmo onde não existe moral pública; elas são mais perigosas que as ofensas políticas.

Nós podemos compreender, como coisa metade razoável, o crime político anarquista. Por exemplo, nada mais compreensível que o assassinato do rei Carlos de Portugal. Mas também há muitas coisas que o desculpam.

Os ataques portados à moral não tem qualquer desculpa; não é pelo espírito revolucionário (porque não nos revoltamos contra o mal) e não é. É o individualismo opressor.

Sim, é por isso que combato toda manifestação de sujeira e de erotismo na literatura, no teatro – por toda a parte. Sim, porque assim como eu odeio o ditador, o rei absoluto, o tirano, também eu odeio o homem que coloca os outros em uma prisão e faz matar e desonrar, eu detesto a sensualidade literária, o homem que coloca os outros na prisão e a baixeza de sua alma, que mata o espírito de elevação, que os desonra pelo contato degradante de sua mentalidade suja e estúpida.

Eu odeio o sensualismo literário porque ele atenta à liberdade individual, e eu amo o respeito mais do que qualquer outra coisa, a liberdade devida a cada um.

Se o homem fosse livre, seria bom; não sendo, o erotismo literário é um crime grave.

Não sendo louco eu não peço dos cafetões de raciocinar.

A liberdade (como eu tinha provado em outra parte) consiste em três coisas : 1º *Nascer, continuar a viver* - pela razão que nós não podemos - eu mesmo sem dor -

matar alguém. 2º *vivo, viver sem dor* - para aquela razão não devemos fazer o mal, causar sofrimento em alguém. 3º *viver, se desenvolver ao mais de*

Houve grandes homens sensuais? É verdade, mas eles não eram grandes por sua sensualidade, mas por sua grandeza. Shakespeare não é ** que o estupro de Lucrece (citação de Pascoal). A verdade é que os pequenos espíritos amam sempre ver que são parecidos aos grandes de qualquer forma, seja apenas pelo traseiro.

É fácil. Pascal dizia: ser sensual é fácil como cair de um precipício. Só precisamos nos soltar.

O que caracteriza um crime de opressão política? Em que consiste ele? Na manifestação da personalidade, no uso antissocial da força psíquica, no

Esse caso não difere daquele. Um homem que escreve eroticamente segue seu sentimento sensual, um tirano segue seu sentimento de dominar. Ambos são egoístas, desigualmente perigosos, segundo as condições e o meio onde eles vivem. Mas não é o ditador ou o rei absoluto que é sempre o mais perigoso.

Foi me dito que existem pessoas que tem ideias socialistas e que escrevem livros mais ou menos imorais. Isso não pode ser. Nas ideias anarquista ou socialistas, eu acredito, porque o anarquismo é a expressão egoísta e individual do sentimento de revolta, nos melhores casos.

- Socialista é imoral? Não, talvez, ou imbecil ou /deprimido/.

A democracia é a ordem, o socialismo é a glorificação da lei, é a lei nova, da igualdade e da liberdade nos limites do possível. Não pode haver então um cérebro bem equilibrado onde se misturam ideias tão antagonistas quanto o socialismo e a imoralidade.

o melhor que nós podemos dizer é que um homem pode ser sinceramente socialista, e , ao mesmo tempo de um temperamento sensual. Bem. Que seja sensual na casa dele e não nos livros. Ser sensual não é um crime, ser imoral, quer dizer escrever sensualmente, publicamente é um crime especialmente mais grave que a inteligência do escritor é maior.

Mas tal é o estado das coisas atuais que os imbecis como M., e os incuráveis idiotas como (para não citar alguns indivíduos de outro sexo, a julgar pelos nomes) - tal é o estado das coisas que esses fracos de espírito têm uma clientela literária, um publico a eles.

Sim, o caráter mais repugnantes dessas obras, é que elas são terrivelmente burguesas. Um homem que blasfêmia é religioso; o irreligioso não blasfêmia, ele não vê na religião um valor qualquer, e portanto não ataca em blasfemando. O erótico pervertido, o hiper excitante sexual são muito burguês, porque o caráter perverso e a hiper excitação não elimina do exterior ou da excitação sexual ,e nós sabemos que os burgueses são essencialmente eróticos.

Chocar a burguesia? É o burguês que choca a ele mesmo. Que bom burguês é o Theophile Gautier!

Mas nós somos jovens, gritam esses grandes autores, nós somos jovens, exceto aqueles que não são. É a mesma coisa que se pergunta a uma vagabundo que jogou sujeira sobre os pedestres: “por que você fez isso?” e ele me responde: “porque eu sou jovem, eu posso me inclinar e por consequência pegar o lixo, e , portanto jogar nas pessoas”. É a mesma coisa, muito mesmo. Pessoalmente, contudo, eu prefiro que me jogue o lixo.

A política desastrosa (anarquismo e capitalismo), a arte dos cafetões (realismo, naturalismo,) a religião de ** esperam a pobre humanidade no seu caminho para o futuro. Graças a eles , ela chegara lá muito suja. Porque eu imagino os três na estrada, coletando o que está nos caminhos, e criando, uma “eu lanço lhe a liberdade”, a outra, “aqui está a beleza”, a outra “aqui está o bem”. E o que está no caminho que eles colheram. Lama, em nome do homem ! Lixo, em nome da liberdade! Em nome de Deus, merda!

A arte- ah, a arte e a beleza - são duas coisas muito bonitas; isso não é para os burgueses conhecerem. Um burguês poeta apenas é um burguês. Isso não é um burguês, para dizer que não é , para. Por exemplo, embaixo de uma caricaturas de um Senhor Josset, eu tinha lido: "o burguês para bondade não" Eu percorri os maiores números de caricaturas desse senhor e de fato eu encontro alguma coisa de análoga. Somente eu compreendo porque o dito Josset não quer admitir que o burguês pensam bem: é que ele não quer ser burguês. Porque seria interessante saber onde é manifestado o do Senhor Josset.

Um mal odor se exala dessa podridão de espíritos e essa baixeza de almas. Os banheiros secretos têm uma válvula com água para a limpeza; os esgotos desses corações não têm nem isso, ou si elas têm, estão ha muito tempo quebradas . há

desinfetantes que podem deixar limpas as /canalização, etc/; mas para a impureza dessas almas, não há desinfetante moral.

Contudo, aqueles entre os escritores que se chamam modernos e que são os maiores, são atingidos por esta. nada é sadio neles. Eles tem o amor irritável.

Seu socialismo não é feito de amor nem piedade, mas sim de revolta inconsciente, do espírito de contradição que, longe de ser grande, é pequeno para os idiotas.

Seu anarquismo, o que eles chamam de espírito de revolta não nasce somente da irritação da degeneração mas também do seu desejo fraco de se singularizar e de impressionar o normal. É loucura pura.

Em torno dessa alma central da estranha composição de baixeza, de limitação do espírito, de superstição sem religião, de bobagens sem pensar, inspiração sem ideias, o aptidões individuais se agrupam.

Eles não têm nenhuma religião; eu não os culpo – eu também não tenho nenhuma (religião propriamente dita). Mas eles têm tudo da superstição. E se eles são irreligiosos não creia que seja pela força da razão- não, nenhum deles sabe raciocinar; nem por indignação - nenhum deles sabe amar, e quando querem ser cheios de piedade eles se espalham em choros exagerados, mesmo como choro - característica da /degeneração inferior/.

Nós falamos: "o homem é a natureza pegando a consciência sobre si (mesma)". Podemos aplicar aqui o similar: esses autores, essa sociedade é /de/ a obscenidade pegando consciência de si. A natureza torna-se consciente dizendo "quão grande sou eu natureza". A merda torna a falar "quão grande eu, artista, homem da sociedade, sou!".

A natureza goza de si, de sua existência no homem, ignorando sua baixeza. A obscenidade se, se deleita.

O leitor observará um pouco escandalizado e que eu emprego incessantemente termos sujos, tais como obscenidade, merda, etc. Que passe essas expressões alias inevitáveis. É uma coisa estranha que quando eu escrevo sobre esses autores eu só penso nessas obscenidades. Eu não posso pensar nesses senhores sem pensar na merda e na sujeira. Do momento que meu pensamento se dirige a esses senhores ele encontra imediatamente merda, obscenidade, e sujeira. É um fenômeno de associação de ideias sobre qual eu chamo a atenção das pessoas competentes.

Não é nenhum hábito de pensar sordidamente, nem, mas a associação de ideias é tão forte que eu não posso evitar pensar dessa maneira.

Honra a eles, aos pobres cafetões! Glória aos seus espíritos!

A degenerescência cresce e nenhum homem a vê

O tempo /futuro/ coleciona as páginas de seus livros para fazer as pedras de seus túmulos, do grande tumulo de seu país; e sobre esse tumulo a História escreverá em letras de merda o epitáfio que lhe convém.

Mas esse epitáfio a história o encontrara. Mas eu não posso o encontrar. Não há palavras, nem combinações de palavras que pudessem dar expressão a toda raiva feita de desdém, de justiça e de aversão profunda.

Honra aos cafetões! Paz as ** glória àqueles que prostituem sua espécie. Se alguém fizer prostituir sua mulher, sua filha, sua irmã, e que se alguém fizer prostituir a humanidade? Porque a humanidade é mais que mulher, filha, irmã.

Eu que escrevo sou louco

Eles são artistas? Não. A arte não tem nada a ver com a moralidade, por consequente nada a ver com o mal nem com o bem, mas somente com a perfeição. A arte não deve ser boa nem malvada, porque ainda é uma besteira desses cafetões dizer que a arte não tem nada a ver com a moralidade, não vendo que ela também não tem nada a ver com a imortalidade.

Eles são artistas? Não, eu repito, não.

Eles são pensadores? Não, /não, não/. Sabemos hoje que o que caracteriza os pensadores é pensar, esses não pensam nunca.

Apêndice

Jean Seul

Praça Octave Mirbeau, no bairro entre a rua Felicien Champsaur e a rua Lacenaire, não há

Instituto Marques de Sade para garotas

Os comedores de lixo, que nos chamamos aqui de canibais.

Um moço libertino tendo encontrado um novo prazer nos olhos de sua avó, começou a imita-los, a oposição a esse refinamento tendo tido oposição somente entre algumas mulheres velhas, velhas para o prazer.

Sozinho

Nada é; tudo passa

Tudo é seu curso

O dia se cansa

De ser o dia

As lagrimas que correm

Já em colapso

O olhos que

O tempo – abutre

Rola então a bola

Rola então, rola

Sempre, sempre

Textos Suplementares

Eu fui anarquista, aos 17 anos, e eu sei bem qual é na sua essência a teoria de amor livre; é que nós podemos amar hoje uma mulher, amanhã outra ,se quiser. Podemos também, se quiser, amar uma mulher durante toda vida , exatamente como no casamento.

O anarquismo é /na teoria/ a impulsão doentia e não sujeita de /controle/ da vontade consciente e ajuizada. Em geral o estado intelectual do degenerado superior (líder) e do degenerado inferior (acompanhante) é a intelectualização da impulsão e da obsessão. As teorias anarquistas são um bom, a não ser, o melhor exemplo. Elas incluem todas as supressões do poder, a eliminação do casamento, por exemplo. Tanto uma coisa quanto a outra são absolutamente contrárias à ciência; só os idiotas e os degenerados podem pensar o contrário. O objetivo da evolução não é outra coisa que a /concretização/ da ordem, sua afirmação (fortalecimento). O casamento é o meio por qual a natureza na sociedade faz a seleção do mais puro. Mas me dizem que o

casamento atualmente não é assim, ele é feito em vista do dinheiro, da posição. Você argumenta então não contra o casamento em si, mas contra o estado atual, contra as imperfeições que uma sociedade degenerada (sente bem) lhe impõe. Você está então como eu; nós estamos de acordo.

Mas me diga, você acredita que o cerimonial pode fazer o amor, que o fato de ser chamada senhora pode fazer a mulher pura? Não se pensar isso eu seria tolo ou louco. Ninguém acredita, mas o casamento não é uma cerimônia, essas coisas são apenas convenções. *o casamento é o amor constante e fiel de um homem para uma mulher; e não mais que isso.* O homem que se une a uma mulher sem nada de cerimônia; quer dizer que vive toda sua vida em concubinação (como podemos dizer) com essa mulher, está casado.

Mas, então, responda você, você dá na nossa teoria. Eu me permito de responder que eu não entendo como. Ou você, é contra o casamento em si, ou então contra a cerimônia, do casamento, e se você valoriza somente esse último por que não diz?

A verdade é que o seu “amor livre” não é uma coisa da qual você tenha uma ideia qualquer. É puramente uma impulsão que se transforma em ideias meio conscientes e que você acredita tudo naturalmente ter produzido para sua razão, para seu raciocínio (você mesmo).

Como fenômeno psicológico isto basta para compreender sua teoria: é uma impulsão degenerada.

Tem uma ideia clara? Então o que significam essas palavras de amor livre de duas coisas possíveis eles fazem que significam um ou outro: um amor livre quer dizer poder amar indistintamente, essa mulher hoje, aquela amanhã, depois de amanhã outra.; ou, diferentemente, o amor livre significa se ligar com uma mulher para vida mas sem cerimônia exterior, sem mudança de mademoiselle para madame, sem registro, sem festa etc. No segundo caso você ataca as imperfeições do casamento.

Mas enfim- me diz – você dá então na nossa teoria. Porque fazendo o casamento não cerimonial, não exterior, e dando ao homem e à mulher o livre direito de se separar você diz a mesma coisa que nós. Não exatamente a mesma coisa, eu teria dito se eu tivesse acabado, mas eu tenho mais alguma coisa para acrescentar.

Atualmente o casamento convencional é a forma de seleção e o fabricante de respeitabilidade. Mas a sociedade moderna, admitindo o casamento, não o respeita muito; é verdade; é a degenerescência, é a decadência dessa mesma sociedade. Se

argumentar contra os defeitos de uma coisa fosse argumentar contra ela como seria terrível. Por exemplo, se você prova que a religião católica é ruim eu não posso ver mais a inquisição porque será atacar para o lado mais escuro.

Mas, podemos responder, o que produz, o que se torna mau é em si nada bem . se por consequência o casamento viesse a ser como é , ele tinha em si a possibilidade de tornar-se, ele era imperfeito.

Sim, é verdade, mas há com certeza uma grande resposta: não é somente o casamento, mas o fim que degenerava, é tudo, é uma lei geral de evolução. O que falta determinar é se o casamento com todas as suas possibilidades de tornar-se mal é inferior ao estado de amor livre. No amor livre evidentemente nós não podemos degenerar nem sem imoral.

A resposta para isso atinge a teoria inteira.

A perfeição sendo impossível no mundo, o único estado que não pode degenerar, o único, é a degenerescência em si. O amor livre esta na degenerescência pura.

(Degeneração é o atual estado; amor puro é atavismo puro. Que é então?)

Não podemos ser anarquistas sem ser doentes ou inconscientes.

Tríade sentimental contra o anarquismo no final.

Razão por conseguinte da degeneração. Próxima pagina.

Base logica do anarquismo: que o pessimismo está ligado é verdade , que o anarquismo está só está tomando pessimismo fora da esfera.

Podridão psíquica

Quando a matéria fez seu papel,

/eternizada/ em um momento

Na passagem curta e engraçada

Um ser que não é nada

E no seu eterno movimento

Que está sem

(e a matéria vazia e nua)

Por onde a beleza passou

Na matéria está dissoluta

E o espírito – oh, eu não sei nada

Ele foi apoio ou suporte?

Ele foi forma ou aparência ?

Não tem

E o pensamento dissoluto

Mas (oh! Milagre não de um Deus)

Em cada lugar inteiro e

E essa podridão da alma

É menos feia que a beleza.

Discurso socialista (seguindo as sátiras)

a hora é a nossa!

A sociedade atual – aquela que se dá o nome particular, exclusivo de a sociedade - é um aglomerados de bandidos, de cafetão, de prostitutas. Tudo nela é degenerado e corrupto, a podridão dessas almas é mais feia que a mais vil desagradável podridão dos corpos mais nojentos.

A hora é nossa! Essa sociedade está morrendo; esses homens degenerando são moribundos. O que é moribundo /é quem vai morrer/. Essa sociedade vai morrer. Um outra sociedade a substituirá, uma outra ordem de coisas virá; que essa sociedade seja a nossa, que essa ordem de coisas seja aquela que será para nós.

A hora é nossa! Temos de agir, temos de combater desde já, nesse momento, ele quem sabe lutar, que lute, por ele mesmo e por aqueles que não sabem combater. Para a frente! temos os corações puros, as almas fortes, os corpos castos, de outra maneira nós não superaremos, e mesmo que nós /superássemos/ nossa vítima não

seria aquela dos trabalhadores fortes sobre os cafetões, mas aquela de uma quadrilha sobre outra, de um grupo de apaches sobre outro grupo.

Sim, a hora é nossa! Combatemos! Mas sem sangue, sem ódio. Não matar, não atacar esses degenerados sem coração; desvia-los e seguir nosso caminho. Que nossas mãos sejam puras como nossos corações, que nossos corações sejam puros como nossas mãos!

Não digo :soldados, á guerra ! Eu digo: homens, à paz! A guerra é o tempo dos tiranos, são os homens que amam a paz. Os frouxos não – eles amam a guerra, entre os outros.

Eu também não digo que você fique passivo, que você não resista, ao contrário vocês devem ser cada um de vocês um princípio feito um cérebro, um amor feito um coração, uma ação feita um homem.

Estou aqui com você, um homem da unidade!

Entre esses escritores e os criminosos natos há uma analogia perfeita.

Nos criminosos natos nós constamos uma falta de senso moral, uma falta de vontade /ordenada/ com argumentação de vontade impossível, assim que uma grande inteligência inferior, assim a dizer, de astúcia. Para os escritores dos quais eu falava é a mesma coisa, exatamente a mesma coisa, exceto que neles no lugar de inteligência astuta, existe a inteligência superior. Mas a constituição fundamental do espírito, é a mesma nos dois casos; tanto o criminal impulsivo e astuto quanto o escritor imoral e imaginativo são dos criminosos natos. Seu estado de espírito é idêntico, é a degenerescência.

Veja sobre tudo que os escritores dos quais falamos não traduzem um grau suficientemente notável (alguns nem um pouco) de inteligência de raciocínio. Não sua inteligência superior, é toda feita de imaginação. Ou a imaginação – é a astúcia delicada.

Quando eu considero as invenções desses escritores, tratando geralmente de teses, seja sensual, seja criminosa, eu não posso me prevenir de acreditar que esses escritores que eu falo são apenas criminosos menos ousados e mais inventores, uma aristocracia do crime.

No Portugal, ao menos, existe uma esperança - é aquela no partido republicano. Seja atribuída à decadência portuguesa a um fato social, ou a um fator

político, o português pode ter uma esperança no futuro de sua pátria através do partido anti monarquista. Essa esperança pode ser ilusória; ela pelo menos tem a aparência de não ser, de ser sociologicamente fundada. Porque se a decadência portuguesa é primeiramente social e secundariamente política, nós podemos esperar que a transformação das instituições com a mudança inevitavelmente correspondente na vida social, trará dias melhores. E se a causa da decadência social portuguesa é primeiramente política, o que era apenas uma esperança bem fundada em outra hipótese torna-se uma previsão sociologicamente lógica e mesmo inevitável.

O caso da França é pelo contrário triste. Apesar de sua enorme vitalidade, ela está em decadência - decadência de tal tamanho que sua vitalidade não a cobre - e seja que a causa dessa decadência seja social, que seja política, a esperança é bem mais fraca e sem fundamento. Porque se essa causa de decadência é social, qual é a revolução que abanara até o equilíbrio dos grandes países em dissolução. Uma revolução socialista? Mas o socialismo, estigma de degenerescência social, não pode trazer nada; seus homens são ou sobretudo tão corruptos quanto os homens da burguesia republicana (embora menos - não é possível de ser tanto quanto - que os homens da monarquia) ou de tontos sistematizantes incapazes de um sonho de ação. Uma revolução reacionária? Mas qual confiança pode inspirar os representantes da parte mais decadente da França.

Até admitindo que a decadência seja política; o caso se torna pior nessa hipótese; porque essa decadência vem obviamente do império. Se, então, a república não pôde desfazer o mal enorme que têm feito os homens da monarquia, é que este mal está sem remédio. A outra hipótese - de que o mal vem da república - não pode ser apoiada exceto para os idiotas e os "tendenciosos". A república, como a república, não tem feito nada de mal. Ou ela o encontrou feito pelo império, ou ela o viu se espalhar socialmente fora de sua esfera.

Que a degenerescência do nosso tempo se manifesta mais nitidamente na França é natural, sendo esse país o líder da civilização ocidental.

1. DES CAS D'EXHIBITIONNISME

Préface

Ici, à Lisbonne, et absorbé dans des occupations qui nous éloignent, nous avons lu il y a quelques mois ce fait, qui jusqu'à ce jour-là nous avait resté ignoré: de ce que qu'on exposait, dans des music-halls, (...) - à Paris, des femmes-nues. Cela sentait si fort la décadence - la grande, la profonde décadence - que la surprise m'a été plus que douloureuse. Mais il n'y avait pas là-dedans - je réfléchis - rien à s'étonner. Étant données les immenses forces de décadence - s'il y a quelque chose que l'on puisse appeler une force de décadence - déchaînés depuis longtemps dans la civilisation moderne et, spécialement, dans la France, qui la représente plus que toute autre nation, il n'était pas difficile à prévoir que l'on verrait dans peu de temps des formes plus accentuées - plus accentuées je veux dire, pour la vision - de dégénérescence sociale.

Et pourtant tout esprit naturellement, quoique modestement, épris du bien de l'humanité s'endormait volontairement, voulant échapper en quelque manière à l'inévitable par l'ignorance. Mais ceci ne pouvait durer. Ces «formes plus accentuées», plus visibles «de la décadence», dont je viens de parler, devraient un jour se présenter. Ce jour venu, le péril vu clairement, complètement, il n'y avait pas d'excuse pour l'esprit le plus modeste dans sa sincérité, soit pour rêver, soit pour espérer, soit pour vouloir ignorer.

Rêver, espérer passivement, ignorer volontairement - ce serait lâcheté morale, complicité, ou par lâcheté, ou par analogie de nature.

Quand le bruit des canons éclate, quand la fumée de la poudre s'élève - on ne peut ignorer que la bataille a commencé. S'abstenir d'y prendre part, refuser à défendre les siens, ce serait, ou une lâcheté pure ou une trahison.

Or la guerre entre la décadence et la société a éclaté; que les forts et les sains d'esprit, les logiques, les cohérents, les penseurs, les sincères viennent défendre l'humanité contre l'homme.

II

Le but de ce livre reste indiqué dans les lignes ci-haut. Il n'est qu'une balle dans le combat. Mais étudions d'abord, dans quelques lignes, la forme qui doit prendre cette

bataille. Si nous étions un grand et fort esprit, instruit et pondéré, nous aborderions la question de la dégénérescence de la civilisation occidentale, et, surtout, de la France, dans toute son ampleur, en étudiant toutes ses formes, toutes ses tendances, toutes ses (...). Nous en étudierions l'étiologie, les symptômes, la thérapeutique; nous en ferions le [...] dans la mesure du possible. Ce livre-là, si l'on pourrait l'écrire, serait une belle oeuvre, une oeuvre vraiment utile. Mais l'entreprendre, non seulement pour nous, mais pour de beaucoup qui valent bien plus que nous, n'aboutirait qu'à une oeuvre manquée.

Nous avons donc pris un fait seulement - le fait que nous citons aux premières lignes de cette préface - et de ce fait nous avons cherché à déduire l'état de la conscience et du psychisme social dont il n'était qu'une manifestation.

Même ainsi, l'oeuvre ne devient pas facile. On a d'abord à prouver une chose que beaucoup de gens ne voudraient pas croire, si vraie qu'elle soit; ensuite, il faut faire sortir de ce fait, ainsi éclairé, la signification qu'il a comme symptôme. C'est déjà beaucoup.

Nous ne sommes cependant pas satisfaits, si notre livre appelle un peu l'attention, non exclusivement ou spécialement sur ce fait où il est basé, mais sur l'état d'esprit collectif qu'il représente.

Chapitre premier

Dire qu'il existe une perversion sexuelle appelée l'exhibitionnisme n'est du nouveau pour personne. Aujourd'hui on lit beaucoup sur les perversions sexuelles, non parce qu'elles sont des maladies, mais [tout simplement] parce qu'elles sont des perversions sexuelles. J'espère donc n'étonner que quelques jeunes personnes de moins de 9 ans avec cette déclaration initiale.

Dire, en continuant, que cette perversion consiste dans le besoin d'exposition des organes sexuelles [-ces organes génitaux à [...] -] c'est peu d'originalité [?], car quiconque sait qu'il existe une perversion sexuelle nommée l'exh[ibitionnisme] ne peut manquer de savoir la signification de ce mot dans les dictionnaires de médecine. Par le même les jeunes gens susdites, en entendant la définition du mot, ne restent dans l'étonnement, car, si par hasard ils ignoraient le mot, ils ont certainement l'expérience de la chose à laquelle il s'applique.

Or, il est plus que notre conviction profonde que les cas de nudités publiques dans les music-halls de Paris, et, peut-être, d'ailleurs - car pour nous c'est le fati qui

importe et rien de plus - ne sont que des cas d'exhibitionnisme inévident, masqué. Cette conviction paraît étrange, mais ce n'est que quand on n'a pas étudié la maladie en question. Pour lui montrer que les faits dont nous parlons ne sont que des cas d'exh[ibitionnisme] il faut creuser cette matière, il faut l'approfondir, il faut analyser dans toute son extension cette perversion sexuelle.

C'est ce que nous allons faire.

I.

Là première difficulté que l'on trouve dans l'étude de cette perversion est la nécessité de distinguer le vrai du faux exhibitionnisme. C'est une difficulté qui, cependant, n'est pas écrasante. "si l'on y réfléchit un peu il devient évident que l'exhibitionnisme - dans le sens le plus large du mot- celui que nous l'avons donné avec les lignes introductives de ce chapitre - on trouve qu'on peut trouver dans le fait d'exhibitionnisme progressivement: (1) une action folle, (2) une action de folie de sexualité, (3) une action folle de sexualité consistant dans une action d'exhiber."

Ces considérations produisent la classification nécessaire qui va nous /élucider/ sur ce qui est le faux, le vrai exhibitionnisme. Car naturellement

"(1) Cas où l'action exhibitionnisme n'est qu'un acte fou (c'est à dire, cas de folie, où l'ex[hibitionnisme] est un épisode ou une part de délire)

(2) Cas où l'act[io]n exhibition[nis]te est un acte fou faisant partie d'une excitation sexuelle générale.

(3) Cas où l'acte exhibitionniste.."

Or le fait c'est que l'exhibitionnisme présente tous les caractéristiques d'une impulsion hystérique. Considérez bien la nature de cette perversion et vous le verrez /aisément/. C'est, d'abord, un exhibitionnisme; or on sait bien que l'amour de l'exhibition, de **, de l'originalité est une caractéristique -- c'est même la caractéristique la plus frappante -- de l'état mental hystérique. Nous verrons que l'exhibitionnisme théâtral n'en est qu'une forme, ou, plutôt, une forme plus complexe.

Quelles sont les bases psychologiques de l'exhibitionnisme? Quelle est la psychologie de l'impulsion qu'y mène? C'est ce que nous allons étudier.

Nous distinguerons:

Les exhib[itio]nnismes à impulsion pure

Les exhib[itionnisme]s à impulsion sexuelle

Les exhib[itionnisme]s à impulsion vraiment exhibitionniste

p. 38-39 Salome

Here exh[ibitionis]m is an episode of the insanity.

Ex[hibitionnisme] Vrai.

1. C'est une impulsion sexuelle.
2. C'est une impulsion d'exhiber.
3. C'est une impulsion consciente, théâtrale.

Déf[inition]. L'exhibitionnisme vrai est une impulsion sexuelle et consciente et perverse à étaler théâtralement ses organes génitaux. Il est caractérisé par un sentiment de plaisir dans cet étalage. Notez bien l'étalage.

Regressivité de cette perversion – par contraste à l'inversion sexuelle, par exemple.

L'explication: "C'est pour l'art" est déjà connue par ceus qui l'ont inventée: hystérisme.

Gagne-pain? C'est l'excuse des souteneurs, mais elle ne l'ennoblit pas son métier.

On pense que la pudeur domine (que l'on voit en grand nombre de gens).

Il y dans l'exhib[itionnisme] tendance au statuesque.

Si par hasard il y /a/ quelque homme don't 'lexh[ibitionnis]me /soit/ la seule manie, et ceci sans sexualité – ce ne sera qu'un sélirant.

Le exh[ibitionnis]me vrai a une base consciente et sexuelle.

Le plus il pense à la perversion, le plus il se sent porté à elle.

Formes.

- (1) Antérieure
- (2) Postérieur
- (3) seins (femmes)]

- (1) Á un individu
- (2) Publiquement
- (3) Avec éclat (exh[ibitionnisme] social)

Pensons au social, par exemple la pédérastie. Comment l'excuserait-on? Aisément: en disant que le corps masculin est plus parfait que le féminin, ou de quelque façon analogue.

On finit par croire cette explication.

*Soc.: le sadisme. Dans ce cas on trouverait aussi une excuse.

Cette sottise d'idée que l'exhibitionnisme c'est de l'art est basée sur le fait de ce que c'est un étalage, et, en plus, sur la simulation.

On dit qu'il est décent. On proclame souvent: C'est indécent et voilà pourquoi nous l'aimons.

Que c'est, essentiellement, une tendance à exhibition. Puisque c'est dans un théâtre ou hall – ceci se prouve par soi-même. En effet, de toutes les perversions sexuelles, l'exhibitionnisme était naturellement indiquée comme la plus scénique. Le théâtral est sa nature même.

L'art est une idéalisation. Car le réel en soi n'est pas une idéalisation. Donc ces exhibitions ne sont pas de l'esthétique.

C'est ainsi qu'une photographie peut être belle, mais ce n'est pas de la peinture.

1. Il n'est pas nécessaire de noter que dans les cas en question il y a exhibition génitale. Passons au second point.

2. Il y a impulsion (impulsion) morbide, bien-entendu). Admettons qu'il n'y en ait pas. Qu'est-ce qui pourrait produire cette action? Gagne-pain?

3. Que cette impulsion est sexuelle. Étant donnée l'impulsion, elle ne peut être que sexuelle.

4. Que cette impulsion est consciente.

5. Que cette impulsion est perverse.

Si l'exhibitionnisme est esthétique, cette description d'une chambre est admirable de réalisme artistique:

Dimension 7^m x 4^m x 5^m

Plafond en blanc

Papier bleu et blanc

Un lit

Un **

Un vase de nuit dans le? susdit.

Voilà de l'art.

Nous aurons bientôt d'idiots qui mettront des photographies dans les romans au lieu des descriptions. Il y en aura peut-être qui ne sait composer que des photographies. L'avenir voudrait ne pas illustrer ce volume-là.

Cette dégénérescence hypocrite, car elle n'est pas franche dans son vice, mais cherche des arguments pour l'appeler vertu, ce n'est qu'une sexualisation de l'art, mettant l'instinct sexuel au lieu de l'instinct esthétique – pourtant, réversion de l'art, dégénérescence.

Il y a 2 choses dans l'exhibitionnisme : un étalage et une perversion consciente. (Tous 2 hystériques).

On a conscience de la perversion de cet étalage en tant que perversion.

Cas d'Exhibitionnisme.

As to Maud Allan.

Evolution of Dancing.

criticize her style of dancing and find if it is atavic or degenartive.

Il est évident que les vêtements, /par eux/ ne pouvaient originer le sentiment de la pudeur. Ils pouvaient cependant le maintenir et le développer. C'est ce qu'ils ont fait. Aucune /extériorité/ ne peut faire naître un sentiment quelconque ; les sentiments naissent d'autre façon ; ce que toute /extériorité/ peut faire, (et ce qu'elle effectivement fait), c'est **

Voici la psychologie du Vêtement

1° On n'emploie d'abord le vêtement qu'en tant que /couverture/ pour les parties sexuelles.

2° On emploie couleurs, de la /parure/ (ise des vêtements) pour s'embellir.

3° Les vêtements, étant donnés (ou trouvés) pour la honte des parties sexuelles, d'un côté, les vêtements étant ainsi donnés et, d'autre côté, le goût de la parure étant donné ; la conjonction de ces /instincts ou tendances/ a donné lieu à la conception du vêtement comme parure. C'est-à-dire, l'amour de la parure (de l'ornement) vêtement, originellement simple, expression de pudeur sexuelle.

3° L'usage des vêtements en a produit la nécessité absolue par rapport aux changes atmosphériques. Peut-être dans le Nord a-t-on **.

Examinons maintenant la psychologie **

La question du use, traité /e/e du point de vue psychologique, n'est d'abord que la question de la psychologie des vêtements.

Je ne me demanderai pas /encore/ la cause ou la signification du sentiment /de honte/ qui est attaché dès la plus légère ** vers la civilisations, aux parties sexuelles. Je commencerai par étudier quel a été le rôle du vêtement dans la psychologie humaine, et dans son évolution.

On a /d'abord/ à constater que dans la nature de grandes et /d'/importantes modifications sont produites par des causes apparemment insignifiantes, par 'dextériorités auxquelles on n'attacherait pas ** une signification d'importance.

Il semble d'abord qu'on peut considérer les vêtements et leur rôle sous trois points de vue distinctes : 1° en tant que /défense/ contre le climat – contre le froid, naturellement, car la chaleur ne ** : 2° en tant que production de la pudeur ; 3° en tant que parure.

Examinons plus attentivement cette matière.

On a fait remarquer beaucoup de fois que la véritable et primitive raison d'être psychologique ou naturelle des vêtements n'a pas été ni la décence, ni le /confort/ mais seulement la parure, l'ostentations. C'est ainsi que (quote man from beginning of Spencer's « Education ») dit : **

(Quote other if possible).

Cas d'Exhib[itionnisme]

I.

II.

III. Dédutions sociales.

I. Le public

I. Le fait suprêmement sérieux et important n'est pas – on le voit bien – /es/ exhibitionnisme/s/ des pauvres femmes dont il a été question. Ce qui frappe, quoiqu'il n'étonne pas, c'est le fait de ce que ces exhibitionnismes ont un public – non un public particulier, limité, mais un vrai public, digne d'un tel nom. En /eux/, les cas d'exhibitionnisme que nous avons étudiés ne sont que des cas d'exhibitionnisme (quoique compliqués d'hystérisme) comme tant d'autres qui sont étudiés dans les livres médicaux. Mais ceux-ci sont particuliers (pour ainsi dire), limités : les autres – ceux-/lá/ dont nous avons traité – sont publics. S'ils persistent donc – c'est que le

public les approuve. Or ceci mérite une observation (si légère qu'elle soit) sur ce public et sur sa psychologie.

On voit bien, dès le commencement, qu'on n'a pas affaire à un public sain. Ceci ne comporte pas de contradiction pour une personne saine. Mais il y en a des contradictions. Il faut donc que nous prouvions le point ; ce qui est embarrassant, comme si l'on avait à prouver qu'un cercle n'est pas y trouverons en la cherchant, ou, pour mieux dire, en cherchant l'exprimer, des détails psychologiques, des ** psychologiques qui auront une application dans la suite.

Un phénomène anormal ne peut être ** comme normal que pour un homme anormal

Aux deux espèces d'impuissance qu'on registre dans les livres de médecine on devrait joindre une troisième, au moins quand on ne considère pas la question de l'impuissance d'un point de vue exclusivement médical, mais bien d'un ** plus exclusivement psychologique. Outre l'impotentia coeundi et l'impotentia generandi il y a une impotentia mentalis, une impuissance mentale, qui consiste /dans la faiblesse d'excitation sexuelle normale/, dans la faiblesse de la partie mentale (il n'y a ici rien de platonique) du sentiment sexuel. Il y a une impuissance qui consiste dans la faiblesse de la sensibilité mentale sexuelle, manque de sensibilité aux conceptions sexuelles, aux représentations sexuelles. Cette espèce d'impuissance est souvent liée autre – et toujours, à l'impotentia coeundi par épuisement.

Aimer à voir une action, une façon d'être, c'est le point initial d'aimer à la faire. Car aimer à voir, c'est trouver agréable et trouver agréable c'est trouver bon à faire. L'homme qui aime à voir des cruautés est cruel, quelle que soit l'extériorité de son caractère. L'homme qui aime à voir faire le bien est instinctivement bon.

Il est donc clair que l'homme qui aime à voir l'exhibitionnisme sexuel est mentalement un exhibitionniste.

Fin.

Notre civilisation meurt, surtout la civilisation française. D'où viendra la civilisation suivante ? /Sera-ci/ une civilisation germanique, une civilisation orientale, japonaise ? C'est que nous ne pouvons pas dire.

En tout cas – nous le disons avec une sincérité absolue – si la race française est en décadence – qu'on l'écrase, et vite. Si c'est une civilisation allemande qui doit venir – qu'elle vienne, même en nous terrassant. [. . .] Que le plus fort foule aux pieds

le plus faible rapidement, insensiblement, pour que s'accomplisse l'éternelle loi de la nature. Prolonger par les sentiments la vie des peuples décadents – c'est peu de service à l'humanité.

Les races animales épuisées, agoniques, incapables de sincérité, d'honneur et de /chasteté/ n'ont plus le droit à l'existence.

La France est elle – horreur! – dans ce cas? Elle parait bien avancer à grands pas vers lui. Qu'on l'arrête dans cette route. Qu'on la retienne. /Ne peut-on pas/ la freiner ? C'en est donc fini. Il faut, pour le bien général, qu'elle périsse. Que fait, du reste, au monde une race sans âme, une nation sans coeur ? Rien. Si en effet la France est en décadence (elle ou tout autre pays qui sera dans le même cas) – moi, homme de l'humanité, qui comprends jusque là la nature, n'ai qu'une chose, triste et amère, à désirer : c'est que le peuple qui lui succédera vienne vite /pour/ l'écraser. Brutal ? Sans doute. Horrible ? Très horrible. Triste, amer, ** ? C'est brai.

Mais c'est une loi de la nature...

2. LA FRANCE EN 1950

Fetishists ** can all object “la femme d’un ministre meurt pour un ** et le préfet de police /s’/ est épris d’un pot de chambre “.

Il n’y a pas, /c’/ est clair, de professions comme il y a 50 ans ; aujourd’hui, il y en a quel ques grands groupes professionnels ; ce sont les syphilitiques, les tabétiques, les spermatorretiques, **.

Les noms des choses, les ** ont tous pris une allure amoureuse. Partout, il y a des images pornographiques. Les dames ont un voile au lieu de décolletage ; le voile va jusqu’au genoux, **

Machine de couture “La sensuelle”, appareil à **

** machine à écrire “Épuisence”

Chacun a un pseudonyme, car c’était là l’usage il y a 50 ans chez les apaches, et tels autres.

Compagnie d ‘assurances “L’Oeuvre de Chari”, **

Aux théâtres l’on ne représente que des **

Il n’y pas, -- il n’est besoin de le dire – d’écoles techniques ; il y a seulement “L’É[cole] de Masturbation”, l’É[cole] de Sadisme”et quelques autres de même espèce.

Les mères couchent avec leurs fils, les pères avec leurs filles. On s’ennuie déjà de ça. C’est trop commun. Pas danger d’être laid, car il y a beaucoup de personnes qui aiment le laid.

Tous écrivent des livres. Queslques uns de ceux-ci se limit à des planches de photographes d’après *créations avec le text en bas.

Toute conversation est sexuelle.

Beaucoup de gens se sont faits prêtres, parce que il y lá le charme du défendu.

Il y a des temples à des hystériques et à des protituées, parce que ce sont là les déesses du peuple français.

Les statues ont beaucoup d’amants.

La science s’est changée en enquête sexuelle. Il y a des professeurs d’abortion et d’infanticide. On lit dans les journaux q[ue] des enfants de 4 ans se sont suicidés parce qu’ils ou elles ont été abandonnés par leur amantes ou amants.

La plupart des gens sont photogéniques.

Aux théâtres on fait des tableaux vivants.

Rien de fort, rien de vrai, rien de sain – pourtant de la pourriture vivante.

On a trouvé des voluptés étranges, leur exemple : estropier les pauvres, les tordre les oreilles, **

Beaucoup de femmes d'esprit se meurent à la vue de ces choses. Et celui-là c'est muet, suord et eveugle. Il est sain parce qu'il ne peut avoir de grande relation entre lui et le monde.

Les modes sont très ** ; les dames ont des goûts exquis, qui sont, tout simplement, la continuation de ceux d'il y a 50 ans. Il y a les chapeaux les toques pot-de-chambre.

Vendus par la "Maison à l'oeuvre de chair doré", au Palais **

Beaucoup de gens sont atteints d'un très grand nombre d'espèces de folies.

(car dans cet la France est depuis quelque temps une colonie de l'Allemagne.)

Les théories métaphysiques abondent, car chacun a une à soi ; toute sont compliquées, personne ne peut les comprendre.

Je dédie cet article aux Français modernes, aux "raffinés", aux "chercheurs de voluptés"aux ***.

Les d'aliénés ne sont pas très pleins, mais c'est simple, c'est qui insistent a n'enfermer que des gens sains, qui sont les anormaux.

M. est accusé de n'avoir pas violé un enfant de 2 mois.

Il a répondu qu'il pensait ce qu'il ferait mieux que de violer quand on l'avait attrapé. Il ne méditait aucune offense à la décence du comité socialiste.

C'est extraordinaire qu'il y ait aujourd'hui un manque d'esprit gaulois.

On lave les assiettes avec le sang des petits enfants qu'on a violés et égorgés. On n'essuie pas les assiettes après. C'est – m'a-t-on dit—une volupté un eu vieillée.

On a obtenu des éjaculations séminales en mangeant le corps d'un petit enfant.

Le sperme d'animal comme breuvage ne fait pas déjà la mode.

J'ai été l'autre jour à voir une école de demoiselles. Le nom de l'école est "Institut San Hymen". Il a été fondé, me dit-on, par une bémérité qui avait eu 14 mille amants et qui est morte, à ce qu'il paraît de son dévouement.

Les jeunes files dans ce pensionnat sont très bien élevées. Elles apprennent le plus de vices possible, et il est vraiment charmant de voir avec quelle facilité les chères petites dindes les apprennent !

Les punitions – il est vrai – ne sont pas très légères ; par exemple, une petite fille qui a un peu crié parce que une autre l’a employée pour quelque acte de sadisme a été condamnée par un conseil de professeurs à n’avoir que 3 amants et 6 amantes et à mettre un vêtement de façon à ne laisser entrevoir que la partie supérieure du corps ! C’est horrible !

Une autre a été punie **

Ces punitions ont soulevé beaucoup d’indignation publique et il y a eu grève des employés des postes.

Mme Jérébite Jaudasamier a été mise en prison parce que, à ce que l’on dit, elle a commis le crime de pudeur, ayant, dit-on, rougi légèrement à cause d’un homme et 5 femmes qui étaient couchés sur le pavé. Elle a nié son crime.

Mlle ** a été condamnée à 4 jours de chasteté pour s’être refusée, dit-on, à se livrer à ses deux fils en même temps.

M. ** a été ** devant le tribunal parce que sa fille, ayant déjà 2 jours, il ne l’avait pas encore violée.

M et Mme ** ont été condamnés à ne se donner que des baisers pendant une heure et demie pour avoir commis la perversité de faire l’acte sexuel à l’ancienne façon. À leur sortie du tribunal le peuple s’est manifesté très violent et on a entendu dire sur eux des mots tels que “gens vertueux” et même, on a honte de l’écrire, “pudiques”.

Le crime, suivant ce que l’on dit, a beaucoup diminué ; on ne constate un crime qu’en cas d’attentat à l’indécence.

Ministère

Écoles * pénalités

Le garçon qui parle pendant la leçon est défendu de se masturber plus de 2 fois par jour.

Attentat à l’indécence

2 ans lettres.

No such country here in the old place, but it is no longer called France and it is a province of another country: the people like sex enough. Statues have been raised to
*

Maudit celui qui en rira!

Honni soit qui en rira !

Malheur à celui q[ui] en rira !

La natalité est presque nulle – ce qui est très avantageux. La mortalité est si grand que M. *, chefe de *, a très bien dit que la plupart des vivants /étaient/ des morts.

Germany must conquer, or help to conquer some Slavic race. A country, as an organism, is not animated. All is struggle and conflict. The oddest is the weakest. So the weakest goes to the wall.

Nous outres – les autres nations- ayons soin de nous arranger de façon à ne pas être entraînés dans leur chute.

Ici il n'y a pas des gens /normaux/, ce qu'il y a c'est de gens deux fois anormaux, des sexuels des fois invertis, de façon qu'ils sont en retour à la normanité. Je connais même um Monsieur qui à nous paraît être très normal, mais qui, à ce que l'on affirme, n'est que 4 fois anormal. Comme 2 négatifs font un positif, tous ces gens
*

L'autre jour fut mais en /prison/ un nommé M. Couche-dans-le-lit-de-4-femmes Giraud ; son crime était de se refuser de commetre l'inceste. Il se * très finement en disant que toute l'humanité étant sa soeur, toutes les femmes étaient ses soeurs et par conséquent couchant avec une femme quelconque, il couchail avec sa soeur.

Um homme nommé * (qui est gérant de la Compagnie d'assurances 'Volupté Surhumaine', ayant l'outre jour perdu une partie de son testicule gauche, et ayant rouvé, par ce qu' auparavant on appellerait une perversité, cette perte plaisant, el a été pendant quelque temps à la mode de perdre un * de cette part du corps. Mais, à ce qu'on rapporte, c'est un plaisir à ne pas être exagéré.

On étudie beaucoup aujourd'hui les grands hommes et de précieuses monographies dues aux distingués talents de plusieurs illustres litterateurs ont été écrites ces dernières années. Tout en n'ayant pas de traiter la partie littéraire de leur oeuvre, on s'applique de plus à déterminer quelle serait la longueur de leur verge.

End.

Il y aura peut-être quelqu'un qui pourra penser que cette satire est indécente et qu'elle est immorale. Ce serait le propre d'un idiot de penser ainsi ; car les plus grands hommes de science ont aujourd'hui reconnu et constaté ce fait, que les idiots pensent bêtement, et qu'ils font des sottises.

Dans cette satire il y a de la grossièreté énorme, très consciemment voulue.

La littérature * des onanistes moraux, des gens sans sens moral, des * de la littérature argumenter. La loi du * ne peut rien faire.

Il n'y a pas de mot – on le prévoit – pour classer la bassesse et la lâcheté de ces âmes ordurières et bourgeoises. Un écrivain écrit pour l'humanité, pour ses semblables (?), pour *. Celui qui fait la corruption, de la volupté (c'est leur mot favori), de la pornographie *, celui qui jette au visage de l'humanité l'ordure de sa bassesse d'âme, * est un irresponsable, c'est * un idiot moral à qui on devrait enlever le droit de voter, de prendre part de choses publiques *, même de disposer de leur propre avoir.

Je hais la prostitution des rues, mais je sais que pire est celle des âmes.

La société veut faire * le progrès, et c'est triste que les dégénérés viennent mettre à

Honte à celui qui trouvera cette satire amusant. Honni soit qui en rira!

Messieurs les Souteneur

French satire

Dedicace. Au temps

cher et estimé maître...

Je n'aime pas la France plus que je n'aime quelque autre pays ; pour moi tous les pays sont la même chose. Ce que je n'aime pas, c'est la corruption et la décadence. Il m'importe peu quel système de société a n'importe quel peuple, ou quelle est sa

façon de penser ; mais ce qui ne plaît pas c'est que ce système soit celui des souteneurs et que cette façon de penser soit celle des idiots et des imbéciles.

Du reste, MM. Du Saussay et Mmes Jane la Vandère, ** pourront continuer à écrire leurs romans (passe le mot), leurs études de moeurs de tel ou tel pays, de n'importe quel époque, nous savons bien qu'il n'y à que **.

Ce n'est pas moi qui /peux/ les empêcher; **

Ces Messieurs feront bien de mettre à la fin de leurs ouvrages les adresses respectifs, les indications pour trouver les compétentes maisons de filles. Il n'est pas nécessaire d'y joindre l'importance de la commission qu'ils gagnent – cela peut rester secret.

Pour faire leurs ouvrages plus intéressants, (car à présent elles sont très bêtes) ces Messieurs peuvent entrecouper le texte avec des annonces de pastilles contre l'impuissance, de ** pour la chaude-pisse et syphilis, de seringues vaginales, etc.

Quant aux éditeurs et publieurs d'images nues (Étude Académique etc.) – de l'art je crois qu'ils l'appellent -- **

Cessez de vous /lamenter/! La décadence est venue! C'est le règne des souteneurs et des prostitués, car aujourd'hui même ces gens-là écrivent des livres.

Duel. Pas de mal avec des revolvers “Vierge dans la nuit de nocé” et avec des balles “Cupidon naissant”. Le seul effet a été de *** la mortalité d'un des combattants qui n'ont usé que l’** “flirt”, peu de chose.

Ceci est-ce la France? Non, c'est un pauvre peuple.

L'épithaphe sera écrit sur son tombeau. La lapide sera faite des /capas/ de ces livres et sur elle en des lettres de merde par la main du temps sera à peu près comme ça: Ci gît le peuple français. A fin de se faire un peuple de souteneurs il n'a pas pu se soutenir.

Si MM. Du Saussay etc écrivent ces livres en artites ou en littérateurs, ils sont fous. S'ils les écrivent pour de l'argent, ou même pour gagne-pain, il est, il faut leur dire, de/s/ façons de gagner le pain qui déshonorent. Si MM. Du S. etc. sont auterus de ces livres pour de l'argent, s'ils acceptent un sou que ce soit de gain de leur vente, ils sont, carrément des souteneurs.

Jusqu'/à/ aujourd'hui on n'avait pas noté qu'entre les nombreux /ornats/ de caractère et d'intelligence qui généralement se distinguent dans l'esprit des prostituées et des souteneurs, celui d'écrire des livres! Que le public en prenne note! C'est une

nouvelle manifestation de talent souteneuriel. Il faut en dire quelque chose. Les livres ne manquent pas. Ce sera à propos du premier venu. Le voilà, c'est le **. Non; ce ne sera pas /celui-ci/

Ah, bien – très bien, ce sera ce livre pour cette semaine, “** -- de M. Victorien de Saussay.

Commençons par le commencement. La /capa/ est un dessin, assez bien fait **

La 2^e page nous présente quelque chose d'intéressant, c'est la liste des ouvrages de M. De Saussay: La voici, **. Chez un peuple qui se respecte une telle liste suffirait à jeter l'auteur des ouvrages mentionnées hors la société.

Ceci par la raison que ce n'est pas une habitude de **

Ames basses, âmes mesquines et sans** qui ne pensent jamais au mal qu'ils peuvent faire, à l'effet de leurs oeuvres sur l'humanité, ou, au moins, sur cette part – qu'elle soit petite – de l'humanité qui les lit.

Écrire des choses qui peuvent nuire aux autres, qui peuvent leur faire du mal est un crime.

Ces infortunés jetés par ironie dans la littérature, quand leur place est dans les bordels, ces pauvres âmes perdus de souteneurs intellectualisés qui trouvent à propos de provoquer la vice, de multiplier de toutes leurs forces le malheur... où le mot violent qui leur conviendra, où le nom qui ne soit trop faible pour la bassesse de leur existence plus qu'inutile?

À l'homme qui viole une fille on le met en /prison/; à celui qui provoque dans les cerveaux jeunes l'esprit dont vient la masturbation, dans les cerveaux faibles les perversions et ** --{a celui qui ainsi se porte en souteneur doublé de ** on ne le fait rien, on l'admire quelquefois, quelquefois on l'appelle auteur, artiste même.

Que la loi soit juste pour tous. Si le peuple français trouve bien ces écrits, si ces romans, ces contes, ces ** sont agréables à son caractère c'est un peuple perdu, un peuple malade. Les souteneurs ne sont admirés que /par/ d'autres souteneurs.

Pauvre peuple qui fut un des plus grands sur la terre. Quand **

Je m'abstiens entièrement de considérer les oeuvres de Mme. Jeanne La Vaudère. (je ne puis plus dire).

Fin: On connaît la définition de liberté que donna ce prêtre de je ne sais où: “Je ne veux pas qu'on m'emmerde”. C'est ça que le peuple français devait dire au pluriel, à

moins qu'il ne soit déjà emmerdé. Mais c'est là bien le cri: "Je ne veux pas qu'on m'emmerde".

La merde de leur existence

Penser, c'est difficile; rêver, aucunement. On rêve même en dormant.

Reformer l'humanité c'est très difficile. La ** c'est très facile Il est facile aussi, par exemple, de laisser pourrir les mets – on n'a qu'à les laisser pourrir. Les conserver – voilà la difficulté.

Il n'est pas encore avéré que les mets se conservent davantage dans les latrines.

On peut dire, par exemple, c'est de la méchanceté d'appeler M. Maeterlink un idiot. Ce n'est pas du tout une de la méchanceté. Car ce serait une mauvaise ** si c'était possible q[ue] le dit Monsieur réussi à le croire et à en souffrir. Mais, par la nature de la chose même, c'est impossible. Car si, par exemple, je disais à un âne: "Tu es un âne" jamais le dit âne ne le croirait

Je ne veux pas approfondir la raison.

à propos j'ai a vous conter une jolie historiette, qui peut être fable ou symbole. C'était dans un village quelconque d'un pays quelconque; ni le village ont rien d'avoir à l'affaire. Un /bonhomme/ de la localité avait /invité/ pour quelque jour un ami de la ville. Celui-ci arrivé, le matin le hôte lui demanda s'il avait bien /passé/ la nuit.

"non", répondit le voyageur, "je ne sais pas bien pourquoi, mais je n'ai dormi du tout.

L'hôte s'étonna; aucun des deux ne put trouver la raison d'être de cette insomnie.

Les deux matins suivants même question de la part de l'hôte, même réponse de la part de l'invité; l'insomnie continuait.

Le cas fit penser le bonhomme de province; il mit à but de résoudre. Il prit un large pot-de-chambre plein d'ordure et le mit dans un coin de l'appartement.

"quelque chose familier, de * dans l'atmosphère, n'est-ce pas?"

"c'est ça . je me crois à la ville.

Je demande au peuple français:

Ce symbole que signifie-t-il?

J[e] d[emande] aussi au peuple français *

Le voyageur de cette histoire à quel peuple ressemble-t-il?

Si je pourrais frapper plus dur, je frapperais.

Fin.

Le titre réel de cette société sera “** et Sotisse”, mais on emploiera comme firme ““compagnie pour l'embellissement du Monde”.

Directeur

Secrétaire: M. V du Saussay

Relatoire (aussi)

Il est à supposer que les nombreux attentats contre la pudeur, * sont dus à la bénéfique influence de la Compagnie. On doit très spécialement noter les viols d'enfants, indication indubitable du progrès; la Comp[agnie] espère qu'elle n'aurait été sans influence dans ces événements. On peut toutefois constater que le nombre des délits sexuels (ainsi on les appelle quelque fois) est encore très petit, étant, à ce que l'on croit inférieur au nombre des décès. C'est une chose à laquelle il faut penser.

Statuts de la

Compagnie de Pornographie, de Sottise et de Merderie.

Société Anonyme de Responsabilité très limitée.

Conseil d'Administration:

MM. Anotole France (and others of name)

par-devant le notaire du monde M. **

** année

La resp[onsabilité] ** (et même de tous concernés) est extrêmement limitée.

J'ai entendu conter il y a peu de temps l'anecdote qu'une sage-femme ayant par négligence mis un enfant au lit la tête en bas et ceux qui venaient n'en ayant vu que le derrière, ceux-ci se seraient retirés plein d'horreur de la monstruosité qui venait d'être mise au monde. Comme on le voit, l'anecdote est probable mais dans ce cas-ci elle est superlativement instructive.

** car je conviens qu'autant que le derrière de l'enfant susdit était sa figure, la ville de Paris est le digne du nom de cerveau de l'Europe. La belle **!

Je vois où tend le monde littéraire tout entier: à faire le roman sur le De Modo Cacandi de Tartaretus.

Answer to them: Consider self not grat, but, certainly, greater than them all. Moral an social respect. Pitty them universally and undoubtedly.

My own case and my own tendencies.

J'avais lu de ces livres et sentant ce qu'ils faisaient en moi, flairant en moi le commencement de la corruption, je me suis révolté, indigné, d'abord contre moi-même, puis contre ces écrivains.

Je le confesse, sans pénitence aucune, je suis entièrement un révolté, je ne me révolte que contre le mal. C'est pour cette raison que je m'appelle révolté; si j'étais comme la plus grande partie des révoltés **

La Litt[érature] des Souteneurs.

Un livre qui peut être compris par le cerveau et par la moelle épinière.

La forme de votre statue est quelquefois belle – je l'admets. Mais pourquoi tailler votre statue en merde?

Les coeurs prient. Les âmes s'étalent, et elles sont pourries. La mort d'une société est plus horrible que la mort d'un organisme individuel. La société pourrit (se décompose) en vie.

3.MESSIEURS LES SOUTENEURS

Il ne suffit pas que dans la merde de n[otre] existence nous nous trouvions toujours en face de l'ordure; non, MM. Les Souteneurs la ramassent et nous l'offrent confectionnée par eux. (Pour les sains, inutile: on sait qu'on ne mange pas ça).

Vous connaissez sans doute cette histoire du ** qui avait par habitude de faire en boucles tous les matins ses excréments par ordre de grosseur sur le parquet? C'est un cas véridique, et cependant je me demande si cet-homme-là n'avait dans la tête quelque idée de se faire un symbole. Oui, j'y pense, car c'est l'emblème le plus frappant de l'oeuvre des MM les Souteneurs littéraires.

La société malade et stupide ramasse ses propres excréments, leur donne des forms artistiques et les dresse devant /soi/; les excréments (vous le comprenez bien) ce sont les passions basses et dégénérées de souteneurs et de prostituées, les formes de boucle, etc., sont les formes tittéraires, artistiques, dramatiques qu'on leur donne. "Mais on donne les Souteneurs?" Oh, MM. Les Soteneurs – ce sont les instruments, ce sont par conséquent le mains de la société qui ainsi s'amuse.

"Oui; et le type qui ainsi s'amusait se /salissait/ les mains, sans doute".

C'est bien cela et c'est pourquoi je dis **

La société intimement (come le type en question) est malade, mais se sont surtout les mains qui sont plus sales. C'est justement le symbole des mains ordurières qui fait des *MM Souteneurs litt[éraires] artites *viles.

Ce pamphlet est écrit en toute sincérité et n'est pas fait pour rire. Il faut bien que dans la société il y ait des excréments, mais il n'est as nécessaire que l'on laisse à ces excré,[ents] le droit de parfumer tout. L'excrément, c'est la tittérature qui aujourd'hui abonde.

Si du reste, le peuple français arrive à sentir de l'ordure **

Le tableau de la décadence d'un peuple est toujours pénible, et ce qui y est plus triste est que le peuple qui dégénère ne s'en soucie guère /jamais/.

Mater Natura, fiat Voluntas tua!

C'est en socialiste que j'écris contre eux, c'est socialiste que je propose contre l'invasion dans le milieu social, dans l'humanité que nous voulons développer, de cette infamie en livres, de ctte ordurerie imprimée. C'est en / tant que/ socialiste que je dresse toutes les formes de mom âme contre les dégénérés égoïstes, * incapables de

penser cohérente et de raisonnement vrai. L'humanité – pour le moins notre civilisation – est déjà malade ; il faut lutter durement, sincèrement avec toutes les forces de ce qu'on appelle l'âme pour amoindrir le mal.

Les offenses à la moral publique sont toujours très grave, même où il n'y a pas le morale publique; elles sont plus dangereuses que les offenses politiques.

On peut comprendre d'ailleurs, comme chose à demi raisonnable, le crime politique anarchiste *. Par exemple, rien de plus compréhensible que l'assassinat du roi Carlos de Portugal. Mais il y a beaucoup de chose que l'excusent.

Les attentes portées à la morale n'ont pas excuse possible; ce n'est pas l'esprit révolutionnaire (car on ne se révolte q[ue] contre le mal), ce n'est pas *. C'est l'individualisme oppresseur.

Oui, c'est par cella que je combats toute manifestation de salete el d'érotisme dans la littérature, dans le théâtre – tous oartis. Oui, car autant que je has le dictateur, le roi absolu, le tyran, autant que je hais l'homme qui fais mettre des autres dans une prison, qui fait touer et déshonorer, /tant/ je déteste la sensualité littéraire, l'homme qui met les autres dans la prison e la bassesse d'âme qui leur tue l'esprit d'élévation, qui les déshonore par les contact avillissant de sa mentalité ordurière et stupide.

Je hais le sensualisme littéraire parce que c'est une attente à la liberté individuelle, et j'aime el je respecte plus que tout outre chose, la liberté due à chacun.

Si l'homme était libre, ce serai bien; ne l'étant pas, l'erotisme littéraire est un crime grave.

N'étant pas fou je ne demande pas aux Souteneurs de raisonner *

La liberté (comme je l'ai prouvé autre part) consiste /en/ trois choses: 1° étant né, continuer à vivre- par laquelle raison on ne peut pas- même sa douleur – tour quelqu'un. 2° vivant, vivre sans douleur – par laquelle raison on ne doit faire du mal, causer de la peiner à quelqu'un. 3° vivant, se développer au plus de*

Il ya eu des grandes hommes sensuels? c'est vrai, mais il n'étaient pas grands par leur sensualité mais par leur grandeur. Shakespeare n'est pas * que le viol de Lucrece (quote Pascal). La vérité est que ls petits esprits aiment toujours à voir qu'ils ressemblent aux grands par quelque endroit si ne soit que par le derrière

Il est facile, Pascal disait, d'être sensuel comme il est facile de tomber d'un précipice. On n'a que ne pas tenir main en soi.

Qu'est-ce qui caractérise le crime d'oppression politique? En quoi consiste-t-il? Dans l'épanchement de la personnalité, dans l'usage anti-sociale de la force psychique, dans le **

Ce cas ne diffère pas de celui-là. Un homme qui écrit érotiquement suit son sentiment sensuel; un tyran suit son sentiment de dominer. Tous les deux sont des égoïstes, inégalement dangereux, selon les conditions et selon le moyen où ils vivent. Mais ce n'est pas le dictateur ou le roi absolu qui est toujours le plus dangereux.

On m'a dit qu'il y a des personnes qui ont des idées socialistes et qui ** écrivent des livres plus au moins immoraux. Ce ne peut pas être. Des id[ées] anarchistes ou socialistes, je le crois, car l'anarchisme est l'expression égoïste et individuelle du sentiment de révolte, ceci dans le meilleur cas. Socialiste est immoral? Non. Fou, peut-être, ou imbécile, ou /pendard/. La démocratie est l'ordre, le socialisme est la glorification de la loi, c'est la loi nouvelle, égalitaire et libérale dans les limites du possible. Il ne peut donc pas avoir un cerveau bien équilibré où se mêlent des idées si antagonistes que le socialisme et l'immoralité.

Le mieux qu'on peut en dire est qu'un homme peut être sincèrement socialiste, et, au même temps d'un tempérament sensuel. Bien; Qu'il soit sensuel chez lui et non dans les livres. Être sensuel n'est pas crime, être immoral, c'est-à-dire écrire sensuellement, publiquement est un crime d'autant plus grave que l'intelligence de l'écrivain est plus grande.

Mais tel est l'état des choses actuel que des imbéciles comme M. **, et des incurables idiots comme ** (pour ne pas citer quelques individus de l'autre sexe, à juger par les noms) – tel est l'état des choses que ces faibles d'esprit ont une clientèle littéraire, un public à eux.

Oui le caractère le plus répugnant de ces œuvres, c'est qu'elles sont terriblement bourgeoises. Un homme qui blasphème est religieux; l'irreligieux ne blasphème pas, il ne voit pas dans la religion une valeur quelconque, et pourtant ne l'attaque en blasphémant. L'érotique pervers, l'hyperexcité sexuel sont très bourgeois, parce que le caractère de pervers et d'hyperexcité n'élimine pas celui d'extérieur ou d'excitation sexuelle, et on sait que le bourgeois que ce Théophile Gautier!

Mais nous sommes jeunes, s'écrient ces grands auteurs, nous sommes jeunes, excepté ceux qui ne le sont pas. C'est la même chose que si je demandais à un vagabond qui jetait de l'ordure sur les passants: "pourquoi faites-vous ça?" et il me

répondrait: “parce que je suis jeune, je puis m'abaisser et par conséquent ramasser l'ordure, et , pourtant, la jeter sur les gens”. C'est la même chose, tout à fait. Personnellement, cependant, je préfère qu'on me jette de l'ordure.

La politique funeste (anarchisme et capitalisme), l'art des souterneurs (réalisme, naturalisme **), la religion de ** attendent la pauvre humanité dans son chemin vers l'avenir. Grâce à eux, elle y arrivera très sale. Car je me figure les trois dans la route, ramassant ce qui est sur les chemins, et criant, l'une “je vous jette de la liberté”, l'autre, “voilà la beauté”, l'autre “voici le bien”. Et c'est ce qui est sur le chemin qu'ils ramassent. Boue, au nom de l'homme! Ordure, au nom de la liberté! Au nom de Dieu, merde!

L'art- ah, l'art et la beauté – ce sont 2 choses très belles; ce n'est pas au bourgeois de les connaître. Un bourgeois pète n'est qu'un bourgeois. C'est ne pas la *** un bourgeois, pour dire que 'lon ne l'est pas, pour **. Par exemple, en bas d'une caricature d'un M. Josset, j'ai lu ceci: “le bourgeois ** par bonté ** pas”. J'ai parcouru le plus grand nombre des caricatures de ce M. Et en effet je trouve quelque chose d'analogue. Seulement je comprends pourquoi le dit Josset ne veut pas admettre que le bourgeois pense bien ***: c'est qu'il ne veut pas être bourgeois. Car ce serait intéressant de savoir où est manifesté le *** de M. Josset.

Un ** nauséabond s'exhale de cette pourriture d'esprits, de cette bassesse d'âmes. Les cabinets secrets ont une valvule avec de l'eau pour nettoyage; les sentines de ces coeurs n'ont ni même cela, ou, si elles l'ont, il est longtemps cassé. Il y a des désinfectants qui peuvent faire propre les /canalisations, etc./; mais pour le malpropreté (filth) de ces âmes, il n'y a de désinfect[ant] moral.

Du reste, ceux d'entre les écrivains qui s'appellent modernes et qui sont plus grands, sont frppés de cette **. Rien est sain chez eux. Ils ont l'amour irritabilité.

Leur socialisme n'est pas fait d'amour ni de pitié, mais si de révolte inconsciente, de l'esprit de contradiction qui, loin d'être grand, est petit chez les idiots.

Leur anarchisme, ce qu'ils appellent leur esprit de révolte ne naît pas ** mais seulement de l'irritabilité du dégénéré et de son désir faible de se singulariser et d'épater le normal. C'est de la folie pure.

Autour de cette âme centrale de l'étrange composition de bassesse, d'étroitesse d'esprit de supersition sans religion, de dadotage sans pensée, d'inspiration sans idées, les facultés individuels se groupent.

Ils n'ont aucune religion; je ne les blâme pas – moi aussi je n'en ai pas (de religion proprement dite). Mais ils ont presque tous de la superstition. Et s'ils sont irreligieux gradez v[ous] bien de croire que c'est par force de raison – non, aucun d'eux ne sait raisonner; ni par indignation – aucun d'eux ne sait aimer, et quand ils veulent être pleins de pitié ils étalent une pleurnicherie exagérée, même comme pleurnicherie – caractéristique du /dégénéré inférieur/.

On a dit: “l'homme est la nature prenant conscience de soi (même)”. On peut appliquer ici le simile: ces auteurs, cette société est /de/ l'ordure prenant conscience de soi. La nature devenue consiente dit “que moi nature suis grande”. La merde devenue ** dit “que moi, artiste, que moi homme de société, suis grand!”

La nature jouit de soi, de son existence dans l'homme, ignorant sa bassesse. L'ordure se ***, se complait.

Le lecteur aura remarqué un peu scandalisé et \neg que j'emploie incessamment des termes sales, tels qu'ordure, merde, etc. Qu'il en passe ces expressions d'ailleurs inévitables. C'est une chose étrange que quand j'écris sur ces auteurs je ne pense qu'à ces saletés. Je ne peux penser à ces MM. Sans penser à merde et à de l'ordure. Du moment que ma pensée se dirige sur ces MM elle trouve \neg immédiatement de la merde, de l'ordure, de la saleté. C'est un phénomène d'association d'idées sur lequel j'appelle l'attention des personnes compétentes.

Ce n'est pas aucune habitude de enser salement, ni \neg , mais l'ass[ociation] d'idées est si forte que je ne puis m'empêcher de penser de cette manière

Honneur à eux, pauvre souteneurs! Gloire à leurs esprits!

La dégénérescence croît et aucun homme ne le voit **

Le temps /futur/ collectionne les pages de leurs livre pour en faire les pierres de leurs tombeaux, du grand tombeau de leur pays; et sur ce tombeau l'Histoire écrira en lettre de merde l'épithaphe qui leur convient.

Mais cet épithaphe l'Histoire le trouvera. Mais je ne puis le trouver. Il n'y a pas de mots, ni de combinaisons de mots qui puissent donner expression à toute la rage faite de dédain, de justice et d'aversion profonde.

Honneur aux souteneurs! Paix aux ** Gloire à ceux qui prostituent leur espèce. Si quelqu'un tache de prostituer l'humanité? Car l'h[umanité] est plus que femme, fille, soeur.

Moi qui écris je suis fou **

Sont ils des artistes? Non. L'art n'a rien à voir avec la moralité; par conséquent il n'a rien à voir avec le mal ni avec le bien, mais seulement avec la perfection. L'art ne doit être ni bonne ni mauvaise, car c'est encore une bêtise de ces souteneurs de dire que l'art n'a rien a voir avec la moralité, tant en ne voyant pas qu'elle n'a pas non plus rien à voir avec l'immoralité.

Sont-ils des artistes? Non, je le répète, non.

Sont-ils des penseurs Non, /non, non/. On sait aujourd'hui q[ue] ce qui caractérise les penseurs c'est penser, ceux-ci ne pensent jamais.

III- Apêndice

Textos atribuidos a Jean Seul

Jean Seul.

Dans la place Octave Mirbeau, dans le quartier entre /la/ Rue Félicien Champsaur et /la/ Rue Lacenaire, ** pas e l'

Institut Marquis de Sade pour l' ** des jeunes filles

** les mageurs d'ordures, que l'on appelle ici des /anthropophages/.

Un jeune libertin ayant trouvé un nouveau plaisir en ** les yeux de sa grand-mère, il est devenu ** de l'imiter; l'opposition à ce raffinement n'ayant /eu/ d'opposition que chez quelques vieilles dames, /vieillies pour le plaisir/.

Seul

Rien n'est; tout passe,

Tout est son cours,

Le jour se lasse

D'être le jour.

Les pleurs qui coulent

Déjà s'écroulent,

Les yeux qui ↯

Le temps – vautour.

Roule donc boule

Roule donc, roule

Toujours, toujours

4.TEXTOS SUPLEMENTARES

J'ai été anarchiste, aux 17 ans, et je sais bien quelle est dans son essence la théorie de l'amour libre; c'est celles de ce qu'on peut aimer aujourd'hui une femme, demain une autre, si l'on veut. On peut aussi, si l'on veut, aimer une femme toute sa vie, tout à fait comme dans le mariage.

L'anarchisme est le /*faisant théorie/ l'impulsion malade et non soumise au /contrôle/ de la volonté consciente et raisonnée. En général l'état intellectuel du dégénéré supérieur (meneur) et du d[égénéré] inf[érieur] (mené) est l'intellectualisation de l'impulsion et de l'obsession. Les théories anarchistes en sont un bon, sinon, le meilleur exemple. Elles incluent toutes la suppression du pouvoir, l'élimination du mariage, par exemple **. Tant une chose que l'autre sont absolument contraires à la science; seuls les idiots et les dégénérés peuvent penser le contraire. Le but de l'évolution n'est autre chose que la /concrétisation/ de l'ordre, son affirmation (strengthening). Le mariage est le moyen par lequel la nature dans la société fait la sélection du plus pur. Mais me dit-on, le mariage actuellement n'est pas ainsi; il est fait en vue de l'argent, de la *position. Vous argumentez donc, non contre le mariage en soi, mais contre son état actuel, contre les imperfections qu'une société dégén[érée] (sentez-le bien) lui impose. Vous êtes donc avec moi; nous sommes d'accord.

Mais, me dites vous, croyez vous donc que la cér ** the ceremonial can make the love, that the fact of being called Mrs. Can make woman purer? No, if I thought that I ** je serais sot ou fou. Personne ne le croit. Mais le mariage n'est pas une cérémonie, ni **; ces choses-là ne sont que des conventions. Le mariage est l'amour constant et fidèle d'un homme pour une femme; il n'est plus que ça. Un homme qui s'unit à une femme sans rien de cérémonie; c'est-à-dire qui vit toute sa vie en concubinage (comme l'on dit) avec cette femme-là, est marié.

Mais, donc, répondez vous, vous donnez dans notre théorie. Je me permets /de/ répondre que je ne comprends pas comment. Ou bien vous, êtes contre le mariage en soi, ou bien vous êtes contre le cérémoniel, le ** du mariage, si vous vous /tenez/ seulement à ce dernier, pourquoi ne le dites vous pas?

La vérité est que votre "amour libre" n'est pas une chose dont vous ayez une idée quelconque. C'est purement une impulsion qui se transforme en idée mi-consciente et que v[ous] croyez tout naturellement avoir produit par v[otre] raison, par v[otre]

raisonnement (même le vôtre). En tant que phénomène psychologique cela suffit à ce que je comprenne v[otre] théorie: c'est une impulsion dégénérée

En avez une idée claire? Eh, bien que veulent dire ces mots “amour libre”? De deux choses possibles ils font qu'ils signifient l'un ou l'autre: un “am[our] l[ibre]” veut dire pouvoir d'aimer indistinctement, cette femme aujourd'hui, celle-là demain, l'après demain cette autre etc.; ou, différemment, “am[our] l[ibre]” signifie se lier avec une femme pour la vie mais sans cérémonie extérieure, sans changement de Mlle en Madame, sans registre, sans fête etc. Dans le 2^a cas, vous attaquez les imperfections du mariage.

Mais enfin – me dites-vous – vous donnez encore dans notre théorie. Car en faisant le mariage non-cérémonial, non-extérieur, en donnant à l'homme et à la femme le libre droit de se séparer vous dites la même chose que nous. Pas tout à fait la même chose, je l'aurais dit si j'eusse fini, mais j'ai encore quelque chose à ajouter.

Actuellement le mariage conventionnel est la forme de sélection et le faiseur de respectabilité. Mais la société moderne, tout en admettant le mariage, ne le respecte pas trop; c'est la dégénérescence, c'est la décadence de cette même société. Si argumenter contre les défauts d'une chose était argumenter contre elle que serait terrible. Par exemple, si je vous prouve que la religion catholique est mauvaise je ne me vois plus à l'inquisition car serait l'attaquer par le côté plus noir.

Mais, peut-on répondre, ce qui produit, ce qui devient mauvais est en soi pas bien. Si par conséquent le mariage venait à être comme il est, il avait en soit la possibilité de le devenir, il était imparfait.

Oui, c'est vrai, mais il y a certes une grande réponse: ce n'est pas seulement le mariage, mais le fin qui dégénérerait, c'est tout, c'est une loi générale de l'évolution.

Ce qu'il faut déterminer est si le mariage avec toute sa possibilité de devenir mauvais est inférieur à l'état d'amour libre. Dans l'amour libre évidemment on ne peut dégénérer ni être immoral.

La réponse à cela frappe de mort la théorie entière.

La perfection étant impossible dans le monde, le seul état dont on ne peut dégénérer, le seul*, est la dégénérescence en soi: l'amour libre est dans la dégénérescence pure.

(Deg[eneration]n is actual state; pure love is pure atavism. Is it so?)

On ne peut pas être anarch[iste] sans être malade ou inconscient.

Sentimental triade against anarch[ism] at end.

Reason hence on deg[eneratio]n. nest page.

(logical basic of anarchism: pessimism which is linked to and is true, which anarchism is only taking pessimism out of its sphere).

Pourriture psychique

Quand la matière a fait son rôle,

/Eternisé/ dans un moment

Dans le /passage/ court et drôle

Un être qui n'est q[ue] néant,

Et dans l'éternel mouvement

Qui est sans *

(et la matière vie et nue)

Par où la beauté a /passé/

Dans la matière est /dissolue/

Et l'esprit- oh, je n'en sais rien

Était-il appui ou soutien?

Était-il forme ou apparence?

N'a-t il *

Et la pensée dissolue

Mais (oh! Miracle pas d'un Dieu)

Dans chaque lieu entière et *

Et cette nourriture de l'âme

Est moins laide que la Beauté.

Discours socialiste (Suite des Satires)

L'heure est à nous!

La société actuelle – celle qui se donne le nom particulier, exclusif de “la société” – est un amas d'escrocs, de souteneurs et de prostituées. Tout y est dégénéré et

corrompu, la pourriture de ces âmes est plus laide que la plus vile vilaine pourriture des corps les plus ignobles.

L'heure est à nous! Cette société est mourante; ces hommes dégénèrent ** sont moribonds. Ce qu'est moribond /est ce qui va mourir/. Cette société va mourir. Une autre société la substituera, un autre ordre de choses viendra; que cette société la nôtre, que cette ordre de choses soit celui qui sera par nous!

L'heure est à nous! Il faut agir, il faut combattre dès aujourd'hui, dès ce moment même. Celui qui sait lutter, qu'il lutte, pour lui-même et pour ceux qui ne savent pas combattre. En avant! Ayons les coeurs purs, les âmes fortes, les corps chastes **, d'autre façon nous ne vaincrons pas, et même que nous /vaincrons/ notre victime ne serait pas celle des travailleurs forts sur les souteneurs, mais celle d'une quadrille sur une autre, d'un groupe d'apaches sur une autre groupe.

Oui, l'heure est à nous! Combattons! Mais pas avec sang, pas avec **, pas avec haine. Ne tuons, n'attaquons pas ces dégénérés sans /coeur/; écartons-les et suivons notre chemin. Que nos mains soient pures comme nos coeurs; que nos coeurs soient purs comme nos mains!

Je ne dis pas: Soldats, à la guerre! Je dis: hommes, à la paix! La guerre est du temps des tyrans, ce sont les hommes qui aiment la paix, Les lâches non – ils aiment la guerre, entre les autres;

Je ne vous dis pas non plus que v[ous] restiez passifs, que v[ous] ne résistez pas; au contraire v[ous] devez être chacun de vous un principe fait un cerveau, un amour fait un coeur, une action faite un homme.

Me voici avec v[ous], un *homme de l'unité!

Entre ces littérateurs et les criminels-nés il y a une analogie parfaite. Dans les criminels-nés on constate une absence de sens moral, une faiblesse de volonté /ordonnée/ avec augmentation de volonté impulsive, ainsi qu'une grande ** d'intelligence inférieure, c'est à dire, de ruse. Pour les littérateurs dont je parlais – c'est la même chose, tout à fait la même chose, sauf que chez eux au lieu d'intelligence de ruse, il existe de l'intelligence supérieure. Mais la constitution fondamentale de l'esprit, c'est la même dans les deux cas; tant le criminel impulsif et rusé que le littérateur immoral et imaginaire sont des criminels-nés. Leur état d'esprit est identique. C'est la dégénérescence.

Notez surtout que les écrivains dont nous parlons ne traduisent pas à un degré digne de note (quelques uns pas du tout) l'intelligence de raisonnement. Non, leur intelligence supérieure, c'est toute faite d'imagination. Ou l'imagination – c'est la ruse délicate.

Quand je considère les inventions de ces écrivains, portant généralement sur de thèses, soit sensuelles, soit criminelles, je ne puis m'empêcher de croire que les littérateurs dont je parle ne sont que des criminels moins hardis et lus inventeurs, une aristocratie du crime.

En Portugal, au moins, il y a une espérance – celle dans le parti républicain. Soit que l'on attribue la décadence portugaise à un facteur social, ou à un facteur politique, le portugais peut avoir de l'espoir dans l'avenir de sa patrie de par ** du parti anti-monarchiste. Cet espoir peut être illusoire; il n'en a moins l'apparence de ne pas l'être, d'être sociologiquement fondé. Car si la décadence portugaise est d'abord sociale et secondairement politique, on peut espérer que la transformation des institutions avec le changement inévitablement correspondant dans la vie sociale, amènera des jours meilleurs. Et si la cause de la déchéance sociale portugaise est d'abord politique, ce que n'était qu'un espoir bien fondé dans l'autre hypothèse devient une prévision sociologiquement logique et même inévitable.

Le cas de la France est tout autrement triste. Malgré son énorme vitalité, elle est en décadence – décadence de tel ordre que sa vitalité ne la cache pas – et soit que la cause de cette décadence soit sociale soit qu'elle soit politique, l'espoir d' ** est tout autrement faible et sans fondement. Car si cette cause de décadence est sociale, quelle est la révolution qui ébranlera jusqu'à l'équilibre le grand pays en dissolution. Une révolution socialiste? Mais le socialisme, stigmate de dégénérescence sociale, ne peut rien amener; ses hommes sont ou d'autant corrompus que les hommes de la bourgeoisie républicaine (quoique moins – il n'est pas possible de l'être autant – que les hommes de la monarchie) ou de radoteurs systématisants incapables même d'un rêve ferme d'action. Une révolution réactionnaire? Mais quelle confiance peuvent inspirer les représentants de la partie plus décadente de la France?

Admettant même que la décadence soit politique; le cas devient pire dans cette hypothèse; car cette décadence vient évidemment de l'empire. Si, donc, la république n'a pu défaire le mal énorme qu'ont fait les hommes de la monarchie, c'est que ce mal est sans remède. L'autre hypothèse – de ce que le mal vient de la république – ne peut

être soutenue exceptés par les idiots et les “tendancieux”. La république. En tant que république n'a rien fait de mal. Ou elle l'a trouvé fait par l'empire, ou elle l'a vu se dérouler socialement hors de sa sphère.

Conclusão

Levando em consideração as informações apresentadas conclui-se que a pesquisa apresentada é de grande relevância para os estudos relacionados a Fernando Pessoa, pois, Jean Seul de Méluret passa a ser analisado nessa pesquisa, para nos mostrar que ainda é possível nos surpreender com a magnífica e vasta obra de Pessoa. Sabe-se que a cada ano novos textos atribuídos a ele são encontrados e catalogados para que seus leitores conheçam seus pensamentos e ideias, e assim possa compreender um pouco mais os pensamentos deste celebre escritor.

Logo, considerando o que foi observado durante a investigação sobre esse heterônimo tão incomum ao universo pessoano, podemos constatar que há vários aspectos que tornam Jean Seul único, a começar pela língua em que escreve, Pessoa possui alguns excertos em língua francesa, é fato, mas que possuem uma natureza distinta ao gênero deste seu heterônimo francês, seja no estilo ou na temática que envolve os textos. Durante a investigação sobre Jean Seul de Méluret, tornou-se notório que Pessoa deteve dificuldade em produzir estes fragmentos, pois, a obra atribuída a este heterônimo possui, em sua grande parte, algumas lacunas entre abertas, mas que não interfere a sua compreensão, nem o seu sentido.

Pode-se constatar que a obra analisada nessa dissertação é dividida em três textos, *Des cas d'exhibitionnisme*, *La France en 1950* e *Messieurs les souteneurs*, mas que ainda possui alguns textos suplementares que fazem ligação entre os textos principais a partir dos temas abordado entre eles. A temática que compõe esta criação, possui uma esfera que é composta por textos voltados a sexualidade, ao grotesco e a degradação social, que também são assuntos pouco recorrentes entre o ortônimo, Fernando Pessoa, bem como seus outros heterônimos. A atribuição a isto deve-se às influências de Jean Seul, mencionadas por Pessoa: Marquês de Sade, Octave Mirbeau, Felician Champasur, bem como escritores decadentes franceses.

A formação desta pesquisa, também teve como objetivo, trazer uma versão em língua portuguesa, pois, até o momento desta conclusão, ainda não se tinha o conhecimento de uma tradução para o português, que agora poderá ser também analisada pelos leitores que não possuem o domínio da língua francesa, idioma original da obra escrita por Pessoa. Contudo, essa transposição do idioma de origem, para a língua portuguesa

passou por diversos estágios, iniciando pela leitura realizada pela Equipa Pessoa, bem como a sua edição composta pelas conjecturas e códices, até a sua tradução literal, que forma a conclusão desta dissertação.

Referências

- BADIOU, Alain. *Manifesto pela filosofia*. Versão e nota por MD Magno. Angélica Psicanálise e Cia. Rio de Janeiro: Aoutra, 1991.
- _____. *Pequeno manual de inestética*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- BATAILLE, Georges. *L'érotisme*. Paris: Le Mond, 1966.
- BEAUVOIR, Simone de. *Faut-il brûler Sade?* Paris: Gallimard, 1955.
- BERARDINELLI, Cleonice. *Fernando Pessoa, outra vez te revejo*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.
- BLANCO, José. *Pessoana*. Vol. I. Bibliografia passiva, selectiva e temática referida a 31 de dezembro de 2004. Lisboa: Assírio & Alvin, 2008.
- BRÉCHON, Robert. *Estranho estrangeiro: uma bibliografia de Fernando Pessoa*. Trad. Maria Abreu e Pedro Tamen. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- CABRAL MARTINS, Fernando (Coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. São Paulo: Leya, 2010.
- CAMPOS, Augusto; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo. *Mallarmé*. 4 ed. Inclui separata com o texto francês do poema *Un Coup de Dés*. Coleção Signos 2. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- CASAI MONTEIRO, Adolfo. *A poesia de Fernando Pessoa*. 2 ed. Organização de José Blanco. Lisboa: INCM, 1985.
- _____. *A poesia portuguesa contemporânea*. Lisboa: Sá da Costa, 1977.
- CHAMPSAUR, Félicien. *L'orgie latine*. Paris: Lib.-imp.: Réunies, 1918.
- GASPAR SIMÕES, João. *Camilo Pessanha*. Coleção a Obra e o Homem 16. Lisboa: Arcádia, s.d.
- _____. *Vida e obra de Fernando Pessoa – história de uma geração*. 2 ed. revista e acompanhada de um novo prefácio. Coleção Figuras de Todos os Tempos. Lisboa: Bertrand, [1971].

- GERSÃO, Teolinda. Para o estudo do futurismo literário em Portugal. In *Portugal futurista*. 3 ed. fac-similada. Contexto: Lisboa, 1984.
- JÚDICE, Nuno. O futuro em Portugal. In *Portugal futurista*. 3 ed. fac-similada. Contexto: Lisboa, 1984.
- LAUTRÉAMONT, Comte de. *Oevres completes – Les chants de Maldoror. Lettres. Poésies I et II*. Préface de J. M. G. Le Clézio. Edition établie, présentée et annotée par Hubert Juin. Paris: Gallimard, 1973.
- _____. *Os cantos de Maldoror. Poesias I e II*. Prefácio: Silvina Rodrigues Lopes. Trad. Manuel de Freitas. Lisboa: Antígona, 2008.
- _____. *Os cantos de Maldoror. Poesias, cartas*. Tradução, prefácio e notas de Claudio Willer. 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- LIMA, Ângelo de. *Poemas in Orpheu 2 e outros escritos*. Coleção Memória do Tempo. Lisboa: Hiena, 1984.
- _____. *Poesias completas*. 2 ed. Organização, prefácio e notas por Fernando Guimarães. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- MALLARMÉ, Stéphane. *Poemas lidos por Fernando Pessoa*. Tradução e prefácio por José Augusto Seabra. Incluí fac-símile do exemplar de *Poésies* de Stéphane Mallarmé (Paris, 1913) da biblioteca particular de Fernando Pessoa. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.
- MARTINHO, Fernando J. B. *Pessoa e os surrealistas*. Lisboa: Hiena, 1988.
- MATOS, Mauricio. *Ao longo da ribeira – estudos de Literatura Portuguesa (2000-2010)*. Manaus: UEA Edições, 2015.
- MIRBEAU, Octave. *Les jardin des supplices*. Paris: Gallimard, 1988.
- Orpheu*. 2 ed. do volume I. Lisboa: Ática, 1971.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. 3 ed. 3 reimp. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Organização de Celso Lafer e Haroldo de Campos. Debates 48. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- PESSANHA, Camilo. *Clepsydra*. 2 ed. com substanciais acréscimos. Estabelecimento de texto, introdução crítica, notas e comentários por Paulo Franchetti. Lisboa: Relógio D'Água, 1995.

- PESSOA, Fernando. *Correspondência 1905-1922*. Organização de Manuela Pereira da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Correspondência inédita*. Organização e notas por Manuela Parreira da Silva. Prefácio de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Horizonte, 1996.
- _____. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. 2 ed. Edição e posfácio de Richard Zenith com a colaboração de Manuela Parreira da Silva e traduções de Manuela Rocha. Lisboa: Assírio & Alvim, 2014 a.
- _____. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Mensagem – Poemas esotéricos*. Edición crítica de José Augusto Seabra, coordenador. 2 ed. 1 reimp. Colección Archivos. Scipione Cultural. Madrid; París; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX, Université de Paris X, 1997 a.
- _____. *Mensagem*. Edição preparada segundo o exemplar de 1934 corrigido pelo punho do poeta. Org. Cleonice Berardinelli e Mauricio Matos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- _____. *Obras de Jean Seul de Méluret*. Edição e estudo crítico de Rita Patrício e Jerónimo Pizarro. Série Maior. Edição crítica de Fernando Pessoa, vol. VIII. Lisboa: INCM, 2006.
- _____. *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardinelli. Série Maior. Edição crítica de Fernando Pessoa, vol. II. Lisboa: INCM, 1990.
- _____. *Poemas de Álvaro de Campos*. Fixação de texto, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999 b.
- _____. *Poemas ingleses. Tomo II. Poemas de Alexander Search*. Edição de João Dionísio. Série Maior. Edição crítica de Fernando Pessoa, vol. V. Lisboa: INCM, 1997 b.
- _____. *Poèmes français*. Édition établie par Patricio Ferrari. Préface de Patrick Quillier. Collection Clepsydre. Paris: De La Difference, 2014 b.
- _____. *Teoria da heteronímia*. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

PESSOA, Fernando; CROWLEY, Aleister. *Encontro Magick* seguido de *A Boca do Inferno (novela policiaria)*. 2 ed. Compilação e considerações de Miguel Roza. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

RIBEIRO, Bernardim. *Obras*. Organização, introdução e notas de Helder Macedo e Mauricio Matos. Lisboa: Presença, 2010.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Correspondência com Fernando Pessoa*. Edição de Teresa Sobral Cunha. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Obra completa*. Volume único. Introdução e organização por Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

_____. *Verso e prosa*. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim,